

The Creative Commons logo, consisting of the letters 'cc' inside a circle, followed by the words 'creative commons' in a sans-serif font.

cc creative commons

The Creative Commons logo, consisting of the letters 'cc' inside a circle, followed by the words 'SOME RIGHTS RESERVED' in a sans-serif font.

cc
SOME RIGHTS RESERVED

The background of the book cover is a dark, abstract image with a greenish-yellow glow. It features faint, circular patterns that resemble constellations or orbits, with some text like 'MILITARY' and 'COAST GUARD' visible in the background. A bright, glowing light source is visible on the right side.

HUGO MAXIMO
**MUNDO
BIZARRO**



HUGO MAXIMO

MUNDO BIZARRO

© Copyleft © 2007 Hugo Maximo.
Alguns direitos reservados ao autor.



Projeto Editorial:
H. Maximo

Capa:
H. Maximo

Você pode encontrar mais informações e livros deste autor em:
www.matrixordinaria.blogspot.com

Ficha Catalográfica

Maximo, Hugo
Mundo Bizarro / Hugo Maximo. Blumenau:
Produção Independente, 2007.

374 p.

1. Ficção brasileira. I. Título.

Este trabalho está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-Uso Não-Comercial-Vedada a Criação de Obras Derivadas 2.5 Brasil. Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/br/> ou envie uma carta para Creative Commons, 171 Second Street, Suite 300, San Francisco, California 94105, USA.



Para Bruno Maximo.

“Existe uma teoria que diz que quando alguém descobrir exatamente para que serve e de que é feito o Universo, então este desaparecerá e surgirá algo novo, muito mais estranho e bizarro. Existe uma outra teoria que diz que isto já aconteceu.”

Douglas Adams

“Um, dois, três... o Cara do Machado, está sempre aí do lado!

Quatro, cinco, e seis... um Castelo pro seu Rei, lá no Manicômio!”

(Cantiga infantil local)

Prólogo

A verdade estava ali, disfarçada em uma mesa de reuniões, esguia como uma cobra, cambaleante em meio a fumaça. Muita fumaça. O cheiro de cinzas dos cigarros apagados também escondia a verdade. É claro que todos usufruem as vantagens do processo, mesmo que indiretamente. Assim é a Ciência. Contudo, nem todos desenvolvem tais capacidades, fato evidente, ou o número de mortos não se limitaria aos dados apresentados pela Comissão. Fato bizarro, caso bizarro e meses de discussões, mas um único consenso: a Imprensa fica de fora. O ser humano é pleno de possibilidades, completamente capaz de digerir tais prodígios, mas em bando, são animais. Caos, pânico, um estouro de boiada ilustraria muito bem as conseqüências. Seres humanos, somos assim, e isto é um fato.

O único agente diretamente envolvido está morto. Três sobreviventes, três testemunhas. Pura sorte. Nem

tanto, destas, apenas uma pode ser classificada como *testemunha ocular*. A verdade, contudo, não agradou a Comissão.

Apesar da polêmica, a discussão não era acalorada. Justamente o contrário. Tratava-se de uma disputa silenciosa pela razão. Olhos estudavam-se de modo frio e cirúrgico, o poder era meticulosamente medido, e só assim cada lado fornecia seu parecer. As explicações técnicas tomaram todo o primeiro mês de reuniões. Capacidades, possibilidades e limites, todos computados e esmiuçados aos olhos da Comissão. Inevitavelmente o caso fora aceito como verdade, e à eles caberiam esconder essa verdade.

I

PARTE

VALE DO TOURO

“Podem me ajudar?
Eles estão no meu cérebro!”

Ozzy Osbourne

01

Sussurros

Ele Caminhava devagar. Os tênis brancos implorando para serem trocados, mas isso não o incomodava. Sabia que estavam gastos mesmo que não pudesse vê-los. Depois do acidente, não se preocupava muito com a própria aparência, bastando, em seu próprio entender, parecer simplesmente apresentável. Continuou caminhando até que a bengala tocou no banco. Sentou-se cuidadosamente deixando os ombros caírem, sentindo o sol que começava a esquentar aquela negra manhã. Sentiu o perfume barato de alguém que sentava ao lado e ouviu claramente o som de um jornal sendo folheado. Perfume feminino, doce demais para ter sido comprado em uma perfumaria. Um artigo de farmácia talvez, com melhores

chances, de um supermercado. Ficava imaginando se a mulher sentada ao seu lado era bonita ou não. Normalmente cheiros projetavam imagens, assim como os sons. Desenhos se formavam em sua mente de acordo com os estímulos que recebia. Desta forma podia compor o cenário a sua volta. Rostos, no entanto, não eram fáceis, e especialmente rostos de mulheres. Com homens, bastava imaginar um queixo quadrado como o de seu pai e pronto, ou então, quando a voz era mais aguda, um queixo ossudo sustentando um nariz pontudo e a imagem estava pronta. Agora, com as mulheres a composição era mais trabalhosa, e isso é o que mais detestava em ser cego. Estava condenada a beleza das mulheres que já havia conhecido. Sentia falta do brilho nos olhos de uma mulher, das insinuações aparentes, dos leves relances de desconcertos e da ingênua e pura timidez. Paciência. Estava acostumado. Isso fazia parte de sua vida, agora, tanto quanto a bengala branca e o para de óculos escuros, mas de qualquer forma, não era obrigado a gostar.

Um ônibus parou ruidosamente, os freios gemendo alto, pareciam velhos e gastos, quase cansados. O cheiro de óleo queimado atingiu o rosto do jovem cego com

força, fazendo-o franzir o nariz. A moça ao seu lado levantou-se apressada, esquecendo o jornal. Ele sabia que este não era o seu ônibus. Esperou que a moça chegasse até o veículo para anunciar solenemente:

— Moça! O jornal!

Estava se exibindo, mostrando do que era capaz. Mostrando que podia ver o mundo mesmo sem ver. Era algo um tanto quanto infantil, mas era divertido. Quando gritou, estava olhando para frente, fitando o vazio por de trás dos óculos escuros. Isso porque não sabia exatamente a direção em que a moça estava. O barulho do motor confundiu seus ouvidos, e na imagem mental que formou da cena, a mulher flutuava de um lado para o outro embalada pelo monótono som do ônibus ronronando.

A moça, que já havia subido no primeiro degrau do veículo, voltou-se para ele indecisa. Por alguns segundos não soube exatamente o que fazer. No instante seguinte voltou ao banco, antes trocando olhares com o motorista. Apenas com os olhos, o homem de grossos bigodes cinzentos atrás do volante deu a entender que não sairia dali sem ela. Num impulso idiota, a moça balançou uma das mãos na frente do rosto do cego, como que testando

sua deficiência. “Que teste infalível?”, pensou Tel ao sentir o calor da moça a um palmo de seu nariz, juntamente com o perfume doce.

— O jornal fez barulho — explicou, fingindo estar constrangido. — Eu pude ouvir.

Ela agradeceu sem jeito, apanhando o jornal de qualquer maneira, voltando depois para o ônibus. Tel abriu um sorriso maroto. Sabia que era uma brincadeira boba, mas na verdade estava fazendo o que todos fazem: chamando a atenção para si. Todos fazem isso, a todo momento, e em toda a natureza. Como pássaros atraindo fêmeas com suas belas plumagens. Seus métodos eram um pouco diferentes, mas a tática era a mesma. Tentava se mostrar naquilo em que era bom. E Tel era perceptivo e não se cansava disso. Antes não. Antes era terrível, não suportando o modo como as pessoas ficavam desconsertadas com sua presença. Não por mal, apenas porque não sabiam exatamente como deveriam agir. Mesmo não podendo ver, podia sentir os olhos sobre si. Constantemente sabia (ou sentia?), o desconcerto das pessoas em relação a sua deficiência. Os sussurros eram piores. Odiava os sussurros. Mas de certa forma, gostava

do modo sem graça das pessoas, era uma vantagem. Tinha aprendido a aproveitar as vantagens, pois elas eram sua única defesa.

O ônibus se afastou e junto com ele o cheiro de óleo misturado ao adocicado perfume da moça do jornal. Ao perceber que outro veículo grande se aproximava, apalpou o painel exposto do relógio. Talvez o próximo ônibus fosse o seu. Ouviu alguns passos curtos e sentiu um odor azedo. Suor de criança. Podia estar enganado, mas achava que eram meninos. Já havia errado algumas vezes, afinal, dependendo da idade, crianças cheiravam iguais.

— Ei garotos! — disse. Os passos pararam. — Podem me dizer o nome do ônibus que vem vindo?

— Não sou garoto — disse uma.

— *Ele é cego* — sussurrou a outra.

Odiava os sussurros.

Eram meninas. Errara de novo. Acontecia, mas não podia se queixar. Estava melhorando, três acertos em cinco. Elas permaneceram em silêncio. Não iriam responder, pois foram extremamente ofendidas.

— Desculpe — disse.

— É o ônibus do centro.

— Obrigado — disse, levantando-se e fazendo sinal para o ônibus.

— Como soube moço? — perguntou uma delas.

— Pelo som — ele estava sorrindo. Estava se exibindo novamente. — Há uma diferença entre ônibus e caminhões. Vocês nunca notaram?

— Não. Que legal.

— Que pena — disse já entrando no ônibus. Voltou-se para elas, fazendo uma carreta, assim como quem conta um segredo. — Fechem os olhos... vocês vão ouvir melhor.

Depois o ônibus partiu. Tirou algumas moedas do bolso e parou na roleta.

— Mexendo com as meninas, Tel? — perguntou o cobrador, enquanto contava as moedas. — Que coisa mais feia!!

— Quer dizer que não eram mulheres!! — brincou.
— Droga Ulisses, como pude ser tão cego!

— Você não existe, cara. É o cego mais engraçado que eu conheço — disse Ulisses rindo.

— Eu sou o único cego que você conhece...

— É verdade.

— Mesmo assim, obrigado — disse ao pegar o troco. — Mas é Sr. Cego pra você, espertinho. E não se esqueça de me avisar quando passarmos pela ponte.

— Eu nunca esqueço Tel... nunca esqueço.

Ulisses. Grande homem, grande nome. Era seu amigo, gostava dele. Era a simplicidade por natureza. Um homem negro de fala grossa, com coração de uma criança. Sua voz era capaz de transmitir imensa tranquilidade. Conversavam todas as manhãs, menos nos finais de semana. Gostava de futebol, esse era seu assunto predileto. Assistia a todos os jogos, sem exceção, e parecia torcer por todos os times também. Conversavam a viagem toda, do ponto até o centro. Ulisses sempre falava da vida ou de como estava o céu. Sempre descrevia o céu, dizendo se haviam muitas nuvens ou se estava nublado, com a solenidade de quem estava prestando um serviço de utilidade pública. Tel podia sentir pelo sol quando havia nuvens ou se estava nublado, mas deixava ele dizer mesmo assim. Gostava dele. Apreciava essas conversas. Às vezes tinha a impressão que os assuntos eram sempre repetidos, o clima, os times e as rodadas do final de semana, alguém que havia morrido ou algo novo na

cidade. No entanto, as conversas não eram mecânicas, muito ao contrário. Faziam parte de uma rotina agradável e mútua. Tel tinha certeza de que se, por algum motivo, tivesse que pegar outro ônibus, sentiria tanta falta de Ulisses quanto o cobrador sentiria a sua. Apesar de só se falarem no curto trajeto, que durava apenas poucos minutos, eram grandes amigos. Sabia que gostava de futebol, sabia que era viúvo e que não tinha filhos. Tel o conhecia e o considerava. Sabia que Ulisses era confiável, tal qual uma rocha. Sabia que tinha um aperto de mão forte, e pela voz, achava que devia ter seus quarenta e tantos, talvez mais. Sabia que fumava cigarros paraguaios, só pelo odor. Podia reconhecer sua voz em uma sala cheia de pessoas cantando, mas infelizmente... não conhecia seu rosto.

(Ele é cego...)

Odiava os sussurros.

02

Rejeição

Ele havia lido e relido. Pode-se dizer que não era o seu tipo de literatura. Falando francamente: quem diabos lia esse troço?

— Uma droga!

— Que isso? Ela é uma ótima escritora...

— Uma droga que é! Ninguém quer ler sobre o fim do mundo, de onde ela tira essas coisas? Sinceramente acho que ela é doida! Diz pra ela escrever poesia, aí quem sabe eu publico alguma coisa... afinal, qualquer um escreve poesia.

— É ficção cara. Ela escreve ficção, e sinceramente eu gosto do que ela escreve, acho devíamos publicar.

— A resposta é não, agora tire sua bunda gorda daqui e me traga alguém que saiba escrever!

Uma coisa era evidente: uma placa na porta dizendo “editor chefe”, não conferia bom gosto a ninguém. Ele era o manda-chuva e podia cuspir fora o que achasse necessário, mas ela era uma boa escritora. Jorge apesar de contrariado, podia interceder por ela. Alguns telefonemas e tudo seria resolvido. Mas apesar de ter bom gosto, Jorge era um covarde. Sabia disso, assim como sabia que já estava “queimado” com os chefões. Claro que o livro era bom, e seria lucro na certa, além do fato dele estar atraído pela garota, mas isso não valia o emprego. Era o que seu pai costumava dizer: “Jorge, o homem que troca seus amigos ou seu trabalho por um rabo se saia, não vale o sal da sopa”. Ele passava horas imaginando de onde diabos o seu pai tirava essas coisas. Era coisa de gente velha. Parece que ele ia desistir da moça, mesmo que sua intuição não concordasse, era o que devia ser feito. Sua intuição já lhe rendera bons lucros com livros e contos. Foi assim que subiu na editora. O antigo patrão dizia que ele tinha um dom, mas era um covarde. Isso significava que a jovem escritora de pernas longas e bem torneadas

teria que se virar sozinha. Afinal, Jorge tinha mulher e filhos para sustentar, e o tempo de militante já estava há muito enterrado naquele enorme arquivo chamado passado. Uma pena... mas o mundo era assim. Tudo que tinha de fazer agora, era dar o telefonema de misericórdia. Essa era a pior parte de seu trabalho. “Escuta, seu livro é bom, mas no momento estamos com nosso quadro completo, entraremos em contato em breve. Não desanime”, e essa merda toda.

No passado, ele havia lutado mais. Foi assim que conquistou seu espaço, defendendo o que julgava valer algum dinheiro. Isso não soa muito bem, mas era um bom dinheiro. Trabalho era trabalho. Um escrevia, outro publicava. Claro que a porcentagem era menor, mas o capitalismo era assim, funcional, mas imperfeito.

Nestas horas, Jorge sempre lembrava com certa amargura do passado. As aulas bem preparadas, preparadas com o senso de responsabilidade de um professor iniciante e idealista. O manuscrito de um romance policial que morava na gaveta, que ainda deve existir em algum lugar, provavelmente espremido entre a hipoteca da casa de dois banheiros e o diploma

universitário. De certa forma, sabia o que os escritores sentiam quando eram rejeitados. Já havia passado por isso centenas de vezes. Centenas não, milhares. Essa conversa fiada, que seria mais humana se fosse dita com sinceridade. Claro que isso seria um erro, pois quem sabe se o fulano escrevesse algo bom no futuro. Era preciso manter o vínculo. Só que desta vez era diferente. O livro era muito bom. Certamente seria publicado por alguma outra editora. De forma alguma estranharia vê-lo nas livrarias em cinco ou seis meses, tampouco descobrir que estaria na lista dos mais vendidos. Certamente teria vontade de cortar os pulsos ao ver a segunda edição, mas algo bom viria disso. Poderia jogar o sucesso da moça na cara do editorzinho cretino.

Passou pela secretária bufando frustrações. Caiu pesadamente em sua cadeira de imitação de couro marrom. Discou rapidamente e esperou o sinal. Depois de algumas chamadas ela atendeu.

— Norma, é você?

— Sim, quem...?

— Jorge. Tudo bem, menina?

— Tudo, e você?

— Podia estar melhor, mas não se ganha sempre, certo? — Jorge sentiu-se um idiota dizendo isso. Havia saído sem querer.

— É, acho que sim. O que foi Jorge, é o livro?

— Desculpa Norma, eu fiz o possível...

(Uma droga que fez, seu cretino mentiroso!)

— Tudo bem Jorge — Norma quase chorava. — Sabia que ia ser difícil.

— Mas o livro é bom!

(Isso não adianta agora, covarde!)

— Tudo bem Jorge, eu agradeço mesmo assim — era realmente de dar pena. — Tenho que desligar, nós... nos falamos depois. Até.

— Até...

Desligou. Jorge inconscientemente buscou pelo antiácido, escondido estrategicamente na gaveta do meio. Estava se sentindo um perfeito idiota. Seu estômago protestava violentamente contra o telefonema. Ele engoliu quase meio vidro do líquido pastoso, ainda sentindo a queimação. O resto do dia estava estragado, azedo como os sábados de ressaca. Mas isso ele suportava, já estava acostumado. O que realmente o incomodava, era a certeza

de ser um covarde. Claro que ele sempre suspeitou disso, mas de forma discreta, acabava convencendo as paredes e o travesseiro dia após dia, noite após noite. Agora, no entanto, a verdade estava evidente. A palavra flutuava nitidamente em sua cabeça.

(Covarde, *covarde*, *covarde!!!*)

Ossos do ofício... uma pena, realmente uma pena.

03

O sinal

Ela estava voltando para casa. Havia esquentado e o sol castigava. Era hora do almoço, estava faminta e cansada. Foi realmente uma benção todos terem sido dispensados. O escritório estava em reformas, não precisaria voltar durante a tarde, nem no dia seguinte. Poderia almoçar tranquilamente, sem ficar vigiando o maldito relógio na parede engordurada da lanchonete. Depois de esticar as pernas na frente da televisão, poderia dar uma geral na casa. Sabia que os vidros da sala exibiam digitais, de pelo menos duas semanas de idade. Teria que descongelar algo para comer, pois não tinha dinheiro para o pão. Os últimos trocados foram gastos na passagem de

ônibus. Caminhou para o portão, rezando para o marido não estar em casa.

A porta da frente estava aberta... mas até aí tudo bem, Douglas costumava esquecer essas coisas, sempre que estava

(bêbado)

com presa.... porque havia pensado nisso? O marido não bebia mais. Ele prometera. Sabia que não estava sendo fácil. Podia ver que ele estava se esforçado, dormindo agitado, fumando um cigarro atrás do outro, se contendo como podia. O admirava por isso, estava orgulhosa. Não podia pensar nisso agora, não agora que as coisas estavam melhorando. Fora promovida no escritório, não precisava mais trabalhar nos finais de semana. Douglas ainda estava desempregado, mas estava se esforçando para conseguir um emprego. Respondia todos os anúncios, era só uma questão de tempo. Prova disso é que não estava em casa, ele havia saído para

(beber)

procurar emprego. Tinha que para de pensar besteira. O marido estava mudado, um casamento de oito anos estava sendo salvo, ele não faria besteira agora. Não

agora que ela pensava em ter filhos. Ele não seria tão baixo ou fraco. Desde que deixara a bebida, estava mais carinhoso, e sabia que ela estava feliz. Sabia que ele a amava. E ela o amava também. Ele não faria besteira, tinha certeza disto.

— Merda! — disse ao ver café derramado na toalha de mesa. Mas ficou feliz. “Ele tomou café”, pensou, “saiu para procurar emprego”. — Graças a Deus!

Estava agora se sentindo culpada por não confiar na reabilitação do marido. Isso não era justo com ele. Era difícil, e ela sabia. Mas ele era forte. Depois da bebida, ele havia voltado a ser o homem com quem havia se casado. Abraçava-a com mais ternura do que nunca. Voltaram a fazer amor todas as noites. Sabia que às vezes ele usava o sexo para esquecer a vontade de beber, podia sentir a diferença. Mas isso não importava, pois sabia que era amada. Ele a amava muito. E se isso o fizesse esquecer da bebida, muito melhor. Afinal, também já havia usado o sexo com ele antes. Não havia mal nenhum nisso, pois se amavam.

Depois de almoçar, esparramou-se na frente da TV, assim como havia planejado, mas resolveu deixar a

limpeza dos vidros para depois. Assistiu TV, depois lavou a louça e foi ler um pouco. Depois cochilou.

O Sonho brotou com facilidade. Estava se casando de novo. Depois, veio o pesadelo. Douglas bêbado, gritando e xingando. Os vidros e quadros quebrados, o antigo carro que possuíam, sempre com amassados. Garrafas pela casa, madrugadas solitárias à espera do telefonema de algum policial. As discussões, o tapa... a dor e o medo.

Nunca havia levantado a mão contra ela antes. Aquilo foi o fim. O terrível ponto final... o sinal dos tempos. Durante as crises, esperou, indecisa entre tentar concertar o casamento, ou abandonar o marido alcoólatra. Esperava o sinal. Algo que lhe obrigasse a ver a verdade. Algo que deixaria bem claro, que por mais que tentasse, o casamento terminaria. E não seria sua culpa, sabia disso, embora não acreditasse tanto quanto devia. De qualquer forma, o sinal explodiu em seu rosto. O tapa quase tirou seu maxilar do lugar, derrubando-a sobre a penteadeira. O choro brotou violento. O marido em pé, perplexo, sem saber onde enfiar as mãos. O espelho quebrado havia cortado seu braço, e o cheiro dos perfumes quebrados e

misturados no ar, fazia seus olhos arderem. Teve vontade de vomitar, de morrer. Aquele era o sinal. Achava que depois do sinal, não teria mais volta. Não poderia perdoá-lo, mesmo que ele se regenerasse, pois não poderia passar por cima daquilo. Jamais esqueceria o tapa, jamais o perdoaria. Foi por este motivo que chorou, não pela dor, não pelo corte. Chorou porque sabia que havia acabado. Era o fim, oito anos de convivência, evaporando com os perfumes quebrados pela queda. Este era o sinal.

Estava acabado. Buscou com ódio os olhos do marido. Não queria lhe dizer nada, bastava que ele lesse o sinal em seus olhos, o sinal falaria por si, daria o recado. O sinal de que havia acabado. No entanto, não encontrou os olhos do marido. Ele estava caído, fechado... abraçando o próprio corpo numa posição fetal. Ele chorava baixinho. A mão direita, a que dera o sinal... o tapa, estava entreaberta. Ele a mantinha aberta e afastada do corpo, como se estivesse queimada. Ele chorava baixinho, com os músculos contraídos. Soluçava. Ela ficou olhando. Aproximou-se com dúvida. Estava chocada, nunca vira o marido chorar, nem sequer no enterro dos pais. No máximo, o que se podia esperar, era uma expressão dura,

de olhos vermelhos e lábios repuxados. Mas em oito longos anos, nunca o vira chorar.

Ela tocou-lhe os cabelos. Ele, num movimento lento e rastejante, deitou-se em seu colo. Abraçou-a apertado, enterrando o rosto em seu ventre. Chorava como um menino. Chorou muito, Apertava com tanta força no abraço, que ela quase não podia respirar. Ficaram assim, por todo aquele dia.

Ele chorou por muito tempo, depois dormiu. Ela lhe afagava os cabelos, sentindo o rosto ainda queimar. Olhou para um pedaço quebrado do espelho, e viu o rosto inchado, deformado pelas rachaduras do vidro. Podia sentir o coração batendo rápido, como que pedindo para sair, querendo ser livre. No entanto, ele precisava de ajuda.

— Me ajude — disse ao despertar. Olhava-a nos olhos. — Me ajude meu bem... preciso de você...

Ela o beijou. Este sinal foi mais forte. Mesmo sabendo que talvez fosse um erro, mesmo sabendo que talvez se arrependesse, não podia abandonar o que mais amava no mundo. Tinha que tentar uma última vez.

Ela se deitou por cima dele e o beijou novamente.
Não iria abandoná-lo, não podia... e não queria.

04

A aposta

O lugar fedia à gasolina e suor. O cheiro de pó, apesar de menor, também incomodava. Havia muito espaço, tratava-se de um lugar amplo. Olhou para cima e viu que havia algumas telhas de vidro, por onde vazava o sol. Mesmo assim, várias lâmpadas fluorescentes, penduradas por aquelas correntes de vasos de samambaia, iluminavam o piso poeirento. Estava agora, sentado no escritório.

— Douglas, Douglas Alison, não é? — perguntou o volumoso proprietário.

— Sim senhor.

— Aposto que te chamam de “Dog”.

(Cretino!)

— Não senhor, chamam-me apenas de Douglas...
senhor.

— É claro, *dog* é cachorro em inglês. Você não ia gostar que te chamassem de cachorro, não é?

— Não senhor — disse Douglas, imaginado onde o velho poderia ter aprendido inglês. Provavelmente num desses almanaques de posto de gasolina.

— Bem, aqui diz que você tem experiência como mecânico, mas isso não prova nada, você sabe. Papel é papel, e eu não confio numa folha de papel. São muito complacentes, qualquer merda que se escreva no papel, ele aceita. Entende o que eu digo?

“Complacentes?”, pensou. “Esse cara deve ler uma porção de almanaques”.

— Claro. Mas lhe digo que sou um bom mecânico, senhor, posso provar.

— Espero que sim. Tem uma coisa que sempre faço. Normalmente iria pedir que você voltasse mais tarde, mas como preciso de alguém o quanto antes, vou pedir que você espere ali fora. Quero telefonar pra esse número aqui, você sabe, checar referências no seu último emprego. Algum problema nisso?

— Não senhor, pode ligar.

Douglas pensou na bebida. Deus sabe como queria um gole. Seria um tiro no escuro, um lance de sorte. Caso fosse o menino quem atendesse, estaria tudo bem. Ele era seu amigo, entendia o que tinha passado. Tinha certeza disso, ele o ajudaria. Mas se a velha cretina atendesse, estaria liquidado. Afinal, ela era a dona da oficina, e o odiava. O odiava mesmo antes dele ter arreventado tudo. Ele pegara um dos carros que deviam ser concertados, pegara “emprestado”, se é que me entendem. Pretendia devolvê-lo no dia seguinte. Precisava sair, tomar uns tragos. Naqueles dias ele SEMPRE precisava tomar uns tragos. Seu caro havia sido vendido para pagar os estragos da última noitada. Na manhã seguinte, ele havia entrado na oficina pela porta da frente. O problema é que a porta estava fechada. Estacionara o velho Opala dentro do escritório da velha. Caso ela atendesse o telefone, estaria tudo perdido.

Do lado de fora do escritório, pela parede de vidro, Douglas estava atendo as reações do velho. Não sabia dizer se o que via, era um bom ou mau sinal. O velho riu o telefonema inteiro. Não durou mais do que cinco minutos.

Assim que desligou, o velho fez um sinal para que ele entrasse.

— Muito bem filho, sente-se.

— E então? — Douglas suave. Nestes momentos é que sentia mais falta da bebida, a velha companheira. Doce companheira.

— Vou ser direto e honesto com você, rapaz. Quero saber duas coisas, mesmo que as respostas não me agradem. Quero sinceridade, e mesmo não me agradando, vou considerar três coisas: a primeira é que preciso urgente de um mecânico, e essa é a principal razão. Sempre penso em mim primeiro, é assim que mantive meu negócio até hoje.

O velho retirou um *Camel* do bolso da camisa, cortou o filtro com um alicate enferrujado, que sujou o papel do cigarro. Acendeu-o olhando diretamente para os olhos de Douglas. Esperou a fumaça subir, e então voltou a falar:

— Entendeu a primeira razão?

— Sim senhor.

— A segunda é que você precisa do emprego, não pense que sou um insensível filho da mãe qualquer. Entendeu?

— Perfeitamente, senhor, eu agradeço — Douglas ficou esperando que ele prosseguisse, mas, no entanto, ficou calado. — E a terceira razão?

— A terceira... são duas em uma. Primeira: descobri no telefonema que a velha Rosemary te odeia. Gosto disso. Acredito que você deve ter algo de bom, ou aquela bruxa não te odiaria.

— E a outra? — perguntou Douglas sorrindo.

— Fui com a tua cara.

O velho apagou o cigarro num cinzeiro improvisado numa calota de Kombi. Esfregou o queixo com a mão direita, como se avaliasse há quantos dias não fazia a barba.

— Bem, obrigado de novo, mas o que quer me perguntar? — Douglas estava curioso, não tinha como o velho saber que ela o odiava, sem saber ao mesmo tempo do seu antigo problema.

— Responda-me, como anda com a bebida?

Silêncio.

— Longe, senhor — disse e suspirou. — Ando bem afastado, e Deus sabe que ainda não é longe o bastante.

— Entendo, nunca é longe o bastante, filho. Tem vontade de beber?

— Sim, claro... mas não é sempre, sei que posso me controlar! Quase perdi minha esposa e se isso acontecesse, não saberia o que fazer — estava quase chorando. Isso lhe mostrava o quanto a amava. Nunca havia chorado por ninguém em sua vida. — O diabo que me carregue se eu voltar a beber um dia, pode apostar!

— Acredito em você, acalme-se. Sabe, muitos pensam que sou um mecânico, ignorante, talvez. Deixo que pensem assim, é melhor pra minha reputação, você sabe. Um mecânico metido a espertinho não concerta merda nenhuma. Mas conheço um bocado de coisas, conheço o jeito das pessoas falarem, e você, meu caro, acabou de falar com o coração. Posso ver que ama sua pequena, sei que vai dar o melhor de si. Sei tudo isso, porque não foi você que falou agora pouco comigo, foi seu coração.

“Mas sei também, que a bebida é danada. Já levou muita gente boa pra cova. Leva gente ruim também. Acho que é por isso que a Lei permite que se beba, por que ela liquida gente má. Pra eles, os bons que caem, não passam de números, baixas de guerra, é isso que penso. Mas de qualquer forma, acredito em você”.

— E a outra coisa?

— Quero saber... se posso confiar em você?

— Sim senhor — disse Douglas, sorrindo. — Pode apostar!

— Vou apostar... vou sim...

Vermes

“Vermes... vermes, vermes, vermes, vermes, vermes, verrrrrmmeesvererrrmessssvereeeeeeeeeeeeemessssssss... muitos, muitos vermes... muitos deles... insetos também... sim, insetos moscas... muitasss moscas. Moscas verdes, brilhantes... moscas verdes brilhantes. A sala de almofadas não detém os vermes... não, não detém. Os vermes são foda!!! Os vermes e as moscas verdes... sim. O senhor dos vermes é cinza, e ele se chama Gray. Sr. Cinza. Sr. Gray. O Cinza, Senhor do Caos. Eles vão fuder o mundo... fuderfuderfuderfuderfudeeerrrrr. Sim, ele vão.”

06

Touro

O Vale do Touro é uma cidadezinha agrícola à noroeste de lugar nenhum. Fica a setecentos quilômetros da Capital. É quente o ano todo, mas no inverno há vento suficiente para obrigar os moradores a retirarem o cheiro de naftalina dos casacos. A única rádio era AM, e dentre suas vinhetas favoritas, estava o mugido de um touro um pouco distorcido que dizia: “*você está com Touro AM meus caros Cowboys... MUUUUURRUUUURRR*”, que parecia mais com o diabo berrando. Havia algumas lojas, alguns mercados, restaurantes e oficinas. O beneficiamento de grãos era a *arca dourada* do lugar e empregava 65% da população.

Era já considerada uma cidade de médio porte e a exportação de produtos agrícolas estava fazendo o lugar prosperar. Várias fábricas alimentícias e de couro haviam se instalado ali. Falava-se da possibilidade de uma fábrica automobilística, o que certamente seria bem recebido pela cidade, no estilo que não perdia, apesar de estar crescendo. Novos investimentos serão bem-vindos, era a carta de entrada. Seriam recebidos com fanfarra tocando o Hino Nacional e tudo.

Parece que a prefeitura oferecia alguns benefícios fiscais, ou algo dessa natureza. Ninguém podia reclamar, estava dando certo, o lugar estava crescendo e o dinheiro entrando.

As festas agrícolas atraíam gente de todo o país. Grandes vendas de gado eram feitas ali. Aparecia todo tipo de malucos, desde vendedores ambulantes até astros de rock. Havia um hotel fazenda que abrigava os retirantes do carnaval e do ano novo, e que havia conseguido certa fama por suas piscinas de águas naturais. Cachoeiras brotavam ali, como flores na primavera. Bastava se afastar um pouco do centro, e logo podia-se ouvir o som das águas castigando as pedras.

Havia uma pequena editora, que por sorte ou azar, havia descoberto um escritor de certo prestígio no cenário nacional. Não se sabe bem como, mas haviam perdido o rapaz para uma editora da Capital. Chamava-se Central Publicações, não era grande coisa, mas os escritores da redondeza a veneravam.

A polícia local tinha participação ativa em todos os eventos da cidade. O Vale do Touro era famoso por sua população de encenqueiros. Constantemente lia-se sobre brigas e mortes na Tribuna do Vale. Tratava-se de um Jornal local. O antigo jornal havia falido, abrindo espaço para a Tribuna. Claro que era um jornal de esquerda, mas a cidade precisava de um jornal. A Gestão atual também era de esquerda, fato que confundia a cabeça das pessoas, pois a Tribuna e a prefeitura, literalmente duelavam todas às manhãs de sábado, na coluna política. Os mais velhos, indignados, limitavam-se a balançar a cabeça, desaprovando o fim dos tempos. *“É o fim do mundo”*, diziam alguns, e outras frases de mesmo efeito.

Norma havia nascido ali. Era uma moça sonhadora, trabalhava para o jornal, mas não era exatamente isso o que queria. Norma morava com a mãe, uma senhora

problemática, mas morta do que viva, diziam as más línguas. Nunca conheceu o pai, a não ser pelas constantes explosões da mãe, que se referia a ele como *bêbado desgraçado*. Nestas horas, sua mãe parecia estar bem viva. Norma achava difícil acreditar que uma pessoa vivesse tanto, tento tantas doenças como sua mãe dizia ter. Sabia que se publicasse o livro, e que se o achassem bom o suficiente, ela poderia sair de Touro. Queria conhecer o mundo, viajar, talvez morar na praia ou algo assim. Seria ótimo sentar-se na areia, com a velha *Olivetti* portátil, e escrever, escrever e escrever. Escrever era ótimo. Era recriar o mundo, e ela sabia que seria isso, ou não serviria para mais nada nessa vida. Assim, o ato de escrever era uma questão de sobrevivência.

Júlia também era filha do Vale do Touro. Ex-princesa da festa da soja, fora muito cobiçada na época da escola. A bela do vale, como costumavam dizer. Casara-se com Douglas logo que saíram do segundo grau. Amava seus pais e eles a amavam. Porém, Douglas, bem, era O Douglas, como seu pai também costumava dizer. Nada mais precisava ser dito. Agora Douglas, ou melhor, O Velho Douglas, esse era *prata da casa*. Douglas era um

dos encenqueiros do Vale, poderia até se dizer que era “O” encenqueiro do Vale. Tinha certa fama na escola, mas aparentemente seus dias de glória ficaram por lá. Era o que se poderia chamar de uma pessoa difícil. Alguns diziam que tinha mudado, diziam que largara a bebida e estava se reerguendo. Alguns diziam que isso era amor, amor que sentia pela esposa, outros diziam que era só uma questão de tempo até que o velho Douglas quebra-queixo emergisse das cinzas, tal qual uma fênix renascida.

Tel havia se mudado para Touro fazia menos de dois anos. Ordens médicas, uma cidade grande pode ser perigosa para um cego. Depois de alguns meses, já conhecia a cidade, os sons e os cheiros. Gostava dali, era tranqüilo. Havia feito amizades, e conseguira um emprego no melhor restaurante do lugar. Tocava piano desde pequeno, e se lembrava com certa amargura do que sua mãe costumava dizer: “ele é tão bom que tocaria qualquer coisa e de olhos fechados”. Sua mãe tinha razão. Tinha certa fama na cidade, todos praticamente já tinham ouvido falar dele. Pena que esta fama se revelava de maneira um pouco cruel: *o pianista cego*. Sim, ele era cego, mas parece que as pessoas do Vale do Touro queriam que ele

nunca se esquecesse disso. Estavam ali, sempre prontas para lembrá-lo de que ele era cego, isso como se ele pudesse esquecer.

Em Touro, também havia um sanatório. Embora o lugar se chamasse “casa de repouso”, todos sabiam que lá havia grades. Neste sanatório, morava um louco. Na verdade, ele era uma lenda local. É incrível como podem haver tantas versões para a mesma história. Resumindo, ele havia matado a esposa e o filho com um machado, isso era suficiente para classificá-lo como louco. Todos tinham consciência de que Touro era uma cidade violenta, mas dois bêbados se esfaquearem numa briga de bar era uma coisa. Agora, fatiar a esposa e um garoto de oito anos com um machado? Isso era o tipo de coisa que a cidade não tolerava. Sabiam que ele estava preso lá há mais de quinze anos, e queriam que ele ficasse lá para sempre. Queriam esquecer o passado. Pelo menos, este passado. Não fora uma história bonita, e lembrar-se dela, não ajudaria o progresso. Mas era sempre assim, todas as cidades tem algumas caveiras escondidas no armário. Varrem o lixo para debaixo do tapete, se é que me faço entender.

O fato é que o assassino do machado estava preso. Abraçado pela camisa de força, trancafiado numa cela acolchoada, e todos na cidade rezavam para que ele já estivesse babando verde.

Parabéns pra você

Ele havia se atrasado novamente. Tinha pressa, mas mesmo assim não podia correr. O ar condicionado atrapalhava sua maneira de sentir o mundo. O olfato ficava falho e o zumbido dos tubos de ventilação não deixavam-no ouvir direito.

— Aí está você — reclamou o gerente. — Já é hora do almoço, atrasou-se novamente. Qual é a desculpa de hoje Tel?

— A mesma de sempre cara, sou cego!

— Claro, como eu poderia esquecer — respondeu em tom de deboche. — Senta a bunda no piano e comece a tocar! Os clientes já estão esperando.

O gerente olhava para Tel, que tentava sem sucesso, chegar ao “camarim”. Estava nervoso. O gerente foi até ele, e o conduziu pelo corredor. Depois de alguns minutos Tel estava de volta, vestido num terno cinza escuro, um pouco grande para seus ombros, mas muito bem passado. Sentou-se ao piano, ainda sendo guiado pelo gerente. O piano negro reluzia, mesmo com a luz ambiente. Seus dedos tocaram o marfim importado das teclas, e as cordas vibraram *I've got you under my skin*, e o lugar passou a soar à Frank Sinatra.

Muitos paravam para ouvir. O gerente sabia o sucesso que o jovem cego fazia. Muitos atravessavam a cidade, apenas para almoçarem na companhia do pianista. Havia aqueles, que paravam apenas para ouvir. Pediam um bom vinho e ouviam. Ele era bom, muito bom. As teclas brancas de marfim refletiam-se no vidro dos óculos escuros, dando um brilho especial ao show. Antes do dedilhado final um casal de namorados havia se beijado. Ele não podia ver isso, mas de certa forma, sentia. Podia sentir as pessoas gostando da música, a energia fluindo pelo ar, os outros sons sumindo. Os sussurros sumiam por completo. Os malditos sussurros eram de todo silenciados

pela música. Ele sentia-se livre, sentia-se inteiro novamente. Era como se pudesse ver. Ele via a música tocar as pessoas.

Às vezes, a melodia era interrompida pelo estridente som de moedas caindo na taça de gorjetas sobre o piano. Mas isso era bom. As gorjetas eram livres, eram suas.

O gerente sentou ao seu lado, sussurrando em seu ouvido. Alguém estava de aniversário. O *parabéns pra você* levantou do piano, atingindo a mesa número 23. As palmas começaram tímidas, e o coro mais tímido ainda. Depois cresceu. Algumas pessoas do restaurante cantavam também, mesmo não conhecendo o aniversariante. Tel não o conhecia, mas mesmo assim ditava o tom dos parabéns.

Havia agora risadas, Tel imaginava se haviam posto um chapeuzinho de aniversário no felizardo. Provavelmente era isso que estava acontecendo. A música acabou. Houve então, uma salva de *piques* e *urras*. A rotina havia sido quebrada por uma outra rotina, afinal, quase todo dia alguém estava de aniversário.

Tel começou a tocar novamente. Era algo calmo, mas ainda sim, alegre. A música não podia parar, pelo menos não na hora do almoço. O gerente veio-lhe

sussurrar novamente. Era uma música difícil, não se lembrava de quem era, mas conhecia a música. Estavam testando-o, e ele pensava: “sempre testavam jovens pianistas cegos?”.

“Nossa, ele é cego. E como toca bem! Vamos ver se é bom mesmo”.

Odiava os sussurros.

Ele não gostava da música, mas tocou. Certa vez pediram uma música que ele não conhecia, simplesmente nunca tinha ouvido falar. Mesmo assim, disseram que ele era cego, a música devia ser difícil, ele era cego, não conseguiria tocar aquela música. Queriam dizer, que se ele não tocasse, não seria por ele ser um mau pianista, e sim porque era cego. Odiava isso. Sentiam pena.

“Ele não sabe essa... pobre rapaz, é cego.”.

Jamais diriam:

“Ei! Todo bom pianista tem que conhecer esta, cara!”.

(Ele é cego...)

De qualquer maneira, ele tocou. Tocou várias. O restaurante já estava quase vazio, sabia disso. Mesmo assim o gerente veio avisá-lo. Ele já podia parar.

Levantou-se e foi sozinho para dentro. Não precisava que o gerente o conduzisse, estava calmo.

Sempre que tentava fazer as coisas um pouco mais rápidas, acabava se atrapalhando. Não podia perder a calma, ficar nervoso era um erro. Jamais esqueceria a primeira vez que saiu sozinho depois do acidente. A cidade, grande, barulhenta e inevitavelmente escura. A cidade queria engoli-lo, com seus sons ardidados e estridentes. Os sentidos que lhe restaram, se amplificavam ao máximo, tentando desesperadamente compensar a falta da visão. Os sentidos tinham necessidade de se localizarem, de se alimentarem de sensações. E a cidade era negra. O escuro envolvia, o pânico nascendo a cada passo, a cada esquina. Mas havia dominado o medo. O escuro não o assustava mais, pelo menos só o necessário. Isto é, para que ele se lembrasse de que, mesmo tendo um corpo perfeito, mesmo tendo pernas fortes, não poderia correr por aí. Estava condenado a caminhar. Simplesmente não podia. Quem já experimentou correr de olhos fechados, sabe o que ele sentia. A sensação de que iria se chocar com uma parede a qualquer momento. Era terrivelmente assustador, era injusto. Mas sabia que pouca

coisa no mundo era justa e não podia fazer nada a esse respeito. Nada além de sobreviver. Vivia um dia de cada vez, e estava conseguindo. De uma maneira diferente de antes, diferente do normal, era feliz. Tinha o mesmo emprego. Quem depois de um terrível acidente pode dizer que continuou no mesmo emprego? Isso ajudou. Tocava piano e era isso que importava, apenas a música importava.

Depois do almoço resolveu passear pelas calçadas do centro. Não adiantava ir para casa. Logo depois da seis, teria que voltar e tocar. Era o *Happy Hour*. Todos saíam do trabalho, queriam relaxar. O cheiro de whisky e vodka dominava o local. As pessoas sempre estavam mais à vontade do que no almoço. Era como se o almoço fosse uma obrigação.

“Temos que comer, temos que correr!”.

E assim foi. Tocou até as duas da manhã. Apesar da insistência de um grupo de pessoas que ficara horas lhe ouvindo, recusou o convite para *esticar* a noite. Entrar numa danceteria estava totalmente fora de questão. Não sobreviveria lá dentro. Era cego, sabia disso. Aceitava os limites. Assim como sabia que não podia beber. Os

sentidos eram a chave, precisava dos sentidos sóbrios, ou seria como ficar cego pela segunda vez. Os sentidos eram seus olhos, e não conhecia ninguém que derramasse álcool nos olhos.

“Ele não quer ir, é cego...”.

Talvez ele apenas não gostasse de sair. As pessoas não pensavam desta forma. Ele era cego, e isso era tudo.

O manuscrito

Norma olhava para o manuscrito. Gostava do que havia escrito, mesmo sendo o tipo de coisa que não vendia. Era um livro basicamente de terror. As pessoas diziam que ela era louca por escrever esse tipo de coisa, mas se sentiria falsa escrevendo outra coisa. Gostava de ler esse tipo de livro. Os Mestres do Terror haviam ensinado a menina. Stephen King, Edgar Allan Poe, William Peter Blatty... Os Mestres.

Era como brincar com inimaginável, era como dar ao mundo sua opinião na luta do bem contra o mal. Nem sempre o bem vencia, mas a balança estava equilibrada, e isso era bom. Terror propriamente dito eram as notícias do jornal. O que ela escrevia era arte. A arte de pensar o

impensável. Sentia-se como um deles, mesmo não tendo publicado ainda seu primeiro livro. Alguns de seus contos viajavam por aí, em revistas independentes e em algumas páginas da Internet. Queria publicar o livro, esse seria o verdadeiro passo inicial. Não era movida pelo desejo de ver seu nome impresso em letras garrafais, num *capa dura* do Círculo do Livro. Queria apenas ter o seu próprio livro, nem que fosse uma única edição. Imaginava-se vendo seu nome na estante do quarto, ao lado dos Mestres.

Seu livro tratava de um tema pouco comum: demônios. O livro iria se chamar: “O Sinal dos Tempos”. Gostava do nome, gostava do título, e principalmente, gostava de como escrevia.

Provavelmente King também devia ter sido rejeitado na primeira tentativa, é claro que já devia ter passado por isso. Sentia-se, de certa forma, próxima a eles. Passaria pelas mesmas coisas, isso era bom, isso lhe daria experiência. Seria tudo uma questão de tempo, tinha que manter a esperança.

A mãe berrava lá do outro quarto. Gritava pelo remédio. Isso era terror, viver com essa louca. Norma pensava que o lugar da mãe era junco com o *Lâmina*, lá no

manicômio, esse sim era o lugar dela. Pensou com certa culpa, mas a velha estava enlouquecendo. Provavelmente lá, o cara do machado ia dar um jeito nela.

(Sim, eu dou um jeito nela...)

Deu um pulo. Que diabos foi isso? Esse não era um pensamento seu, não podia ser. Estava brincando, jamais faria isso com a própria mãe. De onde teria vindo esse pensamento? Achou que estava vendo muita televisão. Também passará muitas noites acordadas pensando no livro, no tal demônio que vinha de outra dimensão. Claro, era isso, estava com a imaginação muito estimulada. Vira o nome do demônio em um livro lá na biblioteca. E ele era **cinza**. *Deuses e Demônios Antigos*, esse era o nome do livro, mas era uma lenda, nada mais que isso. Estava imaginando coisas, nada com que se preocupar de verdade.

Afastou o pensamento com um tapinha na cabeça, fazendo uma carreta engraçada. Nada de mais. Só besteira, coisa de escritor. Gostou deste pensamento: *coisa de escritor*. Era isso, e isso era bom. Foi até a despensa, pegou os comprimidos, um copo de água na cozinha e foi para o quarto da mãe.

— Aqui está — disse, entregando-lhe o copo e os comprimidos. A mão da mãe era firme e rápida, totalmente o oposto da mão de uma pessoa doente.

Norma pensou que os remédios iriam acabar matando sua mãe. Já havia tentado argumentar antes, mas ela quase teve um ataque de raiva. Os remédios iam matá-la, mais cedo ou mais tarde, e não havia nada que Norma pudesse fazer. Não seria sua culpa. Antes, havia pensado em chamar o médico, dizer que sua mãe estava se entupindo de comprimidos, alguns tinham até tarja preta. Depois desistiu da idéia, isso seria traição, a mãe tinha o direito de agir assim. Sabia que ela sentia dores terríveis na coluna, essa enfermidade era verdadeira. E apesar de chamá-la de louca às vezes, sabia que a mãe era uma velhaca esperta.

“Os remédios vão matá-la”, pensou.

(Traz ela pra mim, eu mato...)

O pensamento de novo. Aquele pensamento! Que droga era essa, telepatia? Ou o cara do machado estava falando com ela, há mais de vinte quilômetros ou ela estava ficando louca. Pensou que as duas alternativas não agradavam muito. Estava pensando em começar a escrever

o segundo livro, mas era melhor dar um tempo. Estava muito impressionada com a própria ficção que criara. Era melhor dar um tempo, distrair-se um pouco. Sair, ver os amigos, talvez ir naquele restaurante, tem um cego que toca lá. Dizem que é bom. Poderia ir vê-lo. Uma de suas amigas havia dito que ele era bonito. Sim, iria fazer isso, sairia um pouco deste ambiente doente. Precisava relaxar, limpar a mente. Afinal, havia escrito uma história pesada, comprida e pesada. Psicologia densa, *coisas de escritor*. Estava de férias, o jornal estava trabalhando só com metade do pessoal. Tinha terminado a revisão do livro muito antes do que havia previsto, e isso era bom, muito bom.

A mãe ficou olhando para a moça, sua filha, parada à sua frente, sonhando. Estava sonhando de olhos abertos, coisas da idade. Logo iria perceber que os sonhos que se sonha quando está acordada, são os tipos de sonhos que morrem primeiro. Analisou um pouco o pensamento. Será que teria sempre que ser assim? Será que com sua filha não poderia ser diferente? Ficou pensando, tentando se lembrar quando foi que sonhou acordada pela última vez. Nada, não se lembrava. O que esperava conseguir com o

tipo de vida que levava? Sabia que os remédios afastavam a dor, mas havia um preço a ser pago. Sabia que os remédios estavam devorando-a por dentro, e sabia acima de tudo, que deveria ter dito a verdade para sua filha. Devia ter dito sobre o câncer, assim como devia dizer que não era sua culpa, era a vida. Queria abraçar a filha e fazê-la prometer que não ia deixar seus sonhos morrerem, prometer que iria lutar e aproveitar tudo ao máximo, antes que o câncer pudesse cercá-la, assim como havia feito com ela. Podia ter aproveitado, podia ter vivido mais, mas deixou a vida passar, assim como deixou o câncer vencer. No entanto, era tarde de mais. *“Tarde de mais, como tarde demais?”*, gritou uma voz dentro dela. *“Tarde de mais para um abraço? Ora pelo amor de Deus!!! É de sua filha que está falando!”*.

A menina se virou e saiu. Sabia que a mãe gostava de ficar sozinha, ou pelo menos pensava que fosse assim. A distância entre as duas estava cada vez maior. Caso nada fosse feito, logo chegaria o momento em que não se fariam mais. Mas não podia fazer mais nada, não tinha escolha, sua mãe é quem preferiu assim. Voltou para o quarto e ficou olhando para o manuscrito. O manuscrito

seria sua passagem para um mundo melhor, para uma vida melhor, tinha que acreditar no manuscrito.

Intuição feminina

Júlia ainda estava dormindo quando Douglas chegou. Levantou-se assustada com o tempo que havia se passado lá fora. Podia ver pela abertura da cortina que já havia escurecido há bastante tempo. Viu pela fresta da porta que a luz do banheiro estava acesa, também ouviu o barulho do chuveiro. Douglas já estava de volta, suas roupas estavam jogadas no chão, do lado de fora do banheiro. Sorriu quando viu uma pequena mancha de graxa na camisa. “Ele conseguiu”, pensou, “ele conseguiu o emprego”. Parecia bom de mais para ser verdade. Tudo estava bem, e melhorando a cada dia. A hipótese de ter filhos estava cada vez mais viva em sua mente, era só uma questão de tempo. Dobrou as roupas, inconscientemente

buscando pelo cheiro de bebida. Não encontrou, depois as jogou tudo no cesto da lavação. Em seguida, correu para cozinha, tinha que preparar algo para comerem, e antes que ele saísse do banheiro.

Estava sentindo-se estranha, e um sorriso bobo insistia em brotar, crescendo a cada instante, parecia que logo não poderia contê-lo. Estava feliz, como era bom. Tinha esquecido o quanto era bom estar feliz. Não deixaria isso ir embora, tinha que prometer a si mesma que faria tudo para não deixar isso ir embora. Lembrava-se que sua mãe sempre dizia, que o mais importante em qualquer religião, era o perdão. Pois quem amava, devia perdoar. Ela o perdoou e agora tudo estava bem. Agradecia a Deus por tê-lo perdoado. Imaginava que se não o tivesse feito, provavelmente estaria fazendo comida para comer sozinha, num quarto de pensão talvez.

Douglas saiu do banheiro e ela foi encontrá-lo. Eles se abraçaram e ele viu o sorriso que o fez apaixonar-se por ela. Ela ainda tinha aquele sorriso, e isso era o que importava. Não deixaria que ela parasse de sorrir, não teria coragem de fazê-lo. Sabia que iriam passar por momentos

difíceis, a vida era assim, mas faria tudo por ela, e por aquele sorriso.

— Como foi?

— Pelo seu sorriso, eu sei que você já sabe — ele soltou a toalha e começou a se vestir.

— Intuição feminina — disse ela sorrindo. — Conte os detalhes.

— Não tem muito que contar, eu entrei lá e *bum!* Já estava contratado.

— Sei...

— Verdade, o velho Douglas não perdeu o seu charme.

Ela não gostou de ouvir isso. Não gostava do velho Douglas. Claro que havia se casado com o velho Douglas, mas não o conhecia completamente. O velho Douglas era um cara bacana, mas um pouco dado à violência. Queria que o velho Douglas ficasse de fora dessa nova fase de sua vida. O novo Douglas era seu marido, não o velho.

— O que foi? — Douglas perguntou, enquanto calçava os chinelos. — Eu disse alguma coisa?

— Não foi nada, estava só pensando — ela sabia que era melhor esquecer o velho Douglas. — Estou fazendo uma sopa, você quer?

— Claro, seria capaz de comer um touro — Ele parou um instante. — Você gostaria de jantar fora?

— Amor, não temos dinheiro, você sabe...

— Não tem problema — disse, interrompendo-a. — O velho Santos gosta de mim, perguntou se eu estava muito tempo desempregado, depois me pagou o mês adiantado. Isso sim é que é patrão. Ele disse que teve um palpite, disse que ia apostar em mim.

— Você não acha isso estranho? — perguntou ela, sem ter muita certeza se devia. — Pagar um mês de salário adiantado para uma pessoa que nunca viu, eu acho isso muito estranho.

— Sabe o que eu penso? — ele parou, como se não soubesse mais o que ia dizer.

— O quê? O que foi? Você ficou pálido de repente, está tudo bem?

— Sim, foi só uma tontura, já está passando.

— Douglas não me assuste, pelo amor de Deus!

(Cale a boba sua cretina, não vê que estou passando mal?)

— Calma, estou bem.

Ela o ajudou a se sentar. Ele estava gelado, suando frio. Sabia que não estava bem, não tinha comido nada o dia inteiro, mas não era apenas isso, havia algo mais, não sabia bem o que, mas algo estava errado.

— Melhor não sairmos, eu vou chamar um médico!

— Não! — gritou. — não precisa...

(Cretina, você quer chamar o médico pra me internar, não é? Vagabunda, quer que eu fique lá, igual ao cara do machado...)

O que era isso? Estava ficando louco, não havia outra explicação! De onde vinha essa coisa... isso estava entrando e saindo de sua cabeça, vinha como uma onda, um baque surdo nos ouvidos. Amava aquela mulher, nunca mais levantaria a voz para ela, nem isso faria, nunca mais. Alguma coisa estava acontecendo? O que seria isso? Depressão? Esquizofrenia? Tinha que pensar rápido, não podia deixar que ela percebesse, no momento o mais

importante era isso, protegê-la a todo custo, depois tentaria descobrir o que estava acontecendo.

— Fiquei o dia todo sem comer — gemeu. — Acho que é melhor ficarmos em casa. Parece que você acertou em fazer sopa.

— Não acertei não, só temos sopa... você está bem mesmo?

— Sim, não se preocupe.

Ele não sabia o que, mas algo estava acontecendo, sentia isso nos ossos. O velho Douglas saberia lidar melhor com isso, o velho Douglas era *duro na queda*. Não sabia o que estava pensando, não mais. Estava assustado, cansado e com fome. Estava gelado, parecia que tinha visto um fantasma. Algo estava errado, e sentia medo... poderia ser a falta de bebida, abstinência talvez. Não podia pensar nisso, tinha que esquecer

(os *vermes*)

isso tudo. O quê? Vermes? Precisava dormir, estava cansado demais para pensar, estava delirando, era isso. Tinha que ser!

Quando Júlia voltou com a sopa, ele já estava dormindo. Algo estava errado, sabia, tinha certeza, não

sabia bem o que, mas sua intuição dizia que algo estava acontecendo na cabeça do marido. *Que ele resista*, pensou, *por favor, meu Deus... por favor!*

10

O presente

Na manhã seguinte, o sol havia resolvido continuar castigando o Vale. Ele não precisava disso, a cabeça já doía bastante sem o calor para piorar a situação. Mesmo assim ele tinha que ir trabalhar. O velho Santos apostara nele, e não podia decepcioná-lo. Douglas sabia que não era o melhor homem do mundo, mas gostava de pensar que era o tipo de pessoa com a qual os outros pudessem contar. Seu único problema era a bebida, fora isso, era alguém prestativo, fazia a sua parte e fazia-a bem. Poderia concertar um calhambeque com apenas uma faca de cozinha. Era um bom mecânico, e era de confiança. Santos não ia se decepcionar, não mesmo.

Enquanto trabalhava, Santos o olhava de longe. Isso era normal, era novo, tinha de provar que era digno, nada de burradas desta vez. Nada de noitadas, nem mesmo umazinha no final do dia. Isso era passado. Um passado azedo que Douglas queria realmente esquecer.

Na verdade, durante todo dia tentou esquecer o que acontecera na noite anterior. Embora não estivesse obtendo muito sucesso, não sabia dizer exatamente o que havia acontecido. Estava em sua mente, era como se soubesse a resposta, mas não fosse capaz de lembrar.

Lembrava-se de ter pensado sobre o cara do machado, o que era um absurdo. Pensara também em vermes. Vermes? O que isso poderia significar? Sabia a resposta, mas não se lembrava. Santos notou que ele não estava bem, perguntou várias vezes o que estava acontecendo. Douglas respondeu que era algo que havia comido. Gostaria que fosse isso. Preferia mil vezes uma tremenda dor de barria, do que descobrir que sua cabeça não andava bem.

Essa estranha certeza era quase palpável. Era como se tivessem enfiado a mão dentro de sua cabeça, embaralhando um pouco as coisas. Não acreditava no

sobrenatural, isso não passava de besteira televisiva, controle de massas e todo esse lixo influenciável. Entendam que durante o mal estar, ele teve a certeza de que havia uma presença estranha em sua mente. Não que fosse uma outra pessoa ou uma droga de fantasma. Uma outra personalidade talvez, isso era possível. Não tinha dinheiro para ir ao psiquiatra, talvez conseguisse uma requisição em algum lugar, mas isso significava faltar no emprego e isso ele não faria. Seu pai, que Deus o tenha, havia lhe ensinado isso. Não faltaria no emprego novo, pelo menos não no primeiro mês. Esta era a regra, e regras são regras. Não importa se fosse cair duro no instante seguinte. Não faltaria no emprego, nem que sua vida dependesse disso, não mesmo.

“Deixa a cabeça doer e a febre queimar, mas nunca falte no primeiro mês”, dizia o pai, e seu pai sabia o que estava dizendo. Claro que era um homem duro, um pouco amargurado com a vida também, mas havia lhe ensinado tudo o que sabia. Herdara de seu pai o talento com carros, junto com vício. *“Tal pai, tal filho”*.

Na hora do almoço, Santos convidou-lhe para almoçar. Aceitou, pois não se deve dizer não para o

patrão, só quando fosse inevitável, é claro. Mas não era o caso. Júlia tinha lhe preparado sopa com ovos, e tinha feito isso com todo amor, mas o tempero do frango que estava comendo agora também tinha seus méritos. A comida ajudou, sentia a dor de cabeça afrouxando um pouco os parafusos. Podia até respirar melhor. Santos bebia suco de laranja, e ele bebeu também. Parece que o velho também estava fugindo do álcool. Ambos possuíam as mãos trêmulas, além de fumarem como o diabo.

No final do dia, Santos o chamou no escritório. Ele se assustou um pouco, mas não era um covarde. Sabia que o máximo que poderia acontecer em caso de demissão, era uma corrida até o boteco mais próximo. E isso não seria de todo mal. Assustou-se mais com este pensamento, e o afastou por enquanto, como quem afasta insetos de um rosto suado.

Santos estava sentado, fumando. Ele entrou e sentou-se também. Ficaram se olhando durante alguns minutos. Os olhos do velho eram terrivelmente tristes, Douglas não sabia o que esperar.

— Sabe filho — começou o velho, — esta vida é uma merda! Mas o importante é sobreviver... o resto é resto, você sabe.

Douglas ia dizer alguma coisa, mas percebeu que não era uma pergunta. Houve mais alguns minutos de silêncio, começou a ficar nervoso. Sempre se sentia assim quando alguém dizia que precisava conversar sério com ele. *“Precisamos conversar”*, dizia Júlia e o chão tremia. Havia um amigo na escola — Douglas não se lembrava do nome —, que sempre costumava dizer algo parecido: *“cara, quando uma mulher diz pra você que precisam conversar, pode ter certeza que a casa vai cair”*.

(A casa cai, os vermes... vou sopra e soprar... e a casa vai cair...)

Droga, de novo não! Estava acontecendo de novo, ele não podia evitar. Estava ficando tonto, a visão estava turva e estava com ânsias de vômito também. Olhou para o velho Santos e viu dois deles dançando em sua frente. Respirou fundo, tentando clarear a mente, não queria que o velho percebesse.

— Sei que o que vou dizer, vai te chocar um pouco — o velho falava enquanto Douglas se esforça para não

vomitou em cima da mesa. — Mas sei o que estou dizendo. Sabe, eu tenho um filho. Ele deve ser um pouco mais velho que você, mas não muito. O filho da puta nunca vem me ver, nem sequer liga de vez em quando. Faz muito tempo que não tenho notícias, e nem me lembro da última que tive.

Douglas não estava entendendo, embora estivesse se esforçando. O coração batia forte, parecia estar tendo um ataque.

(Precisamos conversar... o lobo-verme soprou e a casa caiu...)

Deus! Estava tendo um ataque, não havia bebido tanto assim, e seus exames nunca haviam acusado nada.

(Um dia a casa cai, os vermes...)

O velho estava falando, Douglas ouvia sua voz, mas não entendia o que estava dizendo. Iria morrer ao lado de um velho que reclamava do filho ingrato. Será que o desgraçado não via que ele estava morrendo bem na sua frente?

—... sei que não fui muito honesto com você. Eu o conhecia, conhecia seu pai. Bem o fato é que estou morrendo. Bebi demais e agora estou morrendo. Mas não

quero falar sobre isso, deixa pra lá. O importante é que sei que vou morrer, tenho um mês de vida, talvez dois, mas acho que não passa de um. Não quero que meu filho herde o que é meu, o desgraçado não merece. Não tenho mais ninguém. É por isso que decidi passar a oficina pro seu nome...

“O quê? Ele está mais louco do que eu!”, pensou, “não vê que estou tendo um ataque? Não acredito que vou morrer justo quando ganho uma oficina de presente!”

(Venha Douglas, vamos tomar uns tragos...)

—... Gosto de você, sei que é um bom rapaz. Sei que ama sua mulher e isso o manterá longe da bebida...

(É tudo uma questão de tempo, Douglas, meu velho...)

O ar começou a voltar. Estava respirando, estava passando. Douglas percebeu que tinha apertado tanto a mão, que suas unhas haviam cortado a pele da palma. Um pouco de sangue escoria em uma fina linha pela sua mão. Abriu bem os olhos, tentando afastar a tontura, estava melhor, não seria agora, ainda estava vivo.

— Eu não posso aceitar — disse, tentando parecer bem. — Nem sei o que dizer, eu... puxa!!

“Eu quase morri na sua frente cretino, e você nem viu...”

(Bebidas por conta da casa, os vermes...)

— Aceite, por favor...

— Eu... eu aceito — respondeu, e apertaram as mãos.

“Bem, eu vou morrer mesmo, aí tudo fica pra Júlia... vou morrer... meu Deus!! O que há comigo?”

(Venha me visitar Douglas, o cara do machado, você sabe...)

Sim, ele sabia. Agora ele sabia.

11

O cara do machado

No escuro da cela acolchoada, o cara do machado cantava uma velha canção. Sentia-se feliz... era tudo uma questão de tempo.

“A Lei dos homens me condenou, perpétua será minha prisão...”

(Vermes, milhões deles...)

“... e eu preso aqui nesta cela, vendo minha vida passar... ainda escuto a voz dela, no vento que vem perguntar: Porquê meu querido? Porque meu amor, cravaste em mim teu punhal? Meu peito jovem sangrando assim, por que este golpe mortal?”

O som seguia pelos corredores do lugar. Os outros pacientes encolhiam-se em suas celas, até os enfermeiros

preferiam estar em uma delas, trancados, seguros. Alguns dos pacientes sabiam, eles também ouviam. Ele falava dos vermes, não fazia sentido, mas este não era um lugar de sentido, nem de razão. Aqui não havia explicação para nada. Os efeitos eram sem causas, o caos estendia seus domínios, povoando mentes desprovidas de razão. Ele gostava do caos, o caos o ouvia, falava com ele, ou pelo menos ele pensava que sim. Afinal, ele era louco. Claro que tudo não poderia passar de loucura, delírio. Quem garante que alguém o estava ouvindo? Talvez o mecânico nem existisse, talvez nem a escritora. Poderiam ser apenas criações de sua mente destruída. Mas e daí, ele era louco mesmo, louco de pedra.

Sentia saudades do machado, do toque. Sentia saudades da sensação de poder. O poder que libertava, o machado libertava, o machado tinha o poder. Talvez o poder fosse dele, talvez da loucura, mas não fazia a menor diferença, contanto que o poder libertasse... contanto que o poder fosse seu.

— Ei enfermeiro? Está me ouvindo? Eu tenho poder, sabia?

Quando ele falava, o lugar ficava em silêncio. Ele realmente tinha o poder. O poder era o medo, e o medo gerava mais medo, e ele se alimentava. O medo podia gerar violência, e ele também se alimentava. O cabelo comprido e a barba podiam encobrir o rosto do assassino, mas não encobriam os olhos. Os olhos também tinham o poder. Os olhos brilhavam, espalhando a loucura e o medo, e ele se alimentava. Os olhos não viam nada além das paredes acolchoadas, mas a mente via, e ele se alimentava. A mente via uma moça, ela escrevia, escritora talvez. A mente via o mecânico, via a mulher do mecânico e muitas outras pessoas, e isso o alimentava.

Era tudo uma questão de tempo.

12

Sonho

Sempre que chegava em casa, a rotina tornava-se mais evidente. Odiava a rotina escura. Comia a comida escura, bebia o suco escuro. Tudo era de um negro desagradável aos padrões de absorção de seu cérebro. Estava cansado. Estava cansado da cegueira, cansado do escuro. Resolveu tomar duas aspirinas escuras e ir dormir. O sono era um momento todo especial. Durante o dia ele era cego, mas nos sonhos ele podia ver, e ele via. Ele olhava para as flores, mesmo não sendo primavera. Talvez sempre fosse primavera nos sonhos. Podia ver crianças correndo atrás de uma bola. Sentia até o sol incomodando-lhe a visão. No fundo ele sabia que era apenas um sonho. Sabia que o que via, eram antigas visões armazenadas em

algum canto isolado de seu cérebro. Contudo, sentia prazer em ver novamente.

Seu sonho preferido havia sido cuidadosamente composto. Havia sido aprimorado noite após noite, até que estivesse completo. Ele havia elaborado todo o cenário. Um salão enorme que ocupava o gramado no cume de uma montanha, lá de cima ele podia ver todo o vale. O céu literalmente azul, enfeitado com nuvens de um branco artificial. Enormes janelas pontuavam a sala a cada meio metro. O piano de calda, naturalmente branco é claro, ficava pousado sobre um pequeno tapete cinza, com desenhos indianos em preto e marrom. No piso perfeitamente lustrado, uma linda mulher, composta de partes de outras mulheres, dançava ao som de sua música. Demorou-se propositadamente para compor a moça, procurando lembrar-se de todas as belas mulheres que havia visto antes do acidente. Imaginou cada parte de seu corpo, completando a escultura com os cabelos ruivos mais lindos que pode imaginar. Presenteou sua criação com olhos verdes, envoltos em um brilho um tanto artificial, porém belo. Ela dançava, e como dançava. Ele tocava e ela dançava. Depois de assistirem o sol se pôr,

faziam amor na grama fresca. A grama sempre era fresca nos sonhos, assim como a brisa. Era sempre o mesmo sonho. Ela dizia sempre as mesmas frases, e ele fingia surpresa a cada uma delas.

Nesta noite, contudo, algo estava diferente. Sentia uma estranha brisa, que lhe provocava espasmos de medo e frio. Enquanto tocava piano, sentiu os pêlos do corpo arrepiarem. Quando a música acabava, era a hora em que ele caminhava cantarolando até o pequeno frigobar instalado no fundo da sala. A pequena porta se abriu, deixando o ar gelado escapar. Estendeu a mão para pegar

(o machado)

o champanhe. Pensou ter visto por um momento, um machado. O champanhe estava quente. Nunca tinha sido assim antes. Algo estava errado.

(Machado?)

De onde viera isso? E por que o champanhe estava quente? A moça havia sumido e o céu estava escuro.

Escuro.

Ele acordou limpando instintivamente o suor da testa. Olhou em volta, sem nada ver. Esfregou o rosto, sentindo-se mais cansado do que antes.

Escuro.

Procurou lembrar-se do sonho, tentando encontrar o ponto de ruptura. Havia errado em alguma coisa. Tinha que encontrar o ponto onde o enredo fora alterado. Buscou por todo o sonho. Sabia o que era. Começou com o frio, mas o foco era outro. Em algum momento do sonho, pensou num machado. Machado? O que isso podia significar? Tentou buscar por seu passado. Em nenhum momento de sua vida este objeto teve alguma importância. Machado?

Escuro.

Estava com medo. Não sabia bem o porquê. Era apenas uma sensação, algo que não podia explicar. Mas estava lá, em seu sonho. O frio, o medo e o machado.

Escuro.

O céu também tinha mudado, estava escuro, como que anunciando uma tempestade. Sempre deu especial importância aos seus sonhos. Acreditava em mensagens do subconsciente e coisas assim. Antigamente possuía um livro dos sonhos, desses que se encontra em bancas nas rodoviárias, com significados e números para o jogo do

bicho. Mas não serviria agora, não havia encontrado em lugar nenhum uma edição em braile.

Escuro.

Estava sentido-se mal. O escuro o estava sufocando. Levantou devagar e caminhou para o banheiro, tateando pelas paredes. Tirou as roupas e ligou o chuveiro. A água caía quente e preguiçosa. O som da água ressoava ouvidos à dentro, anestesiando um pouco o raciocínio. Deixou que a água caísse à vontade, sem pensar no tempo. Ainda não se sentia bem, havia um sentido de urgência no ar, flutuando com o vapor do chuveiro. Sentou-se no piso, sentido a água fria no azulejo em contraste com a água quente que lhe atingia as costas.

De onde veio esse machado? Como ele havia maculado seu sonho perfeito? Não conseguia encontrar utilidade para ele no sonho.

(Pra matar a moça... cego estúpido!)

O pensamento veio rápido, pegando-o desprevenido. A velocidade do pensamento que tivera, não combinava com a lentidão do chuveiro. Este pensamento não era seu. Tinha certeza disso. Seria o seu subconsciente? Estava cansado demais para pensar nisso. Começou a sentir-se

melhor, mas deixou que a água quente caísse mais um pouco. Os sons dos pingos eram hipnotizantes, queria apenas esquecer o que quer que fosse.

13

O ataque

Tomou um banho e saiu. Talvez fosse ver o tal cego tocar ou talvez fosse ao cinema, ainda não havia decidido. Norma era uma moça espontânea, fazia o que tinha vontade. Já havia escurecido há algum tempo e ela gostava de ver a cidade iluminada. Caminhou sem direção, apenas observando as vitrines. Nada de muito interessante para se ver, apenas vestidos baratos, artigos para casa e algumas bancas de jornal. Apesar do progresso, o Vale ainda mantinha suas características de cidade do interior. De certa forma, isso agradava Norma, apesar de viver queixando-se da falta de opções, não podia negar o carinho que tinha pelo lugar.

Num dado momento, Norma sentiu um calafrio percorrendo todo o seu corpo. Instintivamente levou as mãos ao estômago. Estava pálida, gelada e com uma estranha tontura. Ela continuou caminhando, como se tentasse negar o fato de estar passando mal. A tontura aumentou, sentiu vontade de vomitar, mas não faria isso na rua. Estava agüentando-se como podia. Desabou.

O chão estava frio, podia sentir sua cabeça arder. Havia batido a cabeça. Ouvia as pessoas se aproximarem, ouvia os cochichos, alguém disse que estava bêbada. Houve em seguida uma pequena discussão.

— Está passando mal, isso sim — disse alguém.

Sentiu tapas no rosto. Podia ouvir os carros ao longe. Estava ouvindo tudo. Havia o som de uma lanchonete. “Música!”, lembrou, “isso se chama música!”. Sua mente estava aberta, ouvia tudo, ouvia coisas que não ouviria normalmente. Havia um zumbido estranho no ouvido esquerdo, continuamente aumentando de intensidade. Alguém falava com ela, a voz ressoava em seu cérebro, tão alta que entorpecia. Sentia as pernas formigando, as pernas e os seios. A temperatura de seu corpo estava começando a aumentar, subitamente sentiu

um calor sufocante. Seus seios estavam rígidos, sua garganta ondulava entre a saliva e a sede. De uma maneira estranhamente fantasmagórica, seu corpo estava plenamente estimulado, sentia cada poro liberando gotas de suor. O suor corria livre, leve e morno. Lembrou dos relatos que lera, sobre pessoas abduzidas, depois afastou a idéia achando-a ridícula. Era incrível a velocidade de seu raciocínio. Tudo estava claro em sua mente, embora não enxergasse nada além de luzes.

— Chamem uma ambulância, agora! — gritou o homem que a segurava. Era um homem forte, sentia cada músculo de seus braços.

Sentia o cheiro de graxa e óleo, o homem que a segurava cheirava à gasolina.

Sentiu o cheiro deste homem, cada vez mais forte. Isso lhe provocava estranho prazer. Tudo acontecia em questão de segundos. Notou que desde que caíra, não estava respirando. Sentiu a pressão de dedos sobre o seu nariz, sua boca fora aberta e a cabeça deitada para trás. Ele tocou sua boca, seu hálito quente lhe deu prazer. Ele empurrava o ar para dentro. Seu peito estufou. Estava morrendo. Boca a boca. Morrendo.

(Uma questão de tempo, meu bem....)

— NÃO! — gritou, levantando-se em dois movimentos. Os braços giraram em um reflexo defensivo.

O homem que a ajudava foi atingido. Ele voou pela vitrine. Ela percebeu que atirou um homem, com o dobro de seu peso por uma vitrine. Estava com medo. Foi apenas um golpe. Queria abraçá-lo. Não conseguia ficar em pé. Caiu.

(Sua mãe, meu bem... os vermes...)

A voz, era outra voz agora. Sua mãe, sua mãe precisava de ajuda, sabia disso. “Sabia como?”

(Meu bem...)

— Não interessa!!! — gritou. — Mãeee!!!

De repente acabou.

— O quê? — disse ela com um ar bovino.

O homem estava ajoelhado em sua frente. Segurava-a pelos braços, gritava para as pessoas se afastarem. Ela viu que ele era belo, queria beijá-lo. “Beijá-lo?”, pensou preguiçosamente: “estou louca... estou louca...”. Ele a pegou no colo. Depois a deitou num banco de carro, fechou a porta e deu partida. Ele olhava, ora para ela, ora para o asfalto.

— Você está bem?

— Não sei...

— Você é epiléptica ou algo assim?

— Não — disse confusa, onde ele a estava levando? — Preciso ver minha mãe... ela está mal.

— Vou levá-la para o hospital, você não está bem — de alguma forma ele sabia o que estava acontecendo com ela, isso apenas reforçava sua “teoria”.

— Vermes — disse ela baixinho.

Ao ouvir isso ele pisou bruscamente no freio, fazendo os pneus gritarem. Vermes. Isso foi suficiente para que as peças se juntassem em sua mente. Ele sabia, a coisa toda era absurda, mas ele sabia. Era como se mentes fossem ligadas por cabos, com pensamentos transitando entre si. Ele não sentiu, nem adivinhou, ele apenas soube.

— Diga-me uma coisa — começou, — você ouviu alguma voz durante o ataque?

Como ele poderia saber? Ela estava confusa, estava bem agora, apenas atordoada. Achou que ia morrer e, no entanto, tudo passou tão rápido quanto havia começado. Olhou para o braço dele, estava sangrando. Surreal, vermelho. A camisa branca suja de graxa e sangue.

— Sim...

— Sobre vermes?

— Sim! — gritou. — Não sei o que está acontecendo...

— Olha, eu tive um ataque, assim como você. Foi hoje de manhã. Ouvi uma voz que falava de vermes. Depois tudo passou. Se você estiver bem, podemos tentar descobrir o que é. Eu tenho um palpite.

Ela balançou a cabeça positivamente. Estava com o estômago embrulhado.

— Pra onde vamos? — perguntou a moça.

— Para o sanatório.

Trovoada

Estava tarde. O jantar esfriava na mesa e o marido não aparecia. Na noite passada o marido havia passado mal, sabia que ele estava dirigindo de novo, o dono da oficina havia deixado com ele a caminhonete reboque. Pensou que talvez ele tivesse passado mal ao volante. Afastou o pensamento, estava nervosa e pensando besteira. Não tinham telefone, não tinham dinheiro para isso. Falaria com Douglas, agora que os dois trabalhavam, precisavam de um telefone. Talvez estivesse trabalhando. Talvez estivesse bebendo.

No momento em que Júlia pensava isto, Douglas estava sentado em um balcão. Estava pensando sobre o

ataque que tivera durante a manhã, as vozes e o forte zumbido no ouvido esquerdo. Estava tomando refrigerante, olhando severamente para a prateleira de bebidas. Uma garrafa de vodka brilhava de maneira charmosa para ele. Os gritos o atraíram para fora. Uma jovem estava tendo um ataque.

Júlia andava nervosamente pela casa. O jantar já estava frio, exatamente o tipo de coisa que acontecia antes. Perdeu a conta de quantas noites isso havia acontecido. Ela andava pela casa, rezando para que ele não estivesse debaixo de um caminhão. Fingia estar dormindo, enquanto ele entrava bêbado, esbarrando nos móveis, rindo como um idiota. Às vezes ele nem conseguia chegar ao quarto. Ela o carregava para a cama, sentindo o hálito azedo. Suor, óleo, álcool, cigarros e sabe-se lá o que mais.

(Alcoólatra...)

A palavra rodopiava em seu cérebro, enfurecendo-a mais e mais. Suas mãos brincavam nervosas sobre o colo. Olhava para o passado, imaginado o que havia saído errado. Estava pesando na balança, precisava saber se poderia viver com essa dúvida todas as noites. Isto a estava corroendo. Sabia que o limite estava próximo.

Sabia que ele não estava bebendo, mas poderia vir a beber. Dúvida e amor não ocupam o mesmo lugar no espaço. A dúvida crescia como uma bola de neve, na medida em que o amor se desmanchava. A culpa era dele, não sua. Tinha plena consciência disso, mas isso não afastava a dor.

Precisava manter-se ocupada, ou acabaria enlouquecendo. Sentia que essa nova fase não duraria muito. Não conseguia entender a razão desta estranha certeza. Tudo estava bem, ele estava apenas atrasado. Era difícil de explicar, parecia que tudo estava prestes a desmoronar, sentia isso flutuando em sua frente. Era um aviso. Quantos sinais deveriam existir? Queria que eles parassem de aparecer, seria melhor preocupar-se apenas quando, e se fosse necessário.

Infelizmente não era assim. Tudo estava no ar, tão sólido quanto uma parede de concreto. Não tinha certeza de nada, mas tudo estava no ar, como se fosse um odor impossível de não ser notado. O cheiro não ia embora, estava impregnando tudo ao redor. Sentiu vontade de rezar, mas não o fez. Estava estranhamente cansada, preocupada demais para rezar. Achou isso estranho, bizarro.

(O velho Douglas e eu vamos tomar uns tragos...)

Tentava afastar esses pensamentos negativos. Nunca fora negativa, não mais que o necessário. Não tinha idéia de onde vinham estas coisas. As vozes apareciam em forma de pensamento, e ela sentia-se suja, culpada. Talvez fosse uma auto-defesa contra o marido. Já havia visto Douglas explodir uma vez. Ele quase matou um homem num bar. Ela teve que emprestar dinheiro dos pais para tirá-lo da cadeia. Aquilo foi humilhante. Achou que esta voz estava cuidando dela, fazendo-a enxergar o óbvio. Mas o que era o óbvio?

(Bebidas por conta da casa, meu bem...)

Reagindo ao pensamento, ela puxou a toalha da mesa. Pratos e talheres voaram pela sala. O som de vidros quebrando a trouxeram de volta. Olhou assustada para o que havia feito. A panela de sopa virada sobre o tapete, espalhando-se enquanto este a absorvia. Uma salada improvisada pontilhava o chão da sala. As manchas escuras de sopa cresciam pelo tapete. Deixou-se cair na cadeira. Olhava para sua sala, não acreditando no que via. Havia perdido o controle, mas agora estava bem. “Apenas uma trovoada”, pensou, “já passou”.

Uma dor de cabeça começou a nublar sua visão. Rastejou para a panela, tentando salvar o que restava da sopa. A mancha gordurosa havia parado de crescer, o tapete finalmente havia detido seu avanço. O cheiro de tempero se misturava ao do tapete molhado. Sentiu ânsias de vômito. Estava tonta, completamente perdida em seus confusos reflexos. Pensava no tapete, aquela mancha não ia sair fácil. “Esqueça a droga do tapete, idiota”, gritava uma voz, “idiota, idiota, idiota!!!”

Levantou-se esquecendo da panela. “Pro diabo com a panela!!!” Deu-lhe um chute e a peça de alumínio rolou pela sala. Um som oco explodiu quando a panela atingiu a parede. A dor de cabeça gritava estridente, enquanto comprimia seu cérebro. Sentiu-se tonta novamente, estava com raiva, embora não soubesse bem do que. Não conseguia pensar direito, a dor era forte de mais. Desistiu, sentou no sofá, esperando que a dor passasse.

Quando voltou a si, já era de madrugada. Olhou para o relógio só para ter certeza. Eram duas da manhã.

— Filho da puta!!! — gritou, esperando que o marido ouvisse, onde quer que estivesse.

A dor de cabeça estava voltando, só então percebeu que ela havia passado. Apertava mais agora, deixando bem claro que não havia saída. “Ele fora beber”, pensou com ódio. Sentiu-se enjoada a ponto de vomitar. Um soluço rompeu a garganta. O choro não tardou. Era um choro amargo, sem certeza da hora de acabar. Ele havia estragado tudo, e justo agora. Justo agora quando queria ter filhos. Ela gritou e chorou mais alto. Deixou-se escorregar do sofá, caindo de joelhos no chão. Olhava para a mancha no tapete. “Sua idiota... idiota!!”.

O mecânico e a escritora

De uma forma totalmente bizarra, ele sabia o que estava acontecendo. Alias, bizarro era uma ótima palavra para descrever a coisa toda. Esta palavra flutuava sem ser notada, flutuava furtivamente na mente de ambos. O mecânico e a escritora. Eles sabiam, era absurdo, mas eles sabiam. A caminhonete reboque cortava o chão bruto até o manicômio.

— Você faz idéia do por quê?

Ele não fazia. Ele não respondeu, continuou a olhar a estrada, de alguma forma ela sabia que ele havia respondido.

— Não me pergunte — disse ele, quebrando o silêncio. Ainda olhava para a estrada. — Não sei o que pensar... só sei que este “cara” está envolvido.

— Estou com medo — ela quase chorava.

— Eu também... eu também!

O manicômio começava a surgir. Era uma construção antiga, de pintura também antiga, de um alaranjado inadequado para os dias de hoje. Apenas as janelas do andar térreo possuíam vidros, nas janelas restantes havia apenas grades. A caminhonete parou de forma brusca.

— Você espera aqui — começou —, vou ver o que descubro.

Ele afastou-se com passos firmes, mesmo não sabendo exatamente o que devia fazer. Entrou por uma das duas grandes portas duplas, grandes demais até mesmo para um prédio daquele tamanho. O piso estava impecavelmente encerado, o forro era extremamente alto, dando à ante-sala um status que não era seu. À esquerda, havia uma mesa de recepção, estava vazia, mas havia uma campainha sobre alguns papeis. A palma de sua mão desceu sobre o pequeno sino, fazendo o eco correr livre

por todo o grande salão. Esperou alguns minutos e quando já estava a ponto de desistir, surgiu um enfermeiro que de tão alto e magro, mais parecia um paciente.

— Pois não?

— Quero ver o cara do machado.

— Ele não recebe visitas, senhor...

— É muito importante que eu o veja, por favor... só alguns minutos — Douglas mexia nervosamente com as mãos, fazendo os dedos estalarem.

— O Sr. Mateus não recebe visitas.

O enfermeiro o estudou por alguns instantes. Olhava atentamente para as manchas de graxa. Fazia uma carreta de reflexão, como se estivesse indeciso, tentando escolher um caminho em uma encruzilhada.

— Ele fala na minha cabeça — disse Douglas. Falou tão baixo que o enfermeiro podia jurar que estava lendo pensamentos. Isso pareceu decidi-lo.

Douglas percebeu que sua frase havia surtido algum efeito na mente do enfermeiro. Poderia parecer, à primeira vista, uma frase tola e sem sentido. Contudo, o enfermeiro sabia o significado. É claro que ele achava que estes pensamentos que não eram seus, estavam flutuando

ali, por excesso de trabalho. Acreditava que o que ouvia durante a noite, era nada mais do que a pressão de trabalhar com loucos. No entanto, trabalhava ali há muito tempo, e não se lembrava de nenhum mecânico. Como ele poderia ouvir o mesmo chamado. Ele sabia, de uma forma bizarra, ele também sabia. *Saber* parecia ser a palavra. Não era desconfiança, nem suposição, era uma certeza.

— Venha comigo — disse finalmente.

Ele seguiu o enfermeiro, tomando o cuidado de memorizar o caminho de volta, afinal, entrar num manicômio mexe com a cabeça das pessoas. Era preciso prender-se à esperança de que iria sair. Seguiram por vários lances de escada, e por um momento, Douglas ficou confuso. Pararam em frente a uma porta de ferro, onde a ferrugem subia por um dos lados.

— Vou estar ali no fim do corredor, apenas chame-me quando acabar. Basta apenas abrir está janelinha — disse o enfermeiro enquanto apontava para uma portinhola no centro superior da porta de ferro.

Douglas respondeu com um sinal de cabeça. A pequena abertura ficava na altura de sua cabeça. O enfermeiro se afastou, Douglas não pode deixar de notar

que ele estava com medo. Ele abriu a portinhola, olhou para dentro e não viu nada além de escuridão.

— Tem alguém aí dentro?

— Depende... tem alguém aí fora? — disse uma voz. Douglas afastou um pouco o rosto. — Quem você procura? Napoleão está na terceira porta do corredor... ele é quem recebe visitas.

— Procuro pelo Sr. Mateus, é você?

— Professor Ernesto Silva de Mateus, ao seu dispor — a resposta fez os pêlos de Douglas se levantarem.

— Meu nome é Douglas.

— Eu sei... diga-me, como vai sua esposa?

Douglas deu um pulo, Era tudo real, o filho da mãe estava realmente em sua cabeça. De repente, poderia jurar que estava ouvindo música. Era um som de piano, a música era conhecida, mas não se lembrava exatamente de onde. E o mais espantoso é que a musica não chegava aos seus ouvidos vinda de algum lugar. A música apenas existia. Existia em sua mente.

— Frank Sinatra — disse o louco. — Ele toca excepcionalmente bem para um cego, não acha?

A música prosseguia, Douglas estava suando frio, sentia-se tonto também. Precisava sair, precisava respirar. Fechou a pequena abertura na porta com um movimento rápido e desesperado, imprensou os dedos ao fazê-lo. O louco ria à vontade. Douglas estava correndo, quase se chocou com o enfermeiro. Trocaram rápidos olhares, e ambos voltaram-se para saída. Estavam quase correndo. Douglas saiu do prédio sem falar com o enfermeiro. Entrou na caminhonete tão rápido quanto pôde, tinha que sair dali, ou morreria de pavor. O medo era palpável, sólido, e estava engasgado, preso em sua garganta. Deu a partida e fugiu.

Ainda podia ouvir aquela música ao longe. Assim como podia ouvir a gargalhada.

Mateus

O mecânico existia. Ah como estava feliz! O poder existia afinal, era maravilhoso saber segredos bem guardados, assim como ouvir piano quando quisesse, é claro. Antes também era bom, mas ficava a dúvida: era real, ou penas loucura? O mecânico havia respondido sua pergunta, dando um prazer todo especial ao poder. Ele dançava em sua cela. Tratava-se de um louco, a música existia apenas em sua mente, mas o mecânico pode ouvi-la, percebeu isso em seus olhos. Ele fez o mecânico ouvir, era maravilhoso, o poder era de uma beleza assustadora e doce. Ah... e o medo! Como ele teve medo, pode sentir o poder crescendo dentro de si, enquanto o medo paralisava

o mecânico. Sabia que podia tê-lo matado ali mesmo, ainda não sabia bem como, mas iria descobrir.

Ele estava desenvolvendo uma relação com o mecânico, afinal ele havia trazido a certeza. A certeza de que tudo era real, e isso faria o trabalho andar mais rápido. Era tudo uma questão de tempo. Seria generoso com o mecânico, talvez precisasse de um companheiro. Havia notado que ele não era de falar muito, mas bebia bem quando queria. Detestava beber sozinho. O mecânico seria um ótimo parceiro, tudo que precisava fazer, era encorajá-lo ao primeiro gole. Isso já estava quase feito.

Estava encantado com as possibilidades, era tudo tão infinito. O poder crescia, precisava apenas se concentrar, logo seria possível agir mais diretamente em seus interesses. Estava ali, esquecido do mundo há muito tempo. Há muito não recebia uma visita, estava completamente isolado. A comida era enfiada por uma abertura na parede. Antigamente era apenas uma abertura, um buraco na parede, mas depois que ele havia arrancado dois dedos de um enfermeiro, haviam posto uma pequena porta de ferro no buraco. Sim, era uma cela acolchoada, mas havia um banheiro instalado, se é que se podia

chamar aquilo de banheiro. Era apenas um buraco que dava para o encanamento, o cheiro era terrível, mas manteria o maluco em sua cela. Havia um pequeno buraco no teto também, tratava-se de chuveiro improvisado. O ligavam pelo lado de fora, e a água quente caía. Ele recebia tolhas e roupas limpas pela abertura na parede. Tinha acesso a livros e revistas, com todos os grampos e barbantes arrancados, só por segurança. É incrível o que um tipo desses pode fazer com um grampo. Durante os primeiros anos, ficava apenas chorando e pedindo perdão. Depois o interesse pela literatura voltou, lia tudo o que podia. A biblioteca municipal possui um programa modelo de empréstimos para hospitais e outras instituições. Ele lia tudo. Quatro anos depois começou com as meditações, diziam que praticava projeção astral. Um dos enfermeiros perguntou ao diretor do manicômio o que significava isso. Ele respondeu dizendo que era o que alguns “gurus” faziam, saíam do corpo e flutuavam por aí, provavelmente espiando moças ao tomarem banho. O Diretor Sampaio era um homem simples, um pouco sarcástico talvez, mas simples. Era um homem grande e gordo, com hábito de mascar um palito de fósforos na boca. Não havia

conseguido formar-se em medicina, mas conseguira o emprego, bastava dizer que possuía fortes alianças políticas, além é claro, de ser primo do dono de 70% das terras cultivadas na região.

As meditações ajudavam a passar o tempo, e deixavam tudo mais claro em sua mente. Tentava analisar a loucura, e por mais que repassasse seus atos, não se achava louco. Fez o que tinha que fazer, isto estava claro. Acreditava fielmente ter rompido com amarras morais, que minavam sua evolução. Era superior, especial simplesmente por ter descoberto a liberdade. O poder libertava. Por mais que se esforçasse, não conseguia lembrar o motivo da revolta, o ponto inicial de libertação. Talvez um comentário cretino no trabalho, ou o choro estridente do pirralho. Isso não importava mais, agora era um ser livre. O poder era seu, o mundo era seu. Tudo era uma questão de tempo.

A primeira leitura sobre parapsicologia aconteceu bem depois dos primeiros sintomas. No início ele não ligava, afinal estava louco, nunca mais sairia dali. É claro que sofria maus tratos, mas quem daria algo por ele? Você? Eu é que certamente não. Sejam os francos,

ninguém se importava, queriam que apodrecesse ali, e o quanto antes melhor.

Telepatia, telecinésia, pirocinésia, e muitas outras “*nésias*”. Assuntos interessantíssimos, estudados e analisados por uma mente sem grilhões morais, desprovida totalmente de conceitos e padrões científicos ou religiosos. Sem dúvida que era perigoso. O próprio Diretor Sampaio censurou os temas, em sua opinião pessoal seria como “cutucar a onça com vara curta”. “Todos têm direitos”, alegaram. “Por diabos!”. Tinha vontade de espancar o maluco toda vez que ele aprontava, e não foram poucas. Mordidas, socos e tentativas de estrangulamento. No último ataque, no qual quase matou um dentista voluntário, ficou decidido que não teria mais tratamento algum. “Que seus dentes apodreçam todos”, gritava Sampaio, “assim ele não morde mais ninguém!”. Queria espancá-lo o quanto pudesse, mas não o faria, não ficaria no mesmo cômodo que aquele demônio, nem mesmo se sua vida dependesse disso. Tinha medo, mas quem não teria? É certo supor que havia se criado uma aura negativa em torno do caso, isso sempre acontece. Os boatos correm soltos, criando monstros e bruxas, nestes casos, não há

como dourar a pílula. São casos em que toda propaganda é sempre negativa, não há como se evitar. O sujeito matou a mulher e o próprio filho com um machado, e isso tudo sem razão aparente. Nada de errado foi apontado como causa, não havia causa, apenas efeitos. Nenhuma crise nervosa, nenhum ataque de nervos. Nem depressão, nem esgotamento, ele simplesmente matou e isso era tudo.

Constantemente ele falava em poder, em luz e libertação. Convenhamos, não havia mais nada a se dizer. O cara do machado era um caso não resolvido, e assim ficaria. O último psiquiatra que tentou conversar com ele, estava agora aprendendo a escrever com a mão esquerda. Isso aconteceu logo no começo, foi assim que descobriram o que ele havia feito com a fivela do cinto. Ele amolou a fivela deixando-a tão afiada quanto um bisturi, provavelmente fez isso em um dos cantos da cela, onde havia pedras nas entradas do chuveiro e do ralo. Paciência, aprenderam com os erros. Depois disso, nenhum “doutor samaritano” ousou se aproximar da cela 33. Alias, fora o responsável pela alimentação e vestuário daquela ala, ninguém ousa. Esse era um poder real que o Prof. Mateus exercia sobre o sanatório, como leis invisíveis que se

cumprem sozinhas, sem represarias. Leis que todos temiam e respeitavam.

O manicômio

Casa de repouso para pessoas mentalmente perturbadas, asilo, sanatório, casa de doentes e muitos outros nomes deste tipo eram usados para descrever o lugar. No Vale, ele era conhecido apenas como O Manicômio. A construção data de 1952, onde uma jogada política pôs em prática o mais moderno centro de tratamento de toda a região. Na época, havia sido uma tacada de mestre, os loucos vinham de todos os lados do país, o dinheiro entrava e a cidade crescia.

Tudo correu bem por alguns anos, até que o maldoso apelido de “malucolândia” começou a pegar. Era constrangedor, considerado pela população em geral como ofensivo e de extremo mau gosto, fato que favoreceu a

adesão do nome. Os jovens, tidos por alguns, como o eterno mal da geração, encarregaram-se da solidificação do mito. Anos depois, o cara do machado coroou o lugar, e como todo rei tem direito a um castelo, o lugar passou a ser mais conhecido como seu lar. Ninguém dos anos setenta em diante conseguia pensar no lugar, sem pensar no cara do machado. Isso seria impossível, um completava o outro, isso em termos de fama e repulsão. Ninguém consegue esquecer suas cicatrizes, sempre que se olha no espelho, elas estão lá, sempre prontas para fazer você se lembrar do que passou. Assim era com a cidade, ninguém, por mais que quisesse, poderia esquecer o cara do machado. Até as crianças tinham sua opinião sobre ele. As mães cuidavam bem disso, usavam-no como fonte de medo, para que as crianças se comportassem. “Escove os dentes moleque ou o cara do machado vem te pegar!!”, ou ainda: “O cara do machado vai te levar pro manicômio, à menos que você coma suas verduras!!”. Pode se dizer que as mães obtinham significativo sucesso com este tema, sim senhor, ninguém ousaria enfrentar o cara do machado.

A história do manicômio é pontilhada de nomes, várias pessoas ilustres haviam tomado conta do lugar, a

maioria desistia. O posto de diretor, por exemplo, este só foi um cargo estável antes da internação do Prof. Mateus. Entendam o que eu digo, não há como se falar do lugar, sem mencionar o professor. Sampaio costuma definir esta relação de forma pitoresca, sempre que questionado a este respeito o diretor limita-se a expressão: “cú e calça”.

O lugar nunca foi totalmente reformado, apesar de sempre haver uma equipe de manutenção remendando seu interior. Fora parte da instalação elétrica do lugar e outras pequenas reformas, pouco mudou. É claro que o número de malucos aumenta a cada ano, e isto não é difícil de se constatar, mas o lugar havia sido construído para isso, tinha capacidade para abrigar quantos loucos lhe enviassem. O fato de estar literalmente caindo aos pedaços pouco importava. Ninguém repara onde joga seu lixo, e isso dificilmente irá mudar.

Depois que o professor Mateus passou a morar ali, Sampaio foi o diretor que mais durou. Era um homem um tanto quanto difícil, mas tinha o pulso necessário para administrar o lugar. Todos reconheciam isso, e embora esse não fosse o seu ideal de profissão, gostava do que fazia. Tinha certa autonomia, era senhor dos seus

domínios, por assim dizer. Apesar de evitá-lo, conhecia o professor melhor do que ninguém. Era cauteloso, dizia sempre que este era o segredo de seu sucesso. Há muito Sampaio havia aprendido que só se morre uma vez, Mateus apenas serviu para reforçar sua cautela. Como a maioria dos enfermeiros do lugar, andava sempre com um porrete de madeira preso ao cinto, e nada nesse mundo o separaria dele, pelo menos não enquanto estivesse dentro do manicômio.

Constantemente abria a pasta contendo tudo sobre o paciente Ernesto Silva de Mateus. Já havia decorado seu conteúdo, mas relia assim mesmo. Comparava datas, verificava depoimentos e assinaturas, sempre procurando algo que faltava. Sabia que faltava algo, disso tinha certeza, precisava apenas encontrar. Sempre que ficava sozinho em seu escritório, costumava acender um charuto, servir-se de um pouco de conhaque e ler sobre Mateus. Sampaio o odiava, toda a cidade o odiava. Por várias vezes havia pensado em escrever um livro sobre o caso, mas não o faria. Não até encontrar o que faltava. O segredo estava ali naquela pasta, ou talvez perdido para sempre na cabeça do professor. Estava começando a considerar mais a

segunda hipótese, teria que descobrir o que aquele desgraçado tinha na cabeça. Isso não seria fácil, afinal tratava-se de um professor, que aparentemente passara os últimos quinze anos lendo e meditando. Faria isso, mas de modo algum deixaria o maluco lhe enrolar.

Voltando agora para o assunto manicômio, todos sabem muito bem que prédios antigos têm seus fantasmas, isso é quase uma regra, e em certos lugares isso até aumenta o preço do imóvel. Pois bem, durante muito tempo, Sampaio considerava isso como um mito, mas recentemente algo novo, mesmo que em roupagem velha, estava reforçando esta regra sobrenatural. Nos últimos dias, estava se tornando comum ouvir, durante a hora do almoço e jantar, o som de um piano. Não era um som alto e claro, parecia tocar dentro da cabeça, mas não em forma de pensamento, era como se estivesse ouvindo a música com fones de ouvido. Sabia que outros funcionários também ouviam, também os enfermeiros, é difícil se esconder uma coisa que não se compreende. Parece que todos têm necessidade de entender coisas inexplicáveis.

Seja como for, o fato é que havia músicas, músicas belas; de uma forma bizarra, todos sabiam de onde vinha.

Por mais que tentasse negar, Sampaio sabia. Odiava admitir, negava como podia, mas estava claro, tinha ouvido os enfermeiros cochichando algo sobre o professor sempre dançar na hora do almoço e do jantar. Havia ainda um paciente na ala sul, que gritava sempre nestas horas, pedindo para que parassem a música. Imaginava se o desgraçado estivesse desenvolvendo alguma espécie de poder paranormal, andava até estudando sobre o assunto. Sampaio era um homem esperto, sabia que a biblioteca tinha uma lista dos livros emprestados. Estava lendo exatamente o que o professor havia lido. Sabia que cedo ou tarde, iria encontrar a peça que faltava, iria descobrir o segredo do professor. Sentia uma estranha urgência nisto, como se soubesse que Mateus tramava algo. Era de vital importância descobrir o que ele estava tramando, sabia que ia conseguir, era apenas uma questão de tempo.

Live and let to die

Enquanto tocava sua música, podia sentir que algo lhe era roubado. Seu ouvido esquerdo zumbia. O pensamento corria solto. A variedade de pensamentos que se tem quando se toca um instrumento é assustadora. Conhecia muitos músicos que enquanto tocavam, pensavam em seus peixes, flutuando em seus aquários, ou em campos verdejantes e frescos. Normalmente ele pensava sobre o que podia estar ao seu redor, imaginando as pessoas que o estavam ouvindo. Contudo, algo estava diferente, sabia disso; não sabia exatamente o que, mas algo se manifestava com a música. Na verdade, era mais como uma dessas sensações que se tem depois do êxtase,

como se tudo fosse vazio, como se algo estivesse sendo roubado de sua mente, roubado em pequenas porções, deixando depois do gozo, apenas o gosto e a lembrança do que antes havia.

Neste estranho processo, imagens desconexas tomavam sua mente. Via corredores e celas, numa mistura estranha de prisão e hospital. Um vulto dançava. Eram imagens novas, coisas que nunca havia visto. Tinha dificuldade em imaginar coisas que não havia visto antes do acidente, mas estas surgiam com muita definição, os detalhes florescia em todos os cantos, montando um cenário novo e assustador. De onde vinham? Isto era totalmente novo, era como se de repente houvesse encontrado um canto inexplorado em sua cabeça. Esta mata virgem era atraente, convidativa e fascinante. Estava assustado, mas muito curioso, precisava descobrir este novo mundo que se abria em seus pensamentos. Havia também o machado. O machado havia entrado em seus sonhos sem o menor aviso, ele não o havia posto lá. Lembrava-se de ter criado o cenário e a bailarina, mas não se lembrava de onde vinha o machado. Isso era simples, bastava aceitar o fato de que o machado não vinha de si, e

sim de fora, de alguém que roubava sua música. Este pensamento havia se formado ocasionalmente, fora montado aos poucos, assumindo uma forma pronta, condensada em uma única conclusão: a música era roubada pela mesma entidade que havia colocado o machado em seus sonhos. Achou isto ridículo, “entidade?”, ora vamos, isso é coisa de maluco.

(É isso aí meu velho, você sabe... coisa de maluco...)

Enquanto os pensamentos estranhos surgiam em sua mente, a música saía de forma mecânica. Parecia que sua imaginação estava sendo levada junto com a música. A execução da música continuava perfeita, não errava uma nota sequer. No entanto, era apenas um ato mecânico, desprovido de emoção. Com certeza seu professor de música diria, se estivesse vivo é claro, que estava lhe faltando *feeling*, a música desprovida de sentimentos não vale as vibrações que provoca.

(Loco de la cabeza, hombre!!)

Os pensamentos, a voz, de quem quer que fosse, destilava um senso de humor um tanto quanto distorcido. Loucura seria a palavra certa para descrever este humor. Fica mais fácil decifrar quando há humor numa voz,

quando não se poder ver os olhos de seu interlocutor. A falta de visão lhe dava algumas vantagens... talvez até ampliasse o poder extra-sensorial que todos possuem, mas que não usam. Talvez fosse daí que surgisse estas estranhas respostas para perguntas ainda não feitas.

(Maluco *beleza cara...*)

Sabia que estava cada vez mais próximo, logo saberia, mesmo achando tudo absurdo. Apesar de tudo não passar de sensações, sabia que isso vinha de algum lugar, ou talvez de alguém. Parou de tocar quando o gerente lhe cutucou, o restaurante já estava vazio. Esperou até que o caixa fosse fechado e a carona de sempre fosse oferecida. Estava cansado, isso sempre acontecia quando pensava e tocava ao mesmo tempo. Com seu pensamento ocupado, a música ficava mais fria, mas sempre pensava com mais clareza quando estava sentado ao piano.

— O que há com você, Tel? — a pergunta o pegou desprevenido, estava pensando sobre o machado. No rádio do carro tocava uma versão *remixada* de uma canção dos *Beatles*. “Viva e deixe morrer”, dizia a canção.

— Cansaço, só isso.

— Pode se abrir comigo cara, você sabe disso —
Ramon tentava parecer mais gentil do que realmente era.
Era um cozinheiro chileno, morava no Brasil apenas há alguns anos.

Tel deu de ombros.

— Não sei? São sonhos... sonhos estranhos, pensamentos que não consigo explicar — perdeu o fio da meada. Neste instante o machado voltou à sua mente. —
Sonho com um machado...

— Ah! Você também tem medo dele, é normal, quando me contaram essa história eu quase fui embora da cidade.

— O que disse? Que história?

— Você sabe, o cara do machado.

Tel quase engasgou. Cara do machado? Tudo se tornava mais estranho a cada minuto, estava com medo de continuar esta conversa, mas precisava saber, tinha que encontrar as respostas que faltavam.

— Não sei de história nenhuma, cara, mas você vai me contar, pode ter certeza disso.

Sentou no escuro, estava em casa, cansado e no escuro. Sempre no escuro. Que espécie de pessoa mataria

a esposa e o próprio filho? Loucura novamente seria a única explicação. A voz possuía um senso de humor estranho, bizarro, louco. Loucura. O cara do machado era a fonte, de alguma forma ele entrava em sua mente, roubava sua musicalidade e sabotava seus sonhos. Sabia que não poderia estar simplesmente impressionado, às vezes isso acontece, como quando se assiste um filme e começa a ter pesadelos. A sensação, no entanto, era mais forte e não conhecia essa história quando sonhou com o machado. A sensação era mais forte... não era impressão, não era suposição. Era certeza. Pensamentos transitando entre mentes, como se estivessem ligadas por cabos. Precisava descobrir o que estava acontecendo, e o quanto antes.

19

Medo

— Para onde vamos? O que houve?

— Não sei... preciso beber alguma coisa — ela notou o medo em sua voz.

— Por favor, diga-me o que houve? — ele parou a caminhonete, já estavam no centro da cidade.

— É tudo real, este cara está mesmo falando com a gente — parou, estava escolhendo as palavras. — Queria esquecer tudo, e faria isso se não fosse pelos ataques. Os ataques também foram reais, pelo menos eu senti que poderia morrer, se “ele” assim quisesse... se não fossem os ataques, juro que esqueceria tudo!!!

— O que ele disse?

— Ele disse que sabia meu nome, perguntou como ia minha esposa... e o medo... a música, juro que ouvi, e vinha de lugar nenhum. Simplesmente estava na minha cabeça, mas ele também ouvia, comentou sobre ela... disse que ele tocava bem para um cego!?!

— Há um pianista cego na cidade! — ela quase gritou, estava tentando absorver as informações que Douglas despejava em alta velocidade.

— Temos que avisá-lo, talvez ele também corra perigo.

— Sim... mas — ela parou no meio da frase, tinha medo do que ia dizer. — Como fugir se ele pode nos matar a distância?

Eles ficaram em silêncio, olhando-se mutuamente, o medo nos olhos era muito forte. Ele acendeu um cigarro, olhou para o relógio e deu um murro no volante.

— Merda! Tenho que ir pra casa... mas vou levá-la primeiro.

— E isso fica assim?

— Parece que não podemos fazer nada... “o que não tem remédio, remediado está!”. Sinto muito, não sei o que fazer.

Ela jogou a cabeça para trás, como que para livrar-se de algum peso. Ele deu a partida e a caminhonete roncou entediada.

— Isso é loucura — disse inconformada. — Precisamos fazer alguma coisa, qualquer coisa.

— Olha, vamos até sua casa, preciso de uma bebida... preciso pensar...

Ela indicou-lhe o caminho, não morava muito longe do centro. Durante todo o trajeto ambos permaneceram calados, perdidos em pensamentos indecifráveis.

— Amanhã — começou ele, — falarei com o diretor do hospício. Ele precisa saber, talvez até faça algo a respeito.

— Será que ele vai acreditar?

— Espero que sim... tenho um palpite. O enfermeiro que me atendeu, ele sabia, não tinha muita certeza, mas sabia. Aposto que o diretor vai entender. Sei que é pouco, mas é tudo que podemos fazer.

Quando a caminhonete parou, ela lembrou-se de sua mãe. Precisava saber se estava tudo bem. Pediu que ele

esperasse ali fora. Ela entrou na casa com uma estranha sensação de perda, como se já soubesse o que ia encontrar.

Silêncio.

Caminhou para o quarto da mãe. A luz estava acesa, mas isto não significava absolutamente nada. Pela porta entre aberta, uma mancha de luz escorria para fora, dando ao corredor um aspecto fantasmagórico. Caminhou sem pressa até a porta, fazendo barulho com os pés, esperando que sua mãe lhe repreendesse por incomodá-la. Nada aconteceu. Ela permaneceu parada diante da porta por longos minutos, respirou fundo e depois a abriu lentamente. Sua mãe estava deitada, com a cabeça caída para o lado. Isso também não significava nada, poderia estar apenas dormindo, não sofreria antes da hora.

Do lado de fora, Douglas estava fumando, tentando compreender a coisa toda. E não era fácil. O mundo supostamente como o conhecemos é suficientemente complicado, elementos externos e paranormais geralmente estraçalham nossas bases, nos forçando a ver o que insistimos em negar que realmente não existe. Claro que já vira pela TV pessoas entortando talheres, quebrando cristais e coisas do tipo, mas é complicado sonhar com um

maníaco e descobrir que ele brinca de “telefone sem fio” com você...

A mente simples de Douglas conseguia apenas isolar uma alternativa, que no momento primordial da idéia, preferiu não comentar com a moça. Tratava-se de uma questão de sobrevivência, uma alternativa lógica para um acontecimento ilógico. Deveria matar a coisa, antes que a coisa o matasse.

A mãe da moça estava viva, dormia pesado. Norma respirou aliviada, meio incerta, por um momento teve certeza de que a mãe estava morta. Agora pensava se realmente havia imaginado isso, ou se o cara do machado imaginou isso por ela. Não podia confiar mais em si mesma, e isso a assustava. Assustaria qualquer um.

(Não matei a mamãezinha ainda, ainda tem tempo...)

A voz novamente. Um arrepio percorreu todo o corpo da moça, Norma achou que fosse desmaiar. Em algum lugar de sua mente havia alguém falando, alguém que não era ela, alguém que cedo ou tarde iria machucá-la. Norma tinha certeza disso. Correu para fora de casa, aterrorizada, buscou instintivamente os braços de Douglas.

Ele a abraçou por reflexo, ela o apertava contra si e Douglas sentiu o corpo jovem e firme. Ele pensou na esposa, pensou na bebida e novamente na esposa. Ele esperou que o silêncio se desgastasse um pouco, depois a afastou com delicadeza.

— Preciso ir...

— Mas...

— Nós vamos encontra uma saída, sei que vamos...

Chuva rala

Júlia pegou a bolsa e saiu. Eram duas da manhã e não tinha idéia de onde ir, nem ao menos sabia o que pretendia. Precisava encontrar alguém, não suportaria passar a noite sozinha, ou melhor, com aquela voz, fosse quem fosse. Desceu para rua buscando em vão por um táxi, como se houvesse essa possibilidade naquela rua. Passou pelo ponto de ônibus como se este não existisse, não haveria ônibus naquele horário. Olhou para o céu desesperada, esperava que Deus lhe desse uma pista do quer fazer. Sentiu uma gota cair no rosto. Ótimo. Era o que faltava. Chuva. Mansa demais para assustar. Contudo, não pretendia ficar ali parada, precisava pensar. Pensar doía. Neste instante, seus joelhos não suportaram mais o

peso de últimos acontecimentos. Sentou-se na calçada e o chão frio anestesiou um pouco a dor de cabeça. A chuva começou a engrossar.

— Moça?

Ela se virou para o vulto que cambaleava em sua direção. Não pode conter um gritinho assustado.

— Calma. Não vou lhe fazer mal. Sou cego.

Sentiu-se tola. Estava chorando debaixo de uma chuva rala, sentada numa calçada suja. O que um cego fazia na rua há esta hora?

— O quê?

— Gosto de caminhar durante a noite. É mais tranqüilo — disse sentando-se ao lado dela. — Assim não esbarro em ninguém. Preciso preocupar-me apenas com os obstáculos naturais.

Ela enxugou as lágrimas com as costas das mãos. O movimento foi lento e desordenado. Pensou que devia estar parecendo ridícula, lembrou-se então que estava diante de um homem cego. Um homem belo. A mão dele estava parada no ar, flutuando indecisa diante do rosto dela. Parecia querer tocar-lhe o rosto, mas não estava muito certo se devia. Ela segurou a mão dele e levou-a até

sua face. Ele sorriu e passou suavemente a mão pelo rosto da moça. Ela pode sentir como a mão dele era macia.

— Suas mãos são muito bonitas.

— Obrigado, sou pianista, preciso delas.

Ele afastou a mão.

— Já ouvi falar de você.

— O que posso dizer? Sou uma celebridade. Eu sou Tel — disse estendendo-lhe a mão.

— Júlia — disse. Cumprimentaram-se e sorriram.

— Que tal sairmos dessa chuva?

Ela deu de ombros.

— Boa idéia.

Ele a ajudou a levantar-se. Ficaram sem jeito por alguns segundos. Ela olhava para os lados, tentando imaginar o que dizer. Juntou as mãos e cruzou os dedos, num movimento de timidez.

— Bem, onde é sua casa?

Ele fez uma carreta antes de responder.

— Acho que estou perdido — estava mentindo. Não se perderia com tanta facilidade. Tinha todos os pontos de referencia muito bem registrados. Na verdade, parecia querer se perder. — E a chuva está engrossando.

Ela continuava procurando o que dizer. Olhava para a rua, como quem procura um pequeno objeto perdido. Ele esperava que ela o convidasse para qualquer coisa, não queria voltar para o quarto escuro, muito menos para o sonho escuro. Seu sonho perfeito agora lhe parecia mais com uma ratoeira. Não queria voltar. Queria uma companhia. A cegueira, algumas vezes, podia ser terrivelmente solitária.

— Parece que nós dois estamos sem sono. Eu moro logo ali, quer tomar um café?

— Aceito.

— Bem... — começou sem jeito. — Eu sou casada.

— Sei disso. Senti sua aliança quando a ajudei a se levantar. Não se preocupe, sou completamente inofensivo.

Sorriu sem graça. Tentou parecer natural, mas sabia que não estava conseguindo. Olhou para o céu como se analisasse as nuvens. Contudo, tudo o que viu foi escuridão.

— Acho que vou confiar em você, mas vamos até minha casa.

Ela o segurou pelas mãos e o conduziu pela rua escorregadia. Andava com extrema cautela, o que o fez rir

baixinho. As pessoas costumavam ter esse excesso de zelo, como se o fato de ser cego o tornasse frágil em outros sentidos. Mas isso não o incomodou como de costume. Fazia um bom tempo que ninguém lhe dispensava cuidados, pelo menos não de uma maneira tão sincera.

Ela o ajudou a entrar. Guiou-o até uma cadeira e o acompanhou até que se sentasse. Ele agradeceu e começou a farejar o ambiente.

— Sopa.

— Sim. Mas já acabou — disse, olhando para a mancha no tapete. — Eu vou passar um café. É só um minuto.

Ele concordou com a cabeça. Começou a pensar que já conhecia esta moça. Júlia. Havia algo de familiar, não que soubesse, apenas sentia uma certa intimidade. Ela também sentia o mesmo. Porém, ela não conhecera nenhuma pessoa cega antes. Julgou que esta sensação era própria de pessoas assim. Não levou a sério. Para ela, era bom esquecer um pouco o marido, a dúvida e os medos. Ao contrario dela, Tel tentava encontrar a fonte desta sensação. Surpreendeu-se quando teve a estranha certeza

de que esta sensação vinha não de sua memória, mas da mente de outra pessoa. Era totalmente absurdo, talvez esta fosse a certeza mais absurda que já tivera. No entanto, estava certo do que sentia.

Começou, por um momento, a imaginar que talvez os estranhos acontecimentos dos últimos dias, não estivessem acontecendo somente com ele. Seria possível, claro. Pois se havia aceitado o fato de um interno de um hospital para doentes mentais estivesse vivendo dentro de sua cabeça, o resto seria merda pouca.

Júlia voltou trazendo o café em uma bandeja de plástico. Estava sorrindo, mas logo seu sorriso desapareceu, ante a expressão de seriedade e preocupação do jovem cego.

— Aconteceu alguma coisa?

— Sim. Temos que conversar... sobre as vozes.

Mais uma dose

O bar era o mesmo. O cheiro do lugar era o mesmo. Os corpos caídos nas pontas do balcão em razão do álcool, com poucas exceções, eram os mesmos. Mas havia algo errado nesta velha cena. O copo de Douglas estava vazio. Ele olhava para o copo, tentando imaginar uma boa razão para não enchê-lo, e em seguida, esvaziá-lo com gosto. Podia imaginar o gosto, a sensação. Primeiro o cheiro levemente entorpecedor, seguido do choque com a língua. O sabor forte e seco. A sensação que a bebida provocava na garganta, queimando, descendo e queimando. Na garganta, no peito e por fim no estômago. Ah, saudade. Fechou os olhos com força, abriu-os lentamente e começou a brincar com o copo sobre o balcão.

Tentou lembrar-se do primeiro porre, mas não se esforçou, sabia que jamais se lembraria. Lembrou de outros. Os melhores, os piores. Bebeu com o pai, com os amigos, com inimigos e na maioria das vezes, sozinho. Lembrou do primeiro carro, do segundo... não conseguia calcular os prejuízos. Com certeza, caso nunca tivesse bebido uma gota sequer, estaria rico. Uma festa, um gole, um porre, um acidente, e tudo se repetindo na mesma seqüência. Uma bomba relógio em potencial. Uma bomba que explodiu no rosto da esposa. Bem, podemos dizer que aquela foi a explosão final. Júlia havia suportado diversas explosões menores ao longo de todo o casamento.

Levantou os olhos e observou com certo asco os demais perdedores que se sentavam ao seu lado. Olhou para o relógio em forma de coquetel acima do balcão. Já estava sentado ali, pensando, há mais de uma hora. Pensou na esposa, nos filhos que queria ter. Era, agora, dono de uma oficina. Tinha uma chance. Aliás, outra chance. Júlia havia-lhe perdoado, não poderia por tudo a perder agora.

Contudo, havia fantasmas demais dentro daquele copo vazio. Sentiu nos ossos que o cara do machado poderia tê-lo matado se quisesse. Sua mente não lhe

pertencia mais. Seus segredos não eram mais só seus. Não sabia se o desgraçado era paranormal ou sobrenatural, ou ainda, as duas coisas juntas num mesmo pacote promocional.

Enquanto pensava, contornava o desenho do copo de uísque com a ponta do indicador direito. O copo, mesmo vazio, parecia pesar uma tonelada.

Em sua mente, uma teoria começou a se compor, o que jamais aconteceria caso estivesse bêbado. O cara do machado não poderia matá-lo. Pelo menos ainda não. Se pudesse, teria feito. Imaginou que ele estivesse ainda desenvolvendo suas habilidades. Claro que não tinha certeza, mas isso era algo a que se apegar. Isso lhe daria a chance de matar o filho da mãe primeiro. Questão de sobrevivência. Achou a teoria interessante. Olhou novamente para o relógio. Mais meia hora havia se passado. Sentia sede.

(Vamos Douglas meu velho, que tal um gole?)

Era a voz. O desgraçado estava ali com ele. Parou de pensar. Tinha medo que seus pensamentos estivessem sendo lidos, ou vistos... não sabia qual termo empregar. Mas isso não fazia a menor diferença, contanto que

esvaziasse sua mente. Era difícil. Muita coisa para esquecer em tão pouco tempo. Tentou visualizar uma folha de papel em branco. Concentrou-se nela. Fechou os olhos e ecos de luzes das lâmpadas do bar brilharam sob suas pálpebras. Isso borrou um pouco a folha em branco. Tons de vermelho surgiram, tornando-se esverdeados em alguns pontos.

Quando achou que estava dando certo, ouviu uma gargalhada dentro de sua cabeça.

(Douglas, você é uma parada!! Uma figura... pode apostar!)

Douglas não sabia o que fazer em seguida. Olhou novamente para o relógio em forma de coquetel, Júlia devia estar preocupada. Evitou pensar em sua esposa, o desgraçado poderia estar lendo seus pensamentos. Estava perdido, olhou para o copo, na esperança que este lhe dissesse o que fazer. O que fazer? Será que poderia comunicar-se com o maluco?

(Claro que pode, Douglas, meu velho... vamos bater um papo.)

— Filho da puta!! — explodiu.

— Disse alguma coisa? — perguntou um barman de aparência relaxada.

Douglas disfarçou como pode e deu de ombros.

— Não, nada. Apenas pensando em voz alta.

— Quer beber alguma coisa?

(Evidente que ele quer. Sirva-o de algo, por conta da casa, é claro.)

O garçom deu um pulo. Seus olhos arregalaram-se como se houvesse levado uma alfinetada no traseiro. Balançou a cabeça lentamente, do modo que uma pessoa faz quando se sente tonta. O garçom havia ouvido, Douglas também. Aparentemente o poder do professor estava crescendo.

(Não se preocupe Douglas, se isso o incomoda, posso fazê-lo esquecer.)

Neste instante o garçom voltou a mover-se novamente.

— Bem, se não vai beber nada o problema é seu. Tenho mais o que fazer. Se mudar de idéia é só me chamar.

— Fique tranqüilo — Douglas esperou até que o garçom se afastasse para dizer baixinho. — Você fez o garçom esquecer, porque o mesmo não acontece comigo?

(Obra do acaso Douglas. Você foi um dos primeiros. Alguns aparecem em minha mente e se vão. Outros ficam. É evidente que agora posso escolher quem fica e quem sai. Mas gosto de você. Você foi um dos primeiros. Você terá um lugar no meu novo mundo. Pode apostar.)

Douglas teve vontade de gritar.

(E não se esqueça dos vermes...)

Douglas gritou.

— O que foi cara? — perguntou o garçom assustado. — Quer um trago?

— Quero — Douglas espremeu os olhos com ódio. — Puro e sem gelo.

O garçom despejou o líquido no copo suado. Douglas assistiu o ato com imensa tranqüilidade. Pegou o copo e bebeu de um só gole. Devolveu o copo ao balcão com bastante firmeza.

— Mais uma dose? — perguntou o garçom. — Ou devo deixar a garrafa?

— Não — respondeu. — Nem um, nem outro. Parei de beber.

Mundinho bizarro.

Ele cantava:

— “Se essa rua, se essa rua fosse minha... eu mandava, eu mandava ladrilhar...”

Estava feliz, mas também cansado. Havia desperdiçado muita energia para entrar na cabeça do garçom. Conseguia entrar na mente de algumas pessoas, isso era fácil. Mas precisava manter o contato, fixar a frequência. Um novo contado despendia muita energia. Contudo, gostou do que fez, valeu à pena. Iludiu o mecânico. Fez com que acreditasse que seu poder era maior do que realmente é. O velho Douglas estava tendo idéias perigosas. Precisava garantir o controle do jogo.

Deveria tomar mais cuidado de agora em diante, não poderia gastar energia tão preciosa desnecessariamente. O tempo dos testes havia acabado, precisava acumular energia para a hora do show.

Tinhas outras providências a tomar. Precisava localizar seu machado, o verdadeiro é claro. Sem ele, isso tudo não teria à menor graça. Talvez devesse entrar na mente de Sampaio. O velho rato com certeza saberia onde o encontrar. Tinha certeza de que não fora destruído. Tratava-se de uma relíquia. Porém, Sampaio era um homem muito forte, gastaria energia demais com ele, a menos que usasse um dos contados já estabelecidos para encontrar seu machado. Era uma boa idéia. Qual deles teria mais chances de encontrá-lo? O cego certamente não. Acreditava que este era seu contato mais inútil. De nada serviria um corpo cego. Se o contato não estivesse tão enraizado, trocaria o cego por qualquer outra pessoa da cidade.

Júlia era outra peça fraca. Odiava a moça. Mas ela serviria como cobaia, pois quando conseguisse matar a distância, ela seria seu primeiro alvo. Além disso, ela era uma das fraquezas de Douglas. Depois desta noite, estava

evidente que não conseguiria fazê-lo beber. A força de vontade do mecânico o havia surpreendido, e poucas pessoas conseguem isso. Ela seria útil, caso ele resolvesse causar problemas. Mas, voltando ao assunto, ela seria incapaz de encontrar o machado, mesmo que este estivesse cravado em seu crânio.

Ao contrario de Júlia, Norma era um exemplar perfeito da força feminina. A menina era mais corajosa do que se podia imaginar. Sabia que não ia ser fácil dobrar sua força de vontade, mas com certeza apreciaria muito o desafio.

Havia mais um motivo para julgar Norma tão especial. Estava apaixonado por ela. Apaixonado pela sua mente e pelo seu corpo. Além do mais, um rei precisa de uma rainha. Acreditava piamente que em breve seus poderes chegariam num estágio tal, que a imortalidade deixaria de ser um sonho, tornado-se mais uma de suas novas realidades.

Esperar por Norma era tão entediante quanto esperar pelo poder supremo. Queria o corpo da moça. É claro que já havia passeado por ele. Em uma noite, induziu-a ao sono profundo. Manipulou o sono da moça, obrigando-a a

masturbar-se enquanto dormia. Acompanhou-a durante todo o ato, chegando ao orgasmo junto com ela várias vezes. Evidentemente isso a exauria, estava sugando energia vital da moça, tal qual um vampiro. Mas ela era forte e jovem. Ela podia repor estas energias facilmente. Gostava do cheiro dela, mas o toque real seria um prêmio muito mais saboroso.

O mecânico não era a melhor opção. Não seria aconselhável chocar-se diretamente com sua força de vontade. Ele era forte demais, parecia mais um touro indomável. Tinha que conduzi-lo através de rodeios, o que dificultaria e estenderia demais a busca. Realmente era melhor deixar o confronto com Douglas para o final, quando estivesse mais forte. A briga ia ser boa, esperava ansioso por este duelo.

Precisava encontrar alguém. Alguém fraco e covarde. Esta pessoa precisava ser fácil de se controlar, alguém cansado demais para reagir. Na verdade, já tinha esse “alguém” em mente.

Reflexões

— Muito bem — começou Sampaio. — Fale devagar.

O enfermeiro respirou fundo antes de recomeçar.

— Um homem esteve aqui. Ele... bem, ele disse que precisava falar com o paciente da cela trinta e três...

— Do quarto trinta e três, você quer dizer.

— Hum... sim diretor, isso. Bem, este homem insistia em ver o professor. Disse-lhe que o paciente da cel... do quarto trinta e três não recebe vistas, mas ele continuou insistindo. Disse ainda que o professor havia falado com ele, disse que o nosso paciente estava dentro de sua mente.

Sampaio ouviu tudo sem surpresa. Com o cotovelo sobre a mesa, segurava a cabeça com uma das mãos sob o queixo. Jogou-se para trás, deixando que suas costas atingissem com certa violência o encosto da cadeira. Abriu a gaveta retirou um charuto e o acendeu. A primeira baforava subiu de maneira preguiçosa.

— Entendi. Claro que você não o deixou subir, não é?

— Não exatamente...

— Como não exatamente? — perguntou Sampaio erguendo o tom de voz. — Você o deixou subir? Isso é contra todos os regulamentos! Mas o que deu em você, ficou louco?

O enfermeiro espremeu-se em sua insignificância. Parecia estar a ponto de chorar. Sampaio não se permitiu demonstrar qualquer traço de compaixão, o caso era sério demais para isso. Esqueceu o charuto sobre o cinzeiro e levantou-se num pulo, empurrando a cadeira para trás.

— Droga, Almir. O que deu em você?

— Desculpe-me senhor... o senhor sabe o que acontece com o paciente da c... do quarto trinta e três, bem eu pensei que...

— Não — interrompeu-o. — Você não pensou, esse é o problema.

— Eu...

— Esqueça... esqueça o assunto, cai fora da minha sala e não abra o bico, entendeu?

— Sim senhor.

— Ótimo. Agora saia.

O enfermeiro saiu rápido e rasteiro. Sampaio deu apenas uma rápida olhada no charuto apagado sobre o cinzeiro. Quando se voltou para a porta, o enfermeiro já havia desaparecido.

Sentou-se e reacendeu o charuto. A coisa estava séria demais. As desconfianças estavam sendo confirmadas, e os resultados destas confirmações estavam extrapolando as expectativas. Sentiu medo, o que era normal quando o assunto em pauta era o Prof. Mateus, mas este medo agora era diferente. Parecia mais um aviso. Quanto tempo mais levaria até que o maluco estivesse nas ruas? Depois de alguns anos lidando com Mateus, era comum sonhar com uma morte por um machado. Temia que estes sonhos, na verdade, não fossem sonhos e sim avisos.

Apagou o toco do charuto levantando-se. Caminhou devagar até a porta, abriu-a e espiou para o corredor. Ao certificar-se de que este estava vazio, tomou a direção da cela... do quarto trinta e três. Caminhou bem devagar pelos corredores iluminados. Parou na esquina de acesso à cela do professor. Coincidentemente ou não, a lâmpada de frente a cela número trinta e três estava apagada. No fundo sabia que não se tratava de uma coincidência. Nos último mês, havia trocado aquela lâmpada várias vezes. Isso o fez hesitar um pouco. Sabia que uma conversa com Mateus agora, estragaria pelo menos três ou quatro noites de sono. Contudo, era preciso.

Caminhou com força, queria que o desgraçado ouvisse seus passos. Tinha uma estranha certeza de que sua presença já era conhecida pelo ilustre paciente. Parou defronte a porta, abriu a portinhola e postou o rosto a uma distância segura.

— Boa noite, diretor.

Sampaio não esperava uma recepção tão rápida. Isso o pegou de surpresa, fazendo recuar um pouco.

— Calma diretor, não vou lhe fazer mal. Estou atrás das grades.

— Eu sei. Mas por quanto tempo?

— Ora, ora, vejam só. Você é um homem bastante esperto. Aprecio um homem que sabe reconhecer e aceitar o inevitável.

Sampaio apertou o olhar.

— Ponha os pés pra fora e eu mesmo te mato.

— Ora Sampaio, não sejamos tão rancorosos. Veja o lado positivo: não serei mais um problema seu. Pode se dizer até que todos os seus problemas serão resolvidos... definitivamente.

Sampaio não se abalou, manteve firme o olhar.

— Você não me assusta. Você é um louco, e com ou sem poderes, não passa de um louco. Você não é melhor, nem pior que os outros birutas daqui, é apenas mais um deles... nunca se esqueça disso.

— Desta vez não. Desta vez... eu dou as cartas. E a carta que manda neste baralho... é o curinga! Imagine um baralho contendo apenas coringas... esse é jogo...

— Isso não me importa. Dei o meu recado, não tenho mais nada a fazer aqui.

Sampaio afastou-se com os mesmo passos firmes. Não queria demonstrar o verdadeiro medo que estava

sentido. Por um momento, achou que fosse sujar as calça.
Contudo, conteve-se.

— Boa noite, diretor — disse Mateus pela
portinhola. — Durma com os anjos.

Sampaio afastou, enquanto Mateus ria.

Vozes

— Não sei — disse quando ele acabou de contar tudo o que queria. — Não que eu não acredite, mas é que... parece tudo incrível demais...

Ela reabasteceu as duas xícaras com café e depois segurou as mãos do jovem cego.

— Não que eu não acredite. O que você disse faz sentido... faz sentido na minha cabeça. Parece que no fundo eu sabia de algo... sabia que estas vozes vinham de fora... e agora... meu Deus!

Ele apertou as pequenas e delicadas mãos que segurava. Parecia haver energia no toque. Não sabia ao certo o que dizer. A certeza de que estava realmente acontecendo não tranquilizava nem um pouco. Pelo

contrário, trazia uma outra certeza: a certeza de que o pior ainda estava por vir. Mas agora não estava sozinho, tinha alguém com quem dividir o medo que sentia.

— Acho que isso tudo... está apenas começando.

— Sim, eu sei.

Ambos ficaram em silêncio. Não precisavam dizer nada sobre o medo que sentiam. O medo estava tão presente quanto o cheiro do café forte que bebiam.

— Temos que fazer alguma coisa, Tel.

Ele deu de ombros.

— Não sei. Sinceramente não sei. Esfregou as mãos no rosto. Sinceramente, não sei nem por onde podemos começar.

— Que tal pelo cara do machado?

Tel gelou ao ouvir esse nome. Ele tinha o poder de paralisar as pessoas, simplesmente quando seu nome era pronunciado. Como poderiam deter uma coisa assim? Uma coisa que podia correr solte pela mente das pessoas?

Na verdade Tel tinha uma pista, mas que o assustava ainda mais. Tinha certeza de que encontraria algo em seu sonho, no sonho perfeito. O machado estava no sonho, talvez conseguisse mais respostas lá. Durante o trabalho,

ficava ansioso para voltar para casa e sonhar, no entanto agora, tinha medo de voltar aquele cenário.

Era um tanto estranho sonhar com coisas que não lhe pertenciam, mas fazia certo sentido. Nunca antes havia dado menor atenção a um machado. No entanto, ele estava em seu sonho. Havia certa lógica em procurar respostas lá. Tentaria sair do sonho de algum jeito e seguir o mesmo caminho que o invasor havia criado. Talvez assim, poderia chegar à mente do maluco, sondá-la um pouco, talvez até descobrir suas fraquezas. A ligação que vinha da mente do maluco poderia ser usada para se chegar até ele. A idéia de entrar na mente de um assassino não o agradava muito, mas de alguma forma, sabia que era possível. Com certeza seria arriscado, ainda não tinha idéia do poder de seu oponente, mas acreditava que poderia entrar sorrateiramente.

De uma forma estranha e um pouco bizarra, era engraçado. Imaginava essas coisas como se fosse natural entrar na mente de alguém. Parece que de alguma forma, certas barreiras haviam caído. Era como se um novo mundo estivesse sendo descoberto, tal qual na era das navegações. Um novo mundo recém descoberto, pronto

para ser explorado. No entanto, desconhecido e perigoso, com leis naturais ainda desconhecidas... um mundo bizarro.

— Acho que tenho uma idéia. Não sei se sou capaz de explicar tudo claramente, mas acredito que seja nossa única chance.

— Posso ajudar?

— Não vejo como, preciso concentrar-se no meu sonho, acredito que vou descobrir algo lá.

Ela pareceu um pouco decepcionada. Mas concordou com um aceno de cabeça, sentindo-se ridícula ao lembrar-se que ele era cego.

— Sim, eu compreendo.

Ele levantou-se, deu dois passos e parou indeciso. Não tinha certeza de que lado estava a porta.

— Não quero ofender, mas sua casa é um ambiente estranho para mim... poderia me ajudar a encontrar a porta?

Ele estava sorrindo, ela sorriu também e levantou-se segurando-lhe uma das mãos.

— Claro — disse brincando. — Na verdade sei onde ela fica.

Caminharam em silêncio até a porta. Aproximou-se dela um pouco hesitante, não sabia bem onde estava seu rosto, além de não saber se devia beijá-la. Ela ajudou aproximando seu rosto da boca dele.

Beijou-a no rosto.

— Bem. Tenho que ir, quero sonhar ainda hoje — sentiu-se estranho dizendo isso. Novamente invadir mentes pareceu uma coisa banal. — Anote meu telefone, caso precise.

Ela anotou. Beijou-lhe o rosto, parou um instante, indecisa.

— Posso dormir na sua casa?

Ele estranhou um pouco a pergunta.

— Meu marido não está, não quero ficar sozinha. Além do mais, não quero envolvê-lo nesta loucura. Ele está passando por uma fase difícil.

— Já que pensa assim, não vejo motivo para ficar aqui sozinha.

Saíram juntos. A chuva já havia passado.

Mamãe

Norma passou o resto da noite no quarto. Tinha medo. Fez a única coisa que conseguia acamá-la: escrever. Escreveu a noite toda. Escreveu sobre o que estava acontecendo, sobre ela e o mecânico que a ajudou. Claro que no papel ele passou a ser um policial e ela, é claro, a mocinha. Enfrentavam um maluco que podia entrar na mente das pessoas. Era estranho, mas era seu jeito de lidar com a situação. Não era morbidez, parecia mais curiosidade infantil. Caso sobrevivesse, essa seria uma história sensacional, talvez a melhor.

Parou de escrever quando ouviu um barulho vindo do quarto da mãe. Ficou em silêncio tentando ouvir melhor.

Nada.

De súbito, outra batida. Era na porta. A mãe havia saído do quarto para o corredor, o que era raro, já que tinha um banheiro no quarto, além de uma pequena despensa improvisada num armário velho. O dia ainda não havia amanhecido, e sua mãe havia saído do quarto, algo estava errado. Por alguma razão, achou melhor não intervir. Ela chamaria se precisasse, sabia disso. Contudo, essa não parecia ser uma decisão sua. Tentou levantar-se, mas não conseguiu. Estava presa por uma espécie de grilhões mentais. Com muito esforço, moveu um dos pés. Ele parecia pesar uma tonelada. Sua mãe estava saindo e o desgraçado estava ali, prendendo-a à cadeira.

Permaneceu assim por algum tempo. Não sabia ao certo quanto. Outra coisa não estava normal. Havia perdido o interesse, um calor relaxante, uma preguiça que parecia dizer que tudo estava bem, pareceu dominá-la. Lentamente outra sensação brotou do nada. De repente sentiu-se muito excitada. Um calor arrebatador levou-a a um estado de torpor. Um leve formigamento começou a esquentar seus seios. Tentou lutar, mas era inútil, pensar

estava fora de questão, muito difícil, tudo confuso... confuso de mais.

Pareceu perder a consciência por alguns instantes, quando deu por si estava masturbando-se freneticamente. O gozo veio como uma explosão e a onda de calor inundaram seu corpo e sua mente. Recostou no encosto da cadeira, ainda acariciando com força os seios.

A moleza foi passando, só então notou a camisola rasgada. Sentiu-se enojada e por pouco não vomitou. O desgraçado havia violentado-a, e isso sem ao menos tocá-la. Quanto tomou consciência do todo, o choro brotou violento. Quanto tempo havia se passado. Ouvia os pássaros do lado de fora, parecia estar amanhecendo. Ouviu novo barulho vindo do quarto da mãe. Ela estava de volta.

Num impulso constatou que estava novamente livre. Vestiu-se e saiu para o corredor. A porta do quarto de sua mãe estava entreaberta, pode ver que sua mãe dormia com um ar tranquilo. Parecia estar bem. Foi para a cozinha ainda chorando. Pôs água para o café, e sentou-se no chão. O piso frio parecia trazer certo alívio para o corpo ainda suado.

Ouviu um barulho na porta da cozinha, que dava para os fundos da casa. Voltou-se para porta, e viu o trinco cromado ser girado. Uma estranha certeza nublou sua visão, o cara do machado havia voltado para terminar o que havia começado. Instintivamente começou a arrastar-se de costas para a porta que dava para o corredor. Por uma infelicidade do destino, a porta estava aberta e lentamente começou a se abrir. Realmente sua mãe havia saído de casa e havia deixado a porta destrancada na volta. A porta moveu-se nas dobradiças por intermináveis segundos, até que se abriu por completo, revelando o vulto alto delineado pela forte luz do sol.

Norma queria gritar, mas conteve-se pensando em sua mãe. Se ficasse em silêncio, talvez conseguisse salvá-la. O vulto avançou rápido, estendendo as mãos para a moça.

— Não — gemeu.

O vulto hesitou e ela conseguiu alcançar o corredor.

Norma pensou novamente na mãe, estava indecisa entre fugir ou avisá-la do perigo, que agora, a duas corriam. Atravessou a casa aos pulos, esperando que o cara do machado continua-se na cozinha. Parou diante da

cristaleira barata, examinando cada divisória. Seus olhos param ao encontrar o que buscava. Apanhou a tesoura de aço inoxidável de costura de sua mãe, e seguiu para a porta da frente. Tudo aconteceu muito rápido. Ouviu passos na cozinha, a mãe gritou lá de cima. Ouviu a voz, mas não conseguiu compreender as palavras. Novo grito. A mãe pedia para que ela parasse de fazer barulho, pois ainda era muito cedo.

— Droga, mãe — resmungou. — Me ajude...

Novo momento de indecisão. Precisava decidir-se, não podia ficar ali parada, o cara do machado provavelmente estava estudando os cômodos da casa. Era apenas uma questão de tempo até que a encontrasse. Sua mãe gritou novamente, isso pareceu decidi-la.

— Mãe — gritou. — FUJA!!!!

Sabia que seu grito iria denunciar sua posição, portanto não poderia mais haver momentos de hesitação. Correu para a porta, girou a chave no trinco com determinação que a surpreendeu. Escancarou a porta e saiu aos pulos, chocando-se com o vulto, que preferiu dar a volta na casa ao invés de atravessá-la.

Norma debateu-se numa luta cega, cravando uma das pontas da tesoura no antebraço de seu agressor. Este deixou escapar um grunhido de dor. Apesar da dor que sentia, ele conseguiu imobilizá-la com certa facilidade. Derrubando-a ao se projetar sobre ela.

— Não me mate — gemeu.

— Calma — disse entre os dentes cerrados. — Norma, sou eu.

Ela finalmente abriu os olhos. Pode ver a expressão de dor nos olhos de Douglas.

Limite

Júlia achou o apartamento de Tel encantador. Pequeno, bonito e acima de tudo, prático. O local dos móveis pareciam ter sido escolhido estrategicamente, deixando muito espaço entre eles. Reparou que os números do telefone eram em alto relevo, o que deveria facilitar as coisas para o jovem cego. O que a incomodou um pouco, foi a falta de decoração do lugar. Não havia quadros, tampouco flores. Imaginou que não teriam muita serventia para Tel.

Estava sentada na mesa da cozinha, Tel havia se deitado. Ele havia preparado um colchão para ela, mas fora inútil. No fundo ela sabia que não ia conseguir dormir.

Estava imaginando como iam as coisas no sonho de Tel. Ele havia lhe explicado como pretendia sondar a mente do cara do machado. Coisas estranhas, sondar mentes, invadi-las e dominá-las. Estava tentando se lembrar, quando ser dona de casa havia se tornado tão complicado? Riu do pensamento. Riu sozinha. Onde estaria o marido? Bêbado? Talvez também estivesse passando por dificuldades. Quem poderia garantir que o cara do machado não o havia envolvido também? Era possível. Imaginou e assustou-se com o pensamento de que a cidade toda poderia estar dominada. Contudo, Tel lhe explicou que seria preciso muita energia para tal feito. Disse que sentiu, em determinados momentos, que o invasor fraquejava a pressão sobre sua mente, num momento em que lhe roubava sua música. Tel acreditava que ele não poderia exercer influência direta sobre várias pessoas ao mesmo tempo, e isso fazia sentido.

Influência direta. E influência indireta, será que ele poderia manter? Era isso que ocupava sua mente agora. Apesar do absurdo da situação, do terror psicológico envolvido, sentia-se relativamente calma. Será que isso era próprio da natureza humana? Uma espécie de controle,

que impediria a pessoa de enlouquecer? Ou será que se tratava de uma maneira do cara do machado garantir seu anonimato, mantendo seus brinquedos sobre controle, impedindo-os de darem com a língua nos dentes?

Quanta pressão seria suficiente para fazer um ser humano enlouquecer? Pensava que, com certeza, o limite deveria variar de pessoa para pessoa. Pois era certo que existiam pessoas mais fortes que outras.

(Pessoas fracas são fáceis de dominar, mas as fortes são muito mais suculentas... muito mais!)

Júlia deu um pulo, por pouco não caiu da cadeira.

— Deixe-me em paz — gritou para ninguém. — Desapareça!

(Não é tão simples assim, querida... nada é tão simples... ou melhor, algumas vezes é tudo tão simples!)

Ela olhou instintivamente para a cozinha. Seus olhos passearam por toda a peça. Os azulejos lisos e sem desenhos davam um toque surreal a cena.

(A propósito, seu marido é dos fortes... refeição de primeira...)

— Fique longe dele!

(Não se preocupe, não vou derreter seu cérebro agora, quero apenas convidá-lo para tomar uns tragos...)

— Desgraçado!

Júlia estava em pânico. Mateus estava divertindo-se com ela. Sentia-se pleno de energias, havia tido relações com a escritora, roubara muita energia da moça, toda a energia reprimida que uma virgem possui. Sentia-se forte e resolveu divertir-se com Júlia.

Subitamente Júlia sentiu-se presa à cadeira. Por mais que tentasse, não conseguia levantar. Seu braço direito começou a levantar contra sua vontade. Forçava-o a descer, mas parecia que os movimentos de seu braço não lhe pertenciam mais. Bem lentamente, sua mão começou a entrar por baixo da camiseta. Quando atingiu a altura dos seios, a mão despiu um deles, puxando o sutiã para baixo. O seio ficou semi-exposto, comprimido pela peça íntima, tornado o volume mais excitante.

Júlia gemeu quando sua própria mão começou a beliscar o bico de seu seio. De repente, os movimentos deixaram de ser lentos. Sua mão passou a comprimir seu seio com rapidez e força. A cada pontada de dor, Júlia

gemia excitada contra sua vontade. Um novo beliscão e ela tremeu.

— Pare — disse em meio aos gemidos. — Por favor... pare...

(Seus seios são mais bonitos que o da escritora... mais suculentos. Talvez eu deixe você viver...)

A voz na mente de Júlia era trêmula e chorosa, o desgraçado também estava sentindo prazer. Estava violentando-a, provavelmente gozaria com ela. Era muito difícil lutar contra o que sentia, o desgraçado parecia estar agindo em seu cérebro, super estimulando seus sentidos. Perdia a consciência em alguns momentos, tamanho era o prazer que sentia. Num determinado momento, percebeu que sua mão esquerda estava abrindo o fecho da calça jeans. Logo, suas mãos trocaram de posição. A direita meteu-se dentro da calcinha, tocando o seu sexo com violência. A mão esquerda passou então, a acariciar seus seios. Mal o dedo penetrou e o gozo veio violento. O êxtase dominou-a, deixando-a instantaneamente fatigada. Nunca havia gozado assim, sentia seu coração acelerado, parecia que ia explodir. A pressão que a mantinha na cadeira começou a sumir. Contudo, de nada adiantou,

sentia-se sem forças, não conseguia mover um músculo sequer. O desgraçado havia roubado sua energia, tal qual um vampiro.

— Maldito — gemeu. Sua voz era fraca e mole.

(Não se preocupe. Você é jovem, vai recuperar suas energias em poucas horas... uma noite de sono e você estará pronta pra outra...)

Não...

(Sim... pode me esperar querida, com seu vestido mais bonito... pois eu vou voltar...)

Júlia gritou. Tel veio até a cozinha, atraído com o grito. Estava sem os óculos escuros, apenas com a calça do pijama e com o cabelo levantado pelo travesseiro. Júlia estava encolhida, chorando. Ele guiou-se pelo som, até encontrá-la.

— O que aconteceu? Júlia?

Ela o abraçou. Queria apenas esquecer. Rezava para que seu limite agüentasse a pressão.

Jornada nas Estrelas

Douglas estava sentado à mesa da cozinha, com o rosto contraído numa expressão de dor. Norma estava sentada de frente para ele, limpando o ferimento que fizera com a tesoura. Ela havia acabado de contar tudo o que se passara.

— Eu sinto muito.

— E eu me sinto enojada.

— Eu compreendo. Ai!

— Desculpe. Pronto — disse. Estava agora examinado o curativo. — Acho que assim não vai infeccionar.

Norma levantou-se e pôs água para ferver. Precisava desesperadamente de uma xícara de café. Douglas, ainda

sentado, examinava o curativo, tentava mexer os dedos. Sabia que o machucado iria incomodar.

— O que você me contou, só reforça a teoria que formulei.

Ele ficou esperando que ela o interrompesse, como não o fez, prosseguiu:

— Eu o vi controlar uma pessoa bem na minha frente, mas ainda acho que ele não está pronto. Acho que ele precisa de muita energia para isso. Você sabe a que horas foi atacada?

Ela deu de ombros.

— Não.

— Acredito que ele tenha roubado essa energia de você.

Norma lembrou de como se sentiu cansada após o ataque. Era como ter gastado muita energia subindo uma montanha. Lembrou-se de um passeio escolar onde isso aconteceu. Quando chegou ao todo, estava tão esgotada, que mal conseguiu permanecer em pé.

— É possível.

Ela parecia terrivelmente cansada. Seus olhos fitavam o vazio.

— Na verdade acredito que seja isso. Parece que sinto isso.

Ela o encarou por alguns instantes. Formou uma expressão de concentração, como se estivesse fazendo cálculos de cabeça.

— Você não sente?

— Sinto.

Ele realmente sentia. Era muito difícil por em palavras, mas ambos sentiam. Aparentemente o contato era composto de duas vertentes. O invasor estava em contato com o invadido, e uma vez aberto este canal, ele servia para ambos os lados. Era como se pudessem ler a mente do invasor, mas em uma intensidade menor.

Embora ainda não tivesse muita certeza, Douglas estava certo. Talvez essa fosse a resposta. Talvez devessem seguir o mesmo caminho que o Prof. Mateus havia traçado. A pergunta era: será que seriam capazes? O professor parecia ter desenvolvido uma espécie de poder, o qual o permitia invadir mentes. Será que todos os seres humanos possuíam esse potencial? E em caso de possuírem, como desencadeá-lo? Douglas expôs suas dúvidas a Norma.

Ela lembrou-se de algo que havia lido recentemente. Em seu livro, um dos personagens possuía uma deficiência mental. Ela havia lido em algum lugar, que pessoas portadoras de deficiências, possuíam altos índices de P.E.S. (percepção extra sensorial). Por isso inventara aquele personagem. Ele funcionava como um ponto de ligação no livro, proporcionando o encontro do herói com o vilão. O garoto deficiente localizava as emanções do vilão com poderes mentais. Imediatamente uma idéia lhe passou pela cabeça.

— Você disse que ele havia mencionado o pianista cego, não é?

— Sim — respondeu, não imaginando aonde ela queria chegar. — Por quê?

Ela começou a caminhar de um lado para outro. Ele a acompanhava com os olhos.

— O cego também está em contato com ele.

— Ê?

— Você não compreende? — ela parou e o encarou.
— Pessoas que possuem algum tipo de deficiência possuem também um alto índice de percepção extra sensorial.

— Sim, já li algo a respeito.

Ela o encarou, espantada.

— Ei! Só porque sou mecânico, não quer dizer que eu não tenha algum conhecimento. Eu leio muito!

Ela deu um sorriso de deboche.

— Sei, e onde leu sobre isso.

— Hum... bem, não li propriamente dito — explicou sem jeito. — Mas vi. Foi num episódio de *Jornada nas Estrelas*, estavam reprisando na *Bandeirantes*.

Ela soltou uma gargalhada.

— Sei qual é, também vi esse. Mas, o que vamos fazer?

— Ora, vamos encontrar o tal cego.

Gota d'água

Mateus estava muito ocupado ultimamente. Estava armazenado energia, carregando as baterias, por assim dizer. Tudo acontecia por etapas. Com o primeiro estoque de energia, ampliou seus contatos, ou seja, mais pessoas, das quais poderia sugar mais e mais energia. Tinha preferência por mulheres, percebeu que sempre que estava excitado a energia fluía mais facilmente. Além do que, gostava de brincar com elas. Quantas moças da cidade estavam agora tendo sonhos eróticos? Dez? Vinte? Quinhentas? Que diferença poderia fazer? Quanto mais, melhor.

Sentia-se como o próprio Eros. Poderia ter todas as mulheres que quisesse.

— Eu sou o Deus do amor! — gritou, enquanto projetava sua pélvis para frente, como se penetrasse uma mulher invisível.

E no corredor, silêncio. Mateus riu. Quem ousaria perturbar um Deus? O poder era realmente maravilhoso. Mas ainda faltava uma peça, sua peça chave, o machado. Não sabia ao certo se o machado tinha qualquer poder, mas isso não era o importante. O machado era um símbolo, seu símbolo de poder. Portanto, precisava dele.

No entanto, o machado era apenas parte de um todo. Sentia-se pleno de energias, o momento estava chegando.

Mateus olhou em volta. Algo havia atrapalhado seu momento de concentração. Nada muito sério, apenas uma distração. O chuveiro não fechava direito. Ficava gotejando em intervalos regulares. Mateus o observou com muita atenção. Uma gota brotou de uma das perfurações. A água acumulou-se, até que seu volume forçou a queda. Mateus fechou o cenho neste momento. A gota d'água caiu. Ele a acompanhou com o olhar e a deteve. Mateus estava à pelo menos dois metros do chuveiro, com os braços esticados ao longo do corpo, a coluna bem reta. Sorriu. A pequena porção de água parecia congelada no ar,

a certa distância do piso. Aumentou sua concentração, fazendo com que a pequena gota d'água subisse um pouco. Depois fez com ela descesse alguns centímetros.

Sorriu.

Subitamente apertou os dentes e a gota explodiu em várias partículas menores de água. Imaginou-se fazendo isto com um cérebro humano.

Sorriu novamente. Algo brotou em seu interior, subiu pela espinha até atingir os pulmões. Por fim, explodiu a boca numa imensa gargalhada.

Sampaio, que fumava em seu escritório, ouviu. Encolheu-se um pouco na cadeira e lançou um olhar de inquietação a porta que dava para os corredores. Ao longe, ouviu-se o que parecia ser um lobo uivando para a lua. É claro que poderia ser apenas um cachorro, mas parecia muito com um lobo.

Mateus também ouviu. Olhou para a pequena janela de grades, no alto da cela. A lua brilhava pela metade. Mateus uivou. Os cachorros estavam ouvindo e Mateus poderia usá-los

Em todo hospital, não teve uma pessoa sequer que não tenha ouvido aquele som dos infernos. Um dos

detentos chorava, chamando desesperadamente pela mãe. O enfermeiro responsável pela segurança daquela ala sentou-se mais fundo em sua cadeira, baixando o volume de sua TV portátil. Lançou um olhar assustado ao corredor. Estava morto de medo.

Mateus sabia que logo teria força para fazer com a porta da cela, o mesmo que havia feito com a gota d'água. Iria explodi-la em milhões de pedaços, depois caminharia pela última vez pelos corredores de seu lar.

O enfermeiro voltou sua atenção para o aparelho de TV. Estava de costas para o corredor. Viu o vulto se aproximando e quase deu um berro quando reconheceu a ferramenta que a coisa carregava.

Um machado.

Neste instante uma voz invadiu sua mente.

(Não faça nada e você sai vivo dessa... quero dizer... por enquanto.)

Ele reconheceu a voz. Esta voz devia estar enclausurada na cela trinta e três, sabia disso. No entanto seu eco ainda ressoava em sua mente.

Assistiu paralisado, a mulher que atravessava o corredor carregando um machado. Usava apenas uma

camiseta e uma velha calcinha branca. Apesar da idade, tinha pernas muito bonitas. A visão deixou o enfermeiro muito excitado, mas nada fez, estava preso à cadeira.

A mulher caminhou descalça pelo corredor, rumo a cela trinta e três. Um dos outros pacientes berrou ao ver a silhueta que caminhava com a arma tão famosa. Era como ver seu pior pesadelo tornando-se realidade.

Mateus ouviu os gritos e sorriu.

— Venha meu bem, venha para o papai...

Ela parou diante da cela, abriu a portinhola e olhou para dentro com seus olhos vidrados, vazios.

— Você o encontrou desta vez?

— Sim.

— Passe para cá.

Ela levantou o machado e o enfiou pela portinhola. Mateus o recebeu do outro lado. Segurou-o pelo cabo, levando-o para o lado, descrevendo uma curva, de modo que a lâmina passasse pela portinhola.

Sorriu novamente.

— Obrigado, querida.

— Quer que eu abra a porta, posso pegar as chaves.

— Não. Sairei daqui quando minha mente abrir a porta, ou ficarei aqui para sempre. Mas de qualquer forma, obrigado.

Mateus ficou na ponta dos pés, olhou para as pernas da mulher.

— É uma pena que haja esta porta entre nos, querida. Mas isso fica para depois. Agora volte para sua casa, fique de olho em sua filha. Não quero que Norma desconfie de suas saídas. Agora vá.

Ela concordou com a cabeça, girou nos calcanhares e se foi. Mateus acompanhou seu rebolado até que sumiu na escuridão do corredor.

Hora morta

Sampaio estava fumando em seu escritório quando ouviu o louco uivar. Sentiu todos os pêlos do corpo se eriçarem. Remexeu-se um pouco na cadeira e fechou os olhos, imaginando se este pesadelo um dia iria acabar. Como gostaria que no Brasil houvesse pena de morte. Isso seria o fim de todos os seus problemas.

Avaliou seu último pensamento, chegando a conclusão de que todos os seus problemas pareciam menores se comparados com as preocupações em relação ao paciente da cela trinta e três.

Suspirou longamente e fechou a pasta sobre a mesa. Passara um bom tempo examinando a ficha de Mateus, atividade que sempre o deixava deprimido.

— O que você está tramando? — perguntou para a sala vazia.

Ouviu a própria voz, assustando-se com o tom carregado de cansaço. Há dias não tinha uma boa noite de sono. Lançou novo olhar para a pasta fechada.

— Conheço esta merda de cabo a rabo, e nada encontrei! — desabafou, desferindo um murro sobre a mesa.

Sabia que algo estava para acontecer. Contudo, não era exatamente isso que o assustava. O que o deixava praticamente paralisado de pavor, era a sensação de que seja lá o que estivesse prestes a acontecer, seria inevitável. Tinha certeza disso. Uma estranha certeza. Uma certeza bizarra.

Ouviu passos no corredor e levado por um medo maior que sua razão, encolheu-se o mais que pode. Batidas na porta. Quem seria a está hora? Lembrou-se do poema intitulado *O Corvo*, de Edgar Allan Poe: “quem à horas tais, vem bater em meus umbrais? É só o vento e nada mais”.

— Quem está aí? — perguntou depois de um tempo. Sentia os joelhos tremendo, sentia frio, mas tremia por outro motivo.

— Sou eu, senhor.

Era um dos enfermeiros. Um imenso alívio inundou seu coração.

— Entre — disse recompondo-se na cadeira. — O que quer numa hora destas? É muito tarde.

O enfermeiro baixou os olhos, como se pedisse desculpas. Hesitou num meio movimento e sentou-se diante do patrão.

— Sei que é tarde senhor, mas... — hesitou.

— Fale homem!

Todo este suspense servia unicamente para piorar o estado conturbado do diretor. Sampaio detestava suspenses, tanto quanto detestava surpresas. O infeliz continuava parado em sua frente, tremendo como uma vara verde. O que queria? Que estranhos motivos poderiam ter tirado este pobre coitado de seu posto.

— Eu... acho que estou ficando louco!

— O quê?

— Isso mesmo, senhor. Acho que estou enlouquecendo.

Sampaio começou a sondar o homem. Algo estava errado. Este parecia não ser seu melhor enfermeiro. Subitamente o enfermeiro levantou-se.

— Não me sinto mais dono de meus movimentos — disse. Parou de tremer. Sampaio notou um sorriso brotando em seus lábios. — Para dizer a verdade, acho que é melhor assim... sabe o que é? Bem, vou dizer-lhe: descobri que o poder liberta!

De repente Sampaio compreendeu. Não era o enfermeiro que estava ali, controlando aquele corpo, mas sim Mateus. Sampaio engoliu apertado, tentando pensar em uma saída. Talvez, se fingisse que não havia desconfiado de nada, o enfermeiro não agisse com violência.

— Bem — começou, tentando parecer o mais natural possível. — Não posso dizer que entenda o que quer me diz, mas talvez você possa me esclarecer.

— Ah, senhor, não tenha dúvidas quanto a isto — disse sorrindo, enquanto rolava um canivete entre os dedos.

Sampaio tentou alcançar o calibre trinta e oito na segunda gaveta da esquerda, mas o corpo do enfermeiro era mais forte e mais ágil. Depois do lançamento, o canivete cravou-se num dos ombros de Sampaio. O grito ecoou pelos corredores mais próximos. O enfermeiro deu rapidamente à volta na mesa, projetando-se sobre Sampaio. Seu joelho estava sobre as partes baixas do diretor. Sampaio gemeu quando seus testículos foram comprimidos com violência.

O enfermeiro continuava gargalhando. Retirou bruscamente o bisturi e lambeu o sangue da lâmina. Sampaio o encarou diretamente nos olhos. Pode ver o brilho frio que reinava naquelas retinas. Era Mateus, eram os olhos dele. Sampaio queria fechar os olhos, queria rezar. Seria uma prece breve e silenciosa. Contudo, não podia fechar os olhos. Sentia que a influência de Mateus começava a apoderar-se de seu corpo.

— Não apague, Sampaio querido... — o sorriso era desgraçadamente diabólico, parecia querer rasgar a pele da boca. O rosto do enfermeiro contorcido numa careta profana, lembrava a Sampaio o rosto de algum demônio.

— Quero que veja a morte chegar. Ela é querida, você vai ver... você vai adorar trepar com ela!!!

Sampaio não aguentou e gritou.

— Brincadeirinha... hahahahaaaa... ihhhihihhehee... não vou matá-lo agora, mas quero que veja este corpo morrer!

Umas das mãos do enfermeiro apertavam fortemente a garganta de Sampaio, a outra ele levou o canivete ao próprio pescoço e o contornou com a lâmina. Uma sombra de sangue seguiu o desenho traçado pelo metal.

O sangue jorrou da garganta cortada, atingindo Sampaio no rosto. Sentiu o gosto de sangue e gritou novamente. Curvou-se involuntariamente, vomitando sobre o recente cadáver.

Seu estômago parecia ter sido apertado por mãos invisíveis. Afastou-se do cadáver com movimentos trêmulos e violentos. Estava em choque, encolheu-se contra a parede, terrivelmente assustado. Olhou para o corpo do enfermeiro morto e seus olhos abriram-se bruscamente, o corpo sorriu, piscou e disse:

— Eu voltarei — e gargalhou.

Sampaio berrou. Berrou como nunca havia feito antes em toda sua vida.

II

PARTE

UMA CIDADE PEQUENA E UM BOCADO DE HISTÓRIAS BIZARRAS

“O que vejo, o que sou e suponho será apenas um
sonho num sonho?”

Edgar Allan Poe

Dragões

O velho Santos entranhou o fato de Douglas não ter aparecido para trabalhar. O primeiro pensamento em relação ao rapaz, fora o de que havia apostado errado. O filho da mãe provavelmente estaria em alguma sarjeta da cidade, bêbado demais até para se levantar e dar uma mijada. Estava caído, mijado e *sabe-Deus-o-que-mais!* No entanto, isso não seria justo com o rapaz, nem consigo mesmo. Havia conseguido. Saíra do vício maldito da bebida, e havia visto nos olhos do rapaz a mesma fibra que, surpreendentemente notara em seus próprios olhos diante do espelho há tanto tempo. Mas isso não significava absolutamente nada. Poderia estar enganado, mas no fundo, sabia que não estava. Algo deve ter acontecido.

Algo muito ruim. Algo forte o suficiente para fazer o pobre rapaz esquecer-se do trato. Sem nenhuma real razão aparente, Santos sentiu medo. Um medo maciço, que apertava o peito com muita força, um medo que há muito não via, nem mesmo de relance.

Olhou em volta, e sua oficina pareceu grande demais. As paredes pareciam ter-se afastado para os lados, não muito, apenas os poucos centímetros que permitiam a estrutura. Algo estava errado, e as paredes sabiam, elas também estavam com medo. E Santos ficou paralisado, o que na verdade não sabia, pois estava com muito medo para esboçar qualquer movimento. Mas sentia. Sentia que se tentasse se mover, não conseguiria. O pequeno homem ficou congelado no interior da agora, gigantesca oficina, sentindo frio, apesar do sol e do calor lá fora, e muito medo, que parecia vir de lugar incerto, de lugar algum.

Apesar da impotência que sentia, precisava mover-se, ou morreria sufocado pelo seu próprio medo. Olhou para a grande porta da oficina, e através dela viu outro mundo. Havia sol, havia calor. Pessoas passavam despreocupadas pela calçada. Via algumas árvores e alguns pássaros sobre elas. Passara a vida olhando aquela

mesma paisagem infinitas vezes por aquela mesma porta. Mas nunca em toda sua vida, ela lhe pareceu tão pura, tão mágica e acolhedora. Precisava atravessá-la, precisava respirar um ar que não estivesse carregado com o medo impreciso que sentia agora, medo que não vem de lugar nenhum. Medo. Um medo tão forte que seria capaz de matar, apenas apertando a garganta ao descer por ela. Nada havia de errado, mesmo com as paredes. Nada estava fora do lugar. Tudo estava bem, não existiam monstros, nem vampiros, nem mesmo bruxas ou duendes. Mas o medo sem razão estava ali, podia respirá-lo, e sentia o medo entrando e alojando-se em seu estômago. Estava tremendo. Não havia razão. Nada estava ali e tudo estava, no entanto.

Santos estava tremendo. Começou a chorar. Chorava porque sabia que ia morrer. Não haveria tempo para atravessar a porta da oficina para a rua comum, mas, no entanto, mágica e confortavelmente acolhedora. Não daria tempo, embora ele não soubesse o que iria acontecer, ele sabia que aconteceria no exato momento em que ele tentasse alcançá-la.

Foi o que aconteceu, tal qual uma profecia.

Santos, apesar da sensação de impotência e da tremedeira, lançou-se rumo a porta. Apesar do choro que agora o dominava até lhe turvar um pouco a visão, poderia jurar que viu alguém abaixar a grande porta. Era como um fantasma. Para todos os efeitos, a porta havia baixado sozinha, e se estivesse olhando diretamente para ela, sabia que não veria nada nem ninguém. Mas viu. Um vulto magro, alto e transparente que parecia estar sorrindo, enquanto abaixava a porta para depois sumir.

Subitamente, deteve seu avanço. Ficou parado no escuro. Ainda não havia acendido as luzes do lugar. A porta fechou o sol para o lado de fora. Sua claridade fora morrendo lentamente enquanto a porta era baixada. Pequenos filetes de luz entravam por sua superfície enferrujada. Algumas das telhas de vidro também deixavam um pouco de claridade encardida entrar no lugar, mas ele não estava claro. Estava encardido. Uma semi-escuridão encardida. Desta vez, Santos estava realmente paralisado. Tinha medo de olhar em volta e ver o vulto transparente. Sentiu, então, uma leve pontada no peito. O coração já não era mais o mesmo. Estava impressionado por ele já ter suportado tanto. Santos

achava que até que estava reagindo bem, e que realmente havia demorado em seu resmungo. Mas agora ele havia se indignado o suficiente para doer. O braço esquerdo estava formigando. Sentia as mãos e os pés frios como gelo, embora seu peito parecesse literalmente queimar. De súbito, pareceu ouvir música, acompanhada de um zumbido no ouvido esquerdo. Música? Vinda de lugar nenhum. Ao que se lembrava, esse não era um dos indicadores de um ataque cardíaco. Antes, no entanto, de identificar o som, a oficina se encheu de potentes rosnados mecânicos.

Todos os veículos estacionados em seu interior haviam sido ligados, aparentemente sozinhos. Santos sabia que alguns não estavam com a chave na ignição, mas ora bolas, se estivessem com a maldita chave na ignição, isso explicaria alguma coisa? Os faróis dos veículos ganharam vida também. Brilhavam para Santos com ódio mortal. Como animais cercando um inimigo natural. Eles aceleravam e cada vez mais pareciam rugir como dragões à combustão. O cheiro de monóxido encheu a oficina, também como hálito de poderosos dragões. Santos sabia o que iria acontecer. Podia ver tudo antecipadamente em sua

mente, como se alguém estivesse imaginado a cena, para depois colocá-la em prática com algum poder sobrenatural. Os freios de mão dos carros foram puxados e as marchas engatadas. Todos começaram a fritar o chão empoeirado da oficina ao mesmo tempo. Os pneus rodavam sem sair do lugar, marcando o chão de negro. Uma onda de fumaça branca e cheirando a borracha queimada encheu o lugar. Pareciam touros raspando o chão com os cascos, num gesto ameaçador antes do ataque. O som era ensurdecedor. Os dragões estavam agora gritando e seria impossível ouvir o som do piano. No entanto, Santos o ouvia, pois o som estava em sua mente. Seu último pensamento foi o de que seria melhor morrer do coração, mas isso não aconteceu. O coração de Santos fora mais forte do que ele um dia pôde imaginar. Sua morte foi outra. Digamos que os dragões o devoraram vivo.

Cléo

Cleonice era um a moça bonita. Uma bela moça. Pele muito branca, olhos de numa tonalidade azul indefinida. Um lindo sorriso, “dentes brancos e hálito puro”, e os longos cabelos louros no corte da última *Barbie*. Cléo, como era conhecida pelos amigos queridos, fora a última *Garota do Hawaii* no tradicional baile de fim de ano na cidade. Isso, dizia-lhe a mãe, contaria muitos pontos para sua *carreira*. Ela queria ser modelo e atriz, e não estava muito preocupada em seguir pelo caminho correto. Para ela, não importava o que tivesse que fazer, faria o que fosse para chegar onde queria. Era politicamente incorreta, prática e gostava disso. E como em todos os caminhos haviam becos sem saída, ela havia

dormido com algumas pessoas erradas, que não lhe trouxeram benefícios, mas dormira com as pessoas certas também, aliás, ela dormia com um bocado de gente. O que foi muito bom para sua *carreira*. Atualmente, representava, apesar da pouca idade, uma famosa marca de *lingeries*. Ganhava um gordo salário, viajava bastante, conhecia gente interessante e dormia bastante, se é que me entendem. De certa forma, ela era feliz.

Havia acordado de bom humor, estava penteando-se, ou melhor, admirando-se diante do espelho. Já era quase hora do almoço, e estranhava o fato de sua mãe ainda não tê-la acordado para ajudá-la na cozinha. Cléo era uma moça muito prendada. No entanto, isto não iria acontecer. Sua mãe estava morta no chão da cozinha. Após algumas horas de tortura matinal envolvendo eletrodomésticos, o Prof. Mateus sugou o que precisava e deixou o corpo seco da mãe da menina estendido sem vida. O professor andara muito ocupado neste amanhecer, estava gastando muita energia, é verdade, mas era divertido, além do que poderia sugar um pouco de energia aqui e ali.

O Pai de Cleonice morreu um pouco depois de sua mãe. Ele estava no chuveiro, quando misteriosamente a resistência esquentou até queimar. A água quente ferveu nas costas do pai da moça, que saiu do banho gemendo e xingando. Na verdade, foram os berros do pai que a acordaram. Mas como era comum o pai praguejar pela casa logo nas primeiras horas do dia, ela nem deu bola. Por um momento, pareceu ouvir o som de um piano sendo dedilhado, mas não deu importância. Continuou se penteando, para depois experimentar uma série de roupas íntimas que havia ganhado de seu patrocinador. Cléo tinha muitos patrocinadores. Na agência, seu apelido era Cléo S/A. Embora seus sócios não fossem tão anônimos assim.

Quando o pai de Cleonice chegou ao quarto, o pesado guarda-roupas de mogno (comprado em doze vezes sem juros), misteriosamente caiu sobre si, matando-o quase que instantaneamente. Mateus achou que não fora tão divertido quanto fora com o velho Santos, mas o que ele queria era apenas energia. E agora que estava abastecido, Mateus iria se divertir com a moça. Cleonice não pode gritar, já que Mateus estava em seu corpo, controlando tudo, inclusive, suas cordas vocais.

Fantasma do passado

Túlio sempre achou que fizera o melhor que pode, devido a circunstâncias. Achava sinceramente que era um bom advogado. Advogado de longa data, fora responsável pela defesa do Prof. Mateus, e achava que tivera muita sorte em escapar dessa terrível situação sem manchas em sua carreira. Estranho acordar pensando nisso depois de tantos anos. Sobretudo agora, que estava de férias. A mulher e as filhas haviam saído mais cedo, a caminho do litoral. Pelos menos, assim pensava. Na verdade já estavam mortas. Túlio precisava apenas entregar alguns papéis no fórum, para encontrá-las mais tarde. No entanto, ele jamais iria encontrá-las, tampouco receberia a notícia de seu misterioso acidente.

Depois de um relaxante banho, no qual pareceu ouvir um som de piano, Túlio desceu para o café, que na verdade fora uma cerveja *longneck* e um resto de pizza da noite passada. Simplesmente adorava pizza fria. Sabia que na sua idade, este não era o tipo de café da manhã ideal, mas sabia também que não vivia num mundo ideal. Acendeu um cigarro e ficou vendo o movimento na rua pela janela da sala. Viu que o carteiro se aproximava, com seu inconfundível uniforme azul e amarelo. Rapidamente seguiu para o portão, mesmo estando de bermudas e camiseta sem mangas. Não gostava de sair por aí com os braços gordos, brancos e flácidos à mostra, mas estava de férias, e que tudo fosse para o diabo!

Por um momento, tudo estava bem. Sérgio, o carteiro, sorriu amavelmente ao ver que o Dr. Túlio vinha buscar as correspondências pessoalmente. Queria até lhe perguntar algo sobre uma questão jurídica, problemas com a ex-mulher. No entanto, (som de piano) os olhos do carteiro ficaram vidrados, e seu rosto assumiu uma expressão de ódio. Instintivamente, Túlio deu um passo para trás, o que fora totalmente inútil. Sérgio, magro e ágil, saltou o pequeno portão e agarrou o pescoço do

advogado com ambas as mãos. Os dois caíram no gramado, Sérgio apertando com força e Túlio lutando, ou melhor, bufando para se libertar.

— Há anos espero por isso, desgraçado! — gemeu o carteiro por entre os dentes cerrados.

Túlio sabia que aquela a voz lembrava a de seu carteiro, mas apenas lembrava. Podia jurar que quem estava ali, na verdade, era um fantasma do passado. Começou a chorar, e o susto virou medo, o que o ajudou num primeiro momento. Conseguiu se desvencilhar das mãos de Sérgio e correu para dentro da casa. Bateu a porta atrás de si, mas quase que instantaneamente, Sérgio entrou voando pela enorme janela da sala. O som do vidro ecoou pela casa vazia. Ele caíra sangrando entre os sofás, pousando sobre a mesinha de centro. Estava todo cortado. Um enorme pedaço de vidro estava cravado em sua barriga. Ele sorria como um demônio. Retirou o pedaço de vidro de seu corpo com um grunhido e precipitou-se para o advogado.

Túlio chegou ao meio da escada em meio aos dedilhados do piano invisível, quando o vidro penetrou a carne macia de sua perna. Caiu e instintivamente golpeou

o carteiro com a outra perna. Sérgio rolou escada abaixo grunhindo e gemendo. O vidro ficara alojado em sua perna. A dor era terrível, mas precisava sair dali, ou morreria pelas mãos do carteiro, que já começava a se levantar.

Rastejou para o andar de cima, recriminando-se por deixar sua arma no cofre. Se não fosse pela insistência da esposa, dormiria com o bom e velho 38 de baixo do travesseiro. Aquele era o lugar da arma, e não no maldito cofre. Contudo, tudo indicava que o carteiro havia se ferido com a queda. Apesar dos gemidos, parecia que ele não estava subindo. Ótimo. Rastejou até o quarto e conseguiu ficar em pé apoiando-se na penteadeira. Seguiu pela parede até o quadro de uma pintora da região, Helena *alguma-coisa*. Sua trajetória ficou marcada com o sangue que manchava suas mãos. Seus olhos fixaram-se no quadro. Era uma bela obra, mostrava uma paisagem ao por do sol. Um belo quadro, mas muito triste. Talvez pelo pânico, ou a necessidade de prender-se a algo real, olhou demoradamente para a assinatura do quadro. Helena de Aquino era o nome da autora. Belo quadro, mas precisava da arma. Arremessou o quadro para longe, e entregou-se a

combinação do cofre. Os gemidos estavam mais altos agora. O desgraçado estava subindo. Estava nervoso. Errou num giro e teve que começar de novo. A dor percorria todo seu corpo. Suas mãos suavam em contato com a fria e metálica superfície do cofre. Rápido. Trinta e três, idade de cristo. Rápido, os gemidos (do piano?) mais altos, mais pertos. Data do casamento, vinte e três, não, vinte e seis. *Abriu!* Pegou a arma do velho lenço que a envolvia e a empunhou contra o vulto que se pendurava na porta. O Carteiro entrou cambaleando no quarto e Túlio disparou. Nada de *Bang*, apenas um clique seco. A arma estava descarregada. Túlio quis matar a mulher, não sabendo que ela já estava morta. Voltou-se para o cofre, esquecendo-se do carteiro que cambaleava em sua direção. Viu a caixinha vermelha e azul das balas e quase as derrubou enquanto carregava a arma. O Maldito piano soava de novo, se é que chegou a parar. Quando virou, o carteiro estava a meio metro do cano do revólver. Disparou. Um, dois, três, e seguiu disparando de olhos fechados até que a arma estivesse vazia. O cheiro de pólvora queimou suas narinas, sentia a arma quente e fumegante em suas mão. Quando abriu os olhos, o que viu

foi um carteiro confuso e ferido que segurava os ferimentos na barriga. O sangue transbordava. O fantasma do passado não estava mais ali. Havia matado um homem inocente. Os olhos suplicantes e confusos do carteiro perguntavam o porque, ele estendeu a mão suja de sangue, num pedido mudo de ajuda, gemeu, virou os olhos e caiu pesadamente para trás. O baque surdo da cabeça do carteiro denunciou a morte já evidente.

O fantasma do passado fora embora. Onde estaria? Quando Túlio deu por si, já estava recarregando a arma, mas não havia dado este comando. As ordens não vinham mais de seu cérebro. Olhou para o grande espelho do guarda-roupa e viu que estava enfiando a arma dentro da própria boca. O fantasma do passado não fora embora. Tal qual num conto de Edgar Allan Poe, o fantasma do passado nunca vai embora. Ele apenas havia mudado de corpo. O Fantasma estava dentro de si, mas não era fantasma, pois sabia que o professor estava vivo. Sentiu o gosto oleoso e alcalino da arma em sua boca, tentou engolir o excesso de saliva, mas o disparo interrompeu sua última ação consciente. Seu corpo caiu pesadamente, e o

que lhe restara de energia vital fora sugada mais rápido do que a própria morte teria feito.

Bianchi

Bruno Bianchi acordou às cinco da manhã, como era de costume. Tomou um banho, uma vitamina de banana com chocolate em pó e fumou um cigarro. Depois vestiu um agasalho sobre o qual escondia sua arma, e saiu para correr. Bruno não estava no Vale, nunca estivera, nem sequer ouvira falar da cidade. A contra gosto, viu o sol nascer sobre Brasília. Gostava dali tanto quanto gostava das ex-esposas. Aturava a cidade como apenas mais uma das obrigações de seu trabalho. Ossos do ofício. E olhando para cidade com mais atenção, constatou que precisava de férias. Talvez visitar a filha. Samanta era a única coisa boa de sem primeiro casamento. Pensando bem, Samanta era a

única coisa boa de todos os seus três casamentos e talvez, a única coisa boa em toda sua vida. No último telefonema, ela disse que faria vestibular para Direto. Sua filha queria ser uma advogada. Sua princesinha. Pobre moça, esse era realmente um mundo cruel.

Parou para comprar um jornal. Nada de novo, muito de podre. Muita sujeira no congresso. Muita coisa acontecendo ao mesmo tempo. Felizmente, nada com o que se preocupar demais, apenas rotina. Nenhum caso *especial* para o seu departamento *especial*, por enquanto, a não ser antigas investigações que não serão levadas em conta, dependendo dos envolvidos. Como sempre costumava dizer: *nada de novo, muito de podre*. Voltou para casa, tomou novo banho, acendeu um cigarro, vestiu o terno escuro e foi para o escritório. Bruno nem sequer fazia idéia de que algo acontecia no Vale. E se alguém lhe contasse, ele iria rir e não acreditar, e ainda perguntaria: *Vale do quê? Onde diabos fica isso?* Mas vamos esquecê-lo por enquanto, pois muita coisa está acontecendo no Vale do Touro.

Vivian

O Almoço no Café Expresso é servido pontualmente ao meio dia. Várias pessoas costumam almoçar ali, quase que diariamente. A comida é boa, o lugar é limpo e os preços razoáveis. E ao contrário de outros locais no Brasil, o *Mcdonald's* não havia atingido o grande público. Apesar da ascensão rumo ao progresso, a população do Vale não via com bons olhos as novidades que vinham das cidades grandes, neste caso, de boa comida, os moradores do Vale entendiam. Particularmente hoje, o lugar estava cheio. Vivian, a proprietária, apertava-se atrás do balcão, tentando fazer o maior número de sucos no menor tempo possível, enquanto Eduardo, seu auxiliar pilotava a chapa onde eram fritos os recheios dos lanches.

Não era novidade para ninguém que os dois estavam tendo um caso. Mateus soube disso no exato momento em que viu o lugar em sua mente. O marido de Vivian trabalhava no outro lado da cidade, vendedor de seguros, ou algo assim. O rapaz sentia-se culpado, mas fazer o quê? Vivian o dominava como uma marionete. Poderia até se dizer, que ele não teve muita escolha. E no fundo, ele estava adorando. Menino novo, prematuramente apresentado a um novo universo. Às vezes, no entanto, era tomado por gigantescas crises de arrependimento, indo confessar-se excessivamente. Havia prometido ao Padre Thiago que pararia com tudo, mas sempre voltada a trás. Numa destas crises, chegou a se açoitar, mas descobriu que a dor física não o impedia de ficar excitado. Mateus achou divertido o dilema do rapaz, que constantemente desviava os olhos para o traseiro de Vivian. E imaginar que existia uma cidade inteira com a qual brincar. *Ah, tanto para se fazer e tão pouco tempo!*

Mateus resolveu esquentar um pouco as coisas, nada muito sério, apenas uma brincadeira para depois continuar seu passeio.

Quando Vivian se preparava para bater mais um suco, o liquidificador misteriosamente resolveu não funcionar. A hélice deveria estar travada, um pedaço de fruta talvez, já havia acontecido antes. Discretamente ela olhou em volta, certificando-se de que nenhum cliente a veria colocando a mão dentro do jarro cheio de suco. Ela assim o fez. Seus dedos fecharam-se sobre a hélice do aparelho, girando-a para ambos os lados. Pronto. Um ótimo trabalho de reparo, no entanto nada inteligente e pouco higiênico. A peça parecia estar solta, bastava tirar a mão dali e religar o aparelho. No entanto, antes que pudesse soltar a peça, ela começou a girar. No micro segundo seguinte, ela constatou que o botão do aparelho estava desligado, mas isso não impediu o aparelho de decepar-lhe os dedos da mão direita. Fora apenas um volta violenta, um ciclo completo no eixo do eletrodoméstico e o suco de abacaxi ficou vermelho e espumoso. Ela rapidamente retirou a mão do jarro e o sangue pareceu explodir por toda parte. Seus dedos ficaram boiando dentro do jarro de plástico. Rapidamente alguém segurou a moça que berrava, enrolou sua mão num guardanapo encardido e levou-a para o carro.

— Pequem os dedos dela! — Gritou alguém. —
Leve-os num saco com gelo!

Eduardo estava paralisado. Numa atitude nervosa e inconsciente, pegou outro pano e começou a limpar o sangue de sua amante.

Banho de sangue

Flávio fazia residência no Hospital Nossa Senhora Aparecida, havia seis meses e, nunca vira tantas ocorrências como nesta manhã. Parecia que os eletrodomésticos e outros aparelhos haviam enlouquecido. Uma senhora havia se ferido gravemente, quando, segundo ela, sua faca elétrica de fatiar bifés simplesmente enlouqueceu. Outro, um aposentado, diz ter sido atropelado pelo próprio cortador de grama. Acidentes diversos, envolvendo serras elétricas, furadeiras, facas, e até mesmo um rolo de massas que engolira e esmagara o braço de um rapaz, pontuaram a manhã do pronto socorro. Do outro hospital da cidade, telefonavam constantemente, pedindo sangue e soro. Realmente era alarmante, e um

medo quase sobrenatural inundou sua mente como uma represa de comportas abertas, mergulhando cada pensamento lúcido num líquido espesso e sujo, fazendo com que ligasse desesperado para namorada, que trabalhava como secretária numa madeireira. O telefone tocou repetidas vezes, mas ninguém atendeu. Nenhum daqueles funcionários atenderia mais o telefone, nunca mais.

Em várias partes da cidade, incidentes semelhantes haviam acontecido, deixando poucos sobreviventes e muitas dúvidas. No restaurante em que Tel trabalhava, Ramon, o cozinheiro chileno, fora misteriosamente trancado no enorme frizer, quando a pesada porta fechou-se sozinha enquanto ele procurava um determinado tipo de peixe. Ele gritou por ajuda durante horas, até que seu ar inevitavelmente acabou. Na parede embaciada da enorme geladeira, Ramon deixou escrita uma mensagem para sua mãe.

Na recém inaugurada fabrica de talheres — e ferramentas — foi onde se registrou o maior número de feridos. Depois do ocorrido, falavam sobre uma explosão, mas, no entanto, não houve fogo ou fumaça. O que

realmente aconteceu, por mais incrível que pareça, segundo relatos, foi que várias lâminas e ferramentas metálicas, muitas das quais afiadíssimas, literalmente voaram contra os funcionários. Várias pessoas foram cortadas por dezenas de lâminas ao mesmo tempo. Uma ambulância de nada adiantou, os dois para-médicos fizeram o melhor, dadas às condições, agüentando como podiam, até que mais ajuda chegasse. Segundo um deles, fora a coisa mais horrível que já haviam visto, havia tantos dedos nos chão quanto sangue nas paredes.

Na Editora Central Publicações, Jorge estava pensando nas pernas de Norma, quando vários livros incendiaram-se sozinhos. Em poucos minutos, o lugar ardia consumido pelas chamas. Não houve como fugir, pois o fogo parecia ter começado em todos os andares ao mesmo tempo.

O polícia e o corpo de bombeiros do Vale andavam ocupados como nunca. No entanto, as pessoas pareciam ignorar tudo o que estava acontecendo, e uma estranha calma parecia reinar na cidade desgraçada. Era como se tudo fosse amenizado por um enorme anestesiista invisível. Estava no ar. Mentos ligadas, pessoas machucando outras,

mas com uma clara conexão entre quem atacava e suas vítimas, como se todos representassem um papel previamente escrito ou imaginado. Todas as pessoas da cidade estavam encenando uma peça diabólica, uns como protagonistas, outros como vítimas e os demais como testemunhas. Todos tinham o seu papel

Mateus estivera muito ocupado durante todo aquele dia. Gastara muita energia, mas se alimentara também. Estava na hora, o grande momento estava chegando. Estava sentindo-se forte como nunca. O poder parecia correr por suas veias, deixando-o atordoado. Ele próprio não era capaz de conceber o quanto estava poderoso, afinal, era louco. Talvez, apenas talvez, tudo isso nem estivesse realmente acontecendo. Em sua mente, lampejos de um futuro não muito distante faiscavam coloridos. Via a cidade vazia, tempestade, sonhos insanos e grandes explosões. Não que ele dominasse o tempo e o espaço, mas para sua mente doente, o futuro era mais seu amigo, do que das demais pessoas do mundo.

Quando o caos estoura a porta

Mateus permitiu-se um sorriso de triunfo, sentindo as veias cheias de energia. Energia negra. Piscou e a porta da cela explodiu. Caminhou para o corredor, ainda sorrindo.

— Não disse que o poder libertava! — gritou para os corredores mal iluminados. O som da explosão atraiu os enfermeiros.

Ele estava livre, tinha o poder... e poder libertava.

Os três enfermeiros responsáveis pela segurança daquela ala, detiveram seu avanço ao perceber que o paciente fora da cela carregava um machado. O brilho das lâmpadas fluorescente refletiam-se na superfície do machado, tornando a lâmina muito mais ameaçadora.

Mesmo armados de porretes e em maior número, sentiam-se em desvantagem. Mateus apenas sorria.

Os três homens começaram a recuar na medida em que o homem do machado avançava. O medo pairava no ar, tão sólido como o chão em que pisavam. Mateus ainda sorria.

— Que venha o primeiro — berrou, levantando o machado.

Um dos enfermeiros sentiu-se compelido a atacar, e atacou. Mal conseguiu erguer seu porrete. A lâmina do machado havia separado seu braço do corpo antes mesmo do esboço de seu movimento. O homem, ferido, caiu de joelhos, enquanto seu braço amputado estremecia manchando o piso com sangue.

— Quer uma mãozinha? — perguntou Mateus em meio a gargalhadas. O enfermeiro olhava aturdido para o louco em sua frente. — Desculpe meu chapa, não me olhe assim... digamos que, são cortes no orçamento!!!

A nova seqüência de gargalhadas fez com que os outros dois enfermeiros disparassem pelo corredor à fora. Mateus lhes lançou um olhar de desprezo.

— Público ingrato.

Abriu as mãos e o machado saiu flutuando pelo corredor. Mateus mantinha uma das mãos entendidas, controlando o vôo do machado, assim como quem controla um jogo eletrônico. O machado cortava o ar, zunindo através dos corredores, caçando duas presas indefesas.

— Olhe mãe! — disse Mateus, maravilhado com o vôo da ferramenta. — Sem as mãos!

— Ele está louco — gritou um dos enfermeiros, segundos antes do o machado atingir-lhe a nuca. Devido à velocidade, o corpo rolou alguns metros antes de parar.

— Bingo! — gritou Mateus. — Ah! Eu acertei. Enfermeiro em fuga vale vinte pontos!

O corpo no chão, mesmo morto, levantou-se. Mateus estava dentro dele. Olhou para o último enfermeiro que parou, numa inútil tentativa de ajudar o companheiro caído. Mateus, dentro do enfermeiro morto, levantou os braços, imitando um zumbi, o sangue descia do corte e o machado ainda estava cravado em sua cabeça.

— Mioslos... mioslos... — disse o corpo morto com voz chorosa, numa insana e cruel paródia d'*A Noite dos*

Mortos-vivos. Depois gargalhou para o enfermeiro sobrevivente que corria alucinado.

O último enfermeiro parou de correr quando se encontrou em um beco sem saída. Havia corrido para o lado errado, deveria ter virado antes, tomando o caminho para a escada que levava para o andar de baixo. Encontrava-se numa das paredes que dava para os fundos do hospital. Uma parede sólida e sem janelas. Sentia-se como um rato, encurralado em sua própria toca. Das outras celas não se ouvia som algum. Todos estavam com medo, afinal eram loucos, mas não eram burros.

(Buu!)

O enfermeiro deu um pulo. Havia se assustado com a voz em sua mente. Instintivamente começou a esquadrinhar todo o corredor. Sabia que era inútil, sabia que o cara do machado estava dentro de sua cabeça.

(Não preciso perseguir você... posso matá-lo à distância. Quer ver?)

Os olhos do enfermeiro se esbugalham, estava morto de medo. Mateus leu em sua mente que preferia morrer, pois não agüentaria mais tamanha tortura psicológica.

(Seja feita a sua vontade...)

E a cabeça do terceiro enfermeiro explodiu.

Mateus ainda estava na mente do enfermeiro quando seu cérebro projetou-se para fora do crânio, dividindo-se em bilhões de partículas. Assistira a explosão pelo lado de dentro, divertindo-se com cada detalhe.

— Esse vai precisar de uma aspirina. — riu sozinho.
— Isso é o que eu chamo de dor de cabeça explosiva!

Estendeu as mãos e o machado despregou-se da cabeça do enfermeiro, voando de volta para seu dono. Mateus o segurou como um troféu. Parecia mais uma criança descobrindo as capacidades de seus novos brinquedos.

— Meu brinquedo — disse carinhosamente para o machado. — Adoro brincar com você.

Caminhos cegos

Normalmente nos sonhos, sentimos no âmago de nosso ser que os eventos que presenciamos não podem nos ferir. Contudo, Tel sentia justamente o oposto. Quando tomou consciência de que estava sonhando, abriu os olhos para uma outra realidade. Uma realidade na qual podia ver. Nos sonhos, ninguém era cego. Estava sentado diante do piano branco. Olhou em volta, reconhecendo o cenário de seu sonho predileto. Mas havia algumas pequenas alterações. O céu estava escuro e cheio de nuvens de aspecto nebuloso. Havia um estranho vento frio, que parecia surgir de todas as direções. E não havia nenhuma bailarina dançando pela sala. Tudo estava estranho, no entanto, ele sabia o que fazer.

Levantou-se e caminhou rapidamente para a enorme porta de vidro. Abriu-a com força e uma lufada mais forte de vento atingiu-o no rosto. Olhou para a paisagem, procurando uma pista por qual seguir. Encontrou. Desceu um pouco o declive e viu algo que definitivamente não havia criando em seus sonhos. A trilha seguia para dentro do bosque.

— Siga a estrada de tijolos amarelos — disse com um sorriso nervoso.

Olhava para aquilo, mas não acreditava. Havia uma estreita estrada de tijolos amarelos, que se estendia bosque à dentro. *O Mágico de Oz*. Possuía o mesmo tom artificial do cenário que figurava no filme, o que aumentava a sensação surreal da cena. Uma música começou a soar em sua memória, mas isso era coisa sua: *Money, Pink Floyd*. O som de moedas caindo de um caça-níquel e sua bizarra sincronia com o filme assustaram-lhe um pouco. Era a mesma estrada de tijolos amarelos do filme. Pensou que o tal cara do machado não era muito original. Mas o que realmente o assustou, foi o tom de humor na composição desta peça do cenário. O homem era completamente louco, com poderes ou não. Tinha plena certeza disso.

Pensou pelo lado positivo — se é que haveria algo de positivo nesta história toda. A estrada lhe pouparia tempo. Eliminada, então, esta primeira dificuldade, começou a trilhar a estrada de tijolos amarelos.

Seu sonho limitava-se à sala com o piano e a bailarina. Ficou impressionado com o tamanho do lugar em que caminhava. Olhava para o horizonte, jamais tinha pensado num sonho dessa forma. Não era um cenário, mas sim um mundo inteiro e de certa forma bizarro. Ficou imaginando enquanto caminhava, que todas as pessoas sonhavam; seus sonhos não se passavam em cenários, e sim em mundos completos, dentro de suas cabeças. Pois se no meio de um sonho, você decide pegar um avião e ir até o Egito, o Egito estará lá. Quantos mundos, ou melhor dizendo, quantos universos eram compostos durante uma noite de sono pelos habitantes do planeta Terra? Tel balançou a cabeça, reprovando o pensamento. Era um pensamento muito bizarro.

A estrada seguia pelo bosque. Por diversas vezes, pôde ouvir sons de pássaros, do vento e até mesmo de insetos. Estava em um mundo irreal, mas de certa forma, vivo. O céu continuava nublado, com raios e trovões

espocando por vez ou outra. E subitamente, uma chuva fria e forte começou a cair. Os pingos eram grandes e pesados, ardiam quando atingiam Tel nas costas. Ele aumentou a velocidade automaticamente, parando minutos depois ao sentir um cheiro estranho. Era um cheiro forte, que flutuava, mesmo na chuva. Cheiro de cachorro molhado. Virou-se bruscamente ao ouvir um rosnado. Um cão enorme surgiu dentre os arbustos. Os dentes expostos, cobertos pela baba que lhe escoria da boca, indo misturar-se com a chuva. Tinha o pêlo velho, chamuscado em alguns pontos. Era um cão do inferno. Já havia visto um cão assim, em algum filme antes do acidente. O desgraçado estava montando um mundo de horrores, com lembranças de filmes de terror. O cara do machado não era muito criativo. Podia ser pior, pensou, podia ser uma matilha.

O cão fitava-o com ódio, babando cada vez mais. Tel sustentava o olhar do cão, tentando não demonstrar medo. Neste instante, outros cães no mesmo estado começaram submergir da mata. *Podia ser pior?*, pensou novamente, era pior... era uma matilha. Eram cães do inferno, salivando para ele com ódio mortal.

O duelo de olhares não durou muito, Tel não suportou a pressão e começou a correr. Felizmente os cães ainda não haviam fechado o cerco contra ele. Correu o mais que pôde. Voltou-se num rápido instante, suficiente apenas para ver que os cães haviam se tornado manchas de pêlos voando em sua direção. Voltou a correr, sabendo que mais cedo ou mais tarde, seria alcançado.

Os cães corriam desesperados, dirigidos por um ódio cego. Quando chegavam muito perto, saltavam almejando o pescoço do rapaz. A vantagem de Tel era correr pela estrada de tijolos amarelos. As patas dos animais, recheadas de garras afiadíssimas, escorregavam mais que os tênis do jovem cego. Mas essa vantagem não lhe manteria vivo por muito tempo, sabia disso. Estava se cansando. Estava num sonho, mas sentia lentamente a fadiga pesar em suas pernas. Os cães, por outro lado, levantavam de seus tombos com mais ódio do que antes. Avançavam de maneira assassina, com os dentes expostos, projetados para fora, prontos para o bote. A música do *Pink Floyd* deixou sua mente, sendo substituída pela *Cavalgada das Valkirias*.

Tel começou a diminuir a velocidade, devido ao cansaço. Ouviu o som de uma forte mandíbula fechar-se violentamente ao lado de seu ouvido. Outra se fechou em sua perna. Tel gritou enquanto rolava pela estrada com o cachorro grudado em seu corpo. Sentiu cada dente entrar, assim como dilacerar a carne, enquanto seu corpo chocava-se contra a estrada. Rolou mesmo depois da inércia ter detido o impulso da queda. Esperava que isso livrasse sua perna dos afiados dentes do cão. Isso não aconteceu. Continuou rolando até atingir uma parede. Levantou-se se escorando nela, chutando o cão que o mordida com a outra perna. O cachorro girou no ar e caiu sobre as quatro patas. Fez menção de atacar, mas estacou, limitando-se a rosnar de maneira furiosa. Logo os outros cães juntaram-se ao primeiro. Tel tateou a parede e olhou em volta. Era um muro alto como uma montanha, sumindo de vista, tanto para o alto, quanto para os lados. Um muro que separava seus sonhos dos sonhos do cara do machado. Uma espécie de fronteira, imaginou. Parece que o desgraçado havia previsto que alguém poderia segui-lo, erguendo um muro para proteger-se de possíveis invasores.

Seu pensamento seguinte foi o de que os cachorros bem que podiam ter ficado do outro lado do muro. Neste instante, como mágica, a chuva parou.

Ruas de fogo

No exato momento em que os cães cercavam Tel, Júlia despertou. Num primeiro momento, ainda muito sonolenta, estranhou o lugar onde estava. Era o apartamento do jovem cego. Levantou-se devagar, tentando se lembrar de tudo que havia acontecido. Lembrava-se agora. Fora atacada na noite anterior, um ataque mental. Tel veio socorrê-la quando começou a gritar. Ele a acalmou, dizendo que precisava descansar. Tel também pretendia dormir, queria investigar seu sonho. Pretendia seguir o rastro do invasor até a sua fonte.

Alheia aos perigos que o rapaz cego estava enfrentando, foi para a cozinha e fez café. Sentia as têmporas latejando numa infeliz dor de cabeça. Comeu

algumas bolachas de água e sal que havia em pote de vidro sobre a geladeira. Sentia dentro de si, um estranho estado de urgência, como se algo precisasse ser feito, como se sua vida dependesse de uma única e salvadora ação.

Em meio as estes pensamentos, resolveu dar uma olhada em Tel. Ele dormia agitado, movendo-se sob o lençol. Não pode deixar de notar a mancha vermelha que se formava no lençol. Parecia que o rapaz havia se ferido na perna. Puxou o lençol rapidamente e a mancha estava também na calça do pijama. Não teve dúvidas do que fazer. Abaixou as calças do cego para examinar o ferimento. Espantou-se. Aparente mente o rapaz não usava roupas de baixo para dormir. Contudo, Júlia procurou concentrar-se no ferimento.

Parecia uma mordida e ainda estava sangrando. Correu até a cozinha, voltando instantes depois, com uma vasilha com água e alguns panos. Começou a limpar o ferimento, quando algo estranho aconteceu:

Como num passe de mágica, outro ferimento surgiu um pouco acima do anterior. Tel debateu-se em seu sono e um novo ferimento surgiu. Desta vez no braço. Júlia afastou-se horrorizada. Todos, ferimentos de

mordida, como se feras invisíveis o estivessem atacando sobre a cama. Tel curvou-se violentamente, balançando os braços numa tentativa de deter as bestas invisíveis. No entanto, ainda dormia. “Que demônios ele estaria enfrentando em seu sonho?” Pensou Júlia. O pobre deveria estar tendo o pior pesadelo de toda sua vida. Júlia estendeu as mãos para ele, num gesto impotente. O que poderia ela fazer? Não pode pensar em nada. Mas sabia que não conseguiria ficar assistindo aquilo por muito tempo. Jogou-se sobre e ele, pondo-se a chacoalhá-lo numa tentativa desesperada para acordá-lo. Isso não aconteceu. Ele continuava dormindo, apesar dos violentos tapas que ela desferia. Ele estava preso no sonho, dependia somente dele o ato de acordar. Gelou com o pensamento seguinte. E se ele não pudesse acordar?

Diante da impotência que a dominava, Júlia correu desesperada para fora do apartamento. Precisava de ar. Na rua, viu que o céu estava escuro demais, nuvens de chuva não poderiam encobrir o céu dessa maneira. O vento também não estava de acordo com a estação. A loucura moldava o clima do Vale, extraindo da antiga forma, um novo modelo muito mais bizarro.

Olhando em volta, viu que as pessoas saíam de suas casas e olhavam para o céu. Algumas, depois de constatarem que algo estava errado, voltavam para dentro de suas casas e lá se trancavam, imaginando talvez, que uma gigantesca tempestade se aproximava.

No instituto de meteorologia da capital, as linhas telefônicas estavam engarrafadas. Todas as ligações vinham do Vale, enquanto meteorologistas estupefatos olhavam para tela de um computador. Uma imensa massa de nuvens cobria a cidade. Parecia ter vindo de lugar nenhum, pois não haviam sido registradas frentes frias nas últimas semanas. Era o verão mais quente e seco dos últimos anos. A massa amorfa e colorida na tela do computador, dançava sobre o mapa, no exato local onde deveria estar a cidade.

— Que droga é essa? — perguntou o encarregado, indignado.

— Não sei, mas não pode estar acontecendo. Olhe a velocidade dos ventos registrados... e no entanto, a massa continua no mesmo lugar!

— O que acha que é?

— O senhor não vai acreditar — disse atônito. — Mas parece uma espécie de tempestade elétrica!

No Vale, o clima era de terror total. Diante da situação, as emissoras de TV, orientadas pelo instituto meteorológico, pediam a todos que evacuassem a cidade, até que uma análise mais segura, excluísse a possibilidade de risco para a população.

Algumas pessoas começaram a abandonar suas casas. As ruas tornaram-se um caos, engarrafamentos quilométricos tomaram as avenidas principais. Na presa, veículos chocavam-se uns com os outros. Havia pessoas correndo em todas as direções. Crianças choravam, pessoas gritavam por todos os lados. Em questão de algumas horas, a cidade estava vazia.

Júlia permaneceu. Não podia abandonar Tel, que estava lutando para tentar deter essa loucura. Sentia nos ossos que todos esses eventos terríveis estavam interligados.

Ela voltou para o apartamento no momento em que a cidade havia começado a enlouquecer. Trancou a porta, desabou no chão e começou a chorar. Permaneceu assim, na porta de entrada. Não teria coragem de seguir adiante.

Tinha medo de encontrar o jovem cego dilacerado pelos demônios que o atacavam em seu sono. Não sabia o que fazer. Pensou que talvez seu marido estivesse a sua procura. Com certeza ela voltaria para casa para buscá-la. Onde ele estaria agora? Talvez nem estivesse mais vivo... talvez essa tenha sido a razão pela qual ele não voltou para casa na noite anterior.

Mãe

Quando Douglas saiu, Norma trancou as portas, receando pela sua segurança e a de sua mãe. Quando se preparavam para sair em busca do pianista cego, que talvez ajudasse a deter Mateus, começaram ouvir as pessoas gritando lá fora. Saíram para olhar e o que viram, os deixou aturdidos. Toda a vizinhança estava fugindo. Logo entenderam a razão. O céu estava nebuloso demais para o verão. Raios e trovões explodiam em diversos pontos, assustando mais e mais a multidão que fugia alucinada.

— A TV — gritou Douglas. — ligue a TV!

Norma ligou e eles assistiram ao comunicado. Estava em todos os canais.

— Preciso buscar minha esposa. — gritou desesperado.

— Mas...

— Fique aqui. Eu volto para buscar você e sua mãe.

Douglas saiu e em segundos, sumiu no meio da multidão. Norma trancou a casa, rezando para que ele voltasse. Subitamente pensou em sua mãe. Resolveu ver como ela estava. Logo teria que contar o que estava acontecendo. Atravessou o corredor a passos leves, não queria acordá-la, antes, precisava pensar num jeito de amenizar a história toda. Qual não foi o seu susto, quando entrou no quarto e sua mãe não estava lá. Norma olhou para todo o quarto. Por um momento, pensou que sua mãe poderia estar no banheiro, mas abandonou essa hipótese quando viu que a janela do quarto estava aberta. Sua mãe nunca abria as janelas. Correu e debruçou-se na janela há tempo de ver sua mãe escalando o muro dos fundos da casa, vestia apenas a calcinha e uma camiseta.

— Mãe? — gritou confusa.

Sua mãe virou o rosto em sua direção, já estava sentada sobre o muro, com uma perna para cada lado, como se senta alguém sobre um cavalo.

— Você não vai me impedir — gritou sua mãe. — Ele me quer, está me chamando e você não vai me impedir.

Norma sabia de quem ela estava falando. Pulou a janela começou a correr em direção a sua mãe. Quando estava na metade do caminho, sua mãe pulou, sumindo do outro lado do muro. Norma aumentou a velocidade, aproveitou o impulso da corrida e lançou-se sobre o muro. Saltou-o com facilidade, em seguida retomou a perseguição. Sua mãe já havia sumido no meio do mato. Mas isso não era problema. Norma sabia onde sua mãe estava indo. Tinha que alcançá-la.

Correu a esmo dentro do matagal. O mato era alto, arranhava seu rosto na medida em que avançava. Saiu no outro lado do quarteirão. A rua estava cheia de pessoas que corriam para todos os lados. Seria impossível encontrar sua mãe no meio de tanta gente. Teria que ir direto para o manicômio. Tinha que chegar lá rápido, e antes de sua mãe. O som de um trovão atraiu seu olhar.

Parecia o fim do mundo. Não era de se entranhar o pânico das pessoas. Viu vários carros abandonados, mas era inútil tentar usá-los. A rua era um mar de automóveis, parecia que todos os carros da cidade estavam nas ruas. Começou a correr entre eles, zigue-zagueando entre alguns e passando por cima de outros. Tinha que desviar das pessoas, competir com elas por um pedaço de calçada no qual seguir. Nunca em toda sua vida, havia visto tantas pessoas juntas.

Esbarrou em algumas pessoas e caiu. Ia levantar, mas deteve-se. O choro de uma criança a deteve. Uma menina, de talvez uns seis ou setes anos, chorava bem na sua frente. Segurava uma das mãos contra o corpo, como se alguém a houvesse pisoteado. Norma adiantou-se para ela, pegando-a no colo. Era uma garotinha loura, bonita e pesada.

— Perdeu sua mãe?

A criança balançou a cabeça num sinal afirmativo. Esfregava um dos olhos com a mão boa. A outra mão, muito ferida, continuava posta contra o corpo. Norma tentou sair do mar de pessoas, o que se tornou mais difícil, agora que tinha uma criança nos braços. Com muito

esforço conseguiu chegar até um muro. A criança chorava baixinho.

— Calma meu bem, vamos achar sua mãe.

Subitamente, a criança parou de chorar. Mas não foi isso que atraiu o olhar de Norma, e sim o sorriso diabólico que os lábios da criança exibiam. Antes que Norma pudesse esboçar qualquer reação, a criança cravou as unhas em seu rosto. Norma a jogou instintivamente, levando involuntariamente as mãos ao rosto. Olhou para ela e viu seu próprio sangue. Estava atônita, sem entender o que se passava.

— O quê? — perguntou com um olhar bovino.

(Adivinha?)

A criança ainda sorria para ela. Nunca Norma poderia imaginar que um rosto infantil pudesse sorrir daquela forma. Era um sorriso doentio, fervilhando de ódio e maldade.

— Sai da menina! — gritou. — Sai AGORA!

Algumas pessoas voltaram-se para ela. Contudo, não deram muita importância, havia muitas pessoas gritando.

O grito da moça era apenas um entre muitos. A menina continuava sorrindo para ela, imóvel.

— Eu perdi a minha mãe, e você perdeu a sua... para sempre! — e gargalhou.

— Não — disse Norma num esboço de voz.

— *Um, dois, três...* — começou a menina, cantarolando. — *O Cara do Machado, Está sempre aqui do lado...*

— Não... — gemeu Norma, enquanto se afastava involuntariamente da menina. — Por favor...

— *Quatro, cinco, seis... um Castelo pro seu Rei, lá no Manicômio...*

— Não... faça isso... — gemeu Norma, enquanto colocava as mãos sobre os ouvidos, como se pudesse interromper a cantoria com se gesto. Mas apesar de seu gesto e desespero, a menina cantava sorridente.

— *Um, dois, três...* — rindo mais e cantarolando. — *O lâmina não é de nada, só come marmelada!*

— Pare por favor... pare...

— *Quatro, cinco, seis... Marmelada não enche a pança, eu quero uma criança!*

— Chega!!!

Norma jogou a cabeça para trás, num movimento brusco, seguido de um grito que mais lembrava um animal ferido. Os gritos das pessoas em fuga ainda ecoavam ao longe. Desta vez, seu grito se sobrepôs aos outros.

Truque

Douglas corria por uma rua transversal. Tentava evitar as avenidas principais. Havia muitas pessoas na rua, um verdadeiro formigueiro humano. Algumas pessoas haviam sido pisoteadas, Douglas viu corpos por todos os lados. No céu, trovões anunciavam os raios, muitos deles. Douglas olhou para o alto dos prédios, vários pára-raios fumegavam. Eles haviam atraído todos os raios até agora, mas não agüentariam por muito tempo. Tratava-se de uma questão de tempo até que a cidade fosse literalmente bombardeada. Caso a cidade não fosse logo evacuada, o número de mortos iria aumentar.

Várias pessoas já haviam morrido. Muitas pisoteadas durante a fuga, outras atropeladas e em batidas

de automóveis. Um poste fora derrubado por um furgão em fuga. O fogo já se alastrava pela avenida principal. Douglas sentia na pele que nada seria poupado. Mas não podia pensar nisso agora, tinha que encontrar sua esposa. Rezava para que ela não tivesse saído de casa. Seria impossível encontrá-la na rua.

— Esteja em casa, meu bem... por favor.

Douglas entrou voando pela porta da frente. A porta estava fechada. Logo que entrou, olhou para os pequenos ganchos que havia pregado atrás da porta. As chaves de Júlia não estavam ali. Ela havia saído. Onde estaria?

— Merda!

Parou e pensou, tentando imaginar o motivo que teria levado sua esposa a sair. Não teve que pensar muito. Não havia voltado para casa na noite anterior. Provavelmente ela deve ter pensado o pior. Agora, ela estava lá fora, perdida naquele mar de pessoas. Poderia até estar morta. Quantos já teriam morrido? E quantos ainda iriam morrer?

Contudo, essa não era sua única preocupação. Sabia que o único jeito de deter essa loucura toda era destruir sua fonte, cortar o mal pela raiz. Não tinha muita certeza

de como e se poderia ser feito. Mas não podia simplesmente esquecer tudo e fugir como os outros. Não com o que sabia, nem com o que sentia. Era uma certeza estranha, que dominava seus pensamentos. Sabia que era um dos alvos, Mateus não ia permitir que ele fugisse simplesmente. Precisava encontrar uma maneira de detê-lo. Sabia que não poderia nem se aproximar, pois com certeza Mateus estaria vigiando sua mente e saberia defender-se de qualquer ataque. Pensou que Mateus estivesse muito ocupado agora. Não sentia sua presença e sentiria se ele se aproximasse, o efeito funcionava para os dois lados. Portanto deveria aproveitar esse momento, elaborando um plano de segurança, uma arma secreta para um futuro combate. Depois de elaborado, o plano deveria ser esquecido, ou de nada serviria. Teria que escondê-lo bem no fundo de sua mente, tão fundo quanto pudesse, de forma que Mateus jamais o encontrasse. Não podia ter certeza, era apenas um palpite. Algo no que acreditar para não enlouquecer.

Embora seu primeiro impulso fosse o de procurar pela esposa, via-se obrigado a aproveitar o momento, antes que Mateus decidisse por confrontá-lo.

Seu primeiro pensamento foi o de arrumar uma arma, mas sabia que de nada adiantaria. Mateus provavelmente o controlaria, o obrigaria a estourar os próprios miolos, antes mesmo de conseguir mirar no desgraçado. Precisava ser algo imprevisível, uma arma seria óbvio demais. Precisava ser algo louco o bastante, para surpreender um maluco. Na verdade, já tinha algo em mente. A coisa era tão simples, tão banal, que provavelmente não levantaria suspeita, além do que, seria muito fácil de se arrumar.

Arranjou com facilidade um punhado do que precisava e decidiu voltar para buscar Norma, já que não tinha nem idéia de onde encontrar sua esposa. Não queria que a moça ficasse sozinha com a mãe, numa cidade alucinada.

Ao percorrer o caminho de volta, notou que a cidade estava se esvaziando depressa. Isso não era nada bom. Quem ficasse na cidade, certamente chamaria a atenção de Mateus, tornando-se um brinquedo em suas mãos. Este pensamento fez com se apressasse, sabia que logo ele começaria a caçar.

Mal pensou nisto, e sentiu uma lufada de vento que lhe atingiu como um muro. Perdeu o equilíbrio e caiu. Levantou-se com dificuldades, lutando contra o vento que tentava mantê-lo no chão. Na rua, agora deserta, papéis e folhas rolavam com o vento. Um silêncio opressor cercou Douglas, paralisando-o mais que o vento. O silêncio era quebrado apenas pelos trovões espocando no céu.

Mateus estava ali, Douglas podia sentir. Agora, não devia pensar em seu truque, ou ele iria descobrir.

(Descobrir o quê?)

— Onde está minha mulher? — gritou para a rua deserta. O vento continuava, parecia querer rasgar suas roupas.

(O que o faz pensar que ela esteja viva?)

— Filho da mãe! Eu vou matar você desgraçado.

Juro que vou.

(Então venha meu chapa, estou te esperando.)

Sumiu. Douglas podia sentir. Provavelmente fora atormentar alguém. Esse pensamento o lembrou de que não devia perder tempo. Norma poderia estar passando por dificuldades.

O desgraçado não havia notado o que estava em seu bolso, nem sondado sua mente. Sua garantia estava salva por enquanto. Apressou-se, sentia medo ao caminhar pelas ruas vazias, sentia-se numa cidade fantasma.

Quando entrou na casa de Norma, viu que o telhado da casa vizinha estava em chamas, aparentemente um raio havia caído ali. Testou a porta da frente, mas estava trancada. Bateu, mas não houve resposta. Deu a volta na casa, descobrindo que a janela de um dos quartos estava aberta. Entrou e deu uma rápida vasculhada na casa. Estava vazia. Algo no quarto da mãe da moça chamou sua atenção. Sobre uma cômoda, num dos cantos do quarto havia uma infinidade de remédios. Parece que a mulher tinha sérios problemas. Pegou uma seringa descartável, foi até a cozinha e a encheu com vinagre. Parecia bobo, mas era mais um truque, e poderia salvar sua vida.

Parecia loucura, mas sabia onde Norma tinha ido.

O muro

Havia coisas demais acontecendo. Júlia havia perdido a noção do tempo, não sabia dizer ao certo o quanto já havia chorado. Seu marido estava desaparecido, o céu parecia querer cair sobre a cidade e Tel estava enfrentando criaturas bizarras, em um sonho também bizarro. Não sabia se o que a levou a levantar-se e agir, foi um súbito impulso de coragem, ou apenas o fato de ter aceitado o inevitável. Era jovem demais para sentar-se e esperar a morte chegar. A dúvida estava corroendo-a aos poucos. Precisava saber como o cego estava, talvez até ajudá-lo.

Júlia levantou-se devagar, caminhou até o quarto do cego, apoiando-se nas paredes. Parou diante da porta,

temendo o que poderia encontrar lá dentro. Concentrou-se por alguns instantes, tentando ouvir algo, qualquer coisa que indicasse que Tel estava bem. Nada. Silêncio total. Começou a imaginar o pior. Tel poderia estar morto, no caso de uma daquelas mordidas tivesse atingido seu pescoço. As mordidas eram bem reais, o sangue também, e Júlia sabia disso. Esse pensamento a fez recuar. Não se sentia preparada para isso, queria ir para casa, deitar e dormir, rezar para que na manhã seguinte tudo tivesse voltado ao normal.

Sua mente estava pontilhada de dúvidas, e uma certeza começou a flutuar neste mar de perguntas sem respostas. Não entraria naquele quarto, tinha certeza de que não seria capaz.

— Perdoe-me, Tel... eu simplesmente não posso.

Virou-se e saiu. A rua estava deserta, carros parados com suas portas escancaradas davam um aspecto de abandono ao lugar. Havia corpos no chão. O céu continuava nebuloso, carregado de nuvens amorfas, gigantescas, com estranhas tonalidades de cores escuras. Raios e trovões espocavam de forma amplificada, irreal e bizarra.

Júlia não sabia o que fazer. Queria fugir, mas para onde? As grotescas nuvens sumiam horizonte a fora. Davam à impressão de englobarem todo o planeta. Ela podia ver feixes de energia transitando entre as volumosas camadas de nuvens. Pequenas explosões de luz e som regiam essa estranha dança.

Júlia começou a correr, sem saber ao certo para onde estava indo, nem o motivo de tanta pressa. Sentiu estranho desespero, vendo a cidade deserta, abandonada como um navio prestes a afundar. As ruas vazias pareciam ameaçadoras, aumentando o pavor que começava a dominá-la. Uma súbita vontade de gritar começou a invadi-la, algo esmagador, capaz de derrubá-la no chão. Ela sentiu as pernas fraquejarem, no mesmo instante em que soube que não suportaria mais tanto desespero. Deixou o corpo cair, sentindo o chão bem sólido abaixo de si.

— EU NÃO AGÜENTO MAIS!!!! — gritou para a cidade vazia. Sua voz viajou pelos becos desertos, dando a impressão de alcançar toda a cidade.

De qualquer forma, seu grito alcançou alguém. Não necessariamente alguém, mas sim aquelas coisas.

Quando Júlia estava preste a entregar-se definitivamente ao choro e a loucura, um rosnado soou não muito distante. Era um rosnado leve, não muito ameaçador, parecendo mais um chamado. Ela virou o rosto na direção do suposto chamado.

Encima de um dos carros abandonados, não muito distante de onde ela estava caída, um vira latas rosnava com algo nos dentes. Um farrapo. Um pedaço de pijama. Júlia imediatamente reconheceu o pijama do jovem cego. Havia muito sangue sobre o tecido. Ela gritou.

O cachorro depositou cuidadosamente o pedaço de pano sobre a lataria do carro, depois se voltou para Júlia e rosnou. Os dentes todos à mostra, revelavam a intenção do animal. Quando Júlia começou a levantar-se, o animal já estava apenas há alguns metros dela. Não haveria como escapar. Ela disparou na direção oposta, sabendo que de nada adiantaria, não conseguiria correr mais que o animal.

Ainda levada mais pelo medo do que por sua própria força de vontade, dobrou uma esquina, esperando encontrar naquela rua alguma porta aberta. Uma esperança brotou na virada da esquina. Viu a salvação numa porta giratória de um banco vinte e quatro horas. Se alcançasse

o banco antes que o cão a alcançasse, poderia segurar a porta, impedindo que esta rodasse, mantendo assim, o cão para o lado de fora.

Júlia parou de sorrir quando um outro cachorro surgiu entre ela e o banco. Tinha o mesmo aspecto do outro. Sujo e esfarrapado, parecendo não ter cor ou raça definida. Sem diminuir a velocidade, Júlia zigue-zagueou entre alguns carros, tentando chegar até a calçada. Caiu assim que pisou no calçamento mais alto. Sem nem olhar para trás, rastejou para debaixo de um carro, tentando ficar bem no meio do veículo. O cachorro que vinha mais atrás atingiu o veículo com uma força monstruosa, fazendo-o balançar. Júlia deu um pequeno grito quanto ouviu o estrondo. O cão rolou meio atordoadado, com cara de quem não sabia bem onde havia deixado as chaves do carro. Júlia aproveitou para sair enquanto o outro cachorro ainda estava mais afastado. Correu e tentou pular um muro entre um bar e um hotelzinho de esquina. Suas mãos seguraram o topo do muro, mas sentia-se cansada demais para içar o próprio corpo. Foi neste instante que um dos cães abocanhou seu tênis. Ela berrou mesmo não estando ferida. Uma energia percorreu seu corpo, e ela conseguiu

levantar-se até que sua barriga estivesse curvada no alto do muro. Precisava agora, jogar o corpo para o outro lado. Mas o cachorro parecia discordar, mantinha-se preso ao tênis da moça, aplicando mais e mais pressão na mordida. Júlia pode sentir os caninos entrando bem devagar em sua carne, logo sentiu que seu tênis estava encharcado de algo quente e grudento.

O cão parecia determinado em manter Júlia deste lado do muro. Por mais que ela forçasse, o animal soltava o peso de seu próprio corpo. Júlia começou a imaginar quanto podia pesar um cachorro. O animal rosnava, sua saliva escorria sobre o tênis da moça, que já começa a ficar vermelho em alguns pontos.

— Não desgraçado, me deixe subir.

Neste instante, suas mãos escorregaram e ela despencou muro abaixo.

A matilha

Depois que Norma deixou o centro a caminho do manicômio, as ruas estavam mais livres. Havia vários carros abandonados, com as chaves e tudo. Foi sorte ter pegado um carro da polícia. Havia uma espingarda no banco de trás. Era exatamente o tipo de coisa de que ela iria precisar para sair do carro, atravessar o portão do hospício e enfrentar a matilha de cães de aparência assassina, para finalmente, resgatar sua mãe. Colocado assim dessa forma, parecia tudo muito simples. Norma logo iria descobrir a enorme diferença entre a teoria e a prática.

Os cães a fitavam. O maior deles estava estacado na frente do portão. Os outros, limitavam-se a rosnar em

volta do carro. Seu primeiro impulso foi o de entrar com o carro portão adentro. Contudo, as enormes grades tinham uma aparência bastante maciça. Achou que estourar o cadeado com um tiro seria mais fácil. Foi aí que os cães surgiram. Foram aparecendo um a um, do meio do mato. Eles pareciam determinados a mantê-la fora do manicômio.

Norma ligou o carro, engatou a marcha e lentamente conduziu o veículo para mais perto do portão. O líder da matilha permaneceu imóvel. Os outros cães seguiram o automóvel, também lentamente. Norma sentia os olhos cheios de fúria, acompanhando-a a cada pequeno movimento seu. As cabeças pendendo para o lado, parecendo girar sobre os pescoços, sondando cada gesto, cada esboço de movimento. A saliva escoria de cada bocarra, por entre os dentes, de forma contínua e volumosa. Norma desligou novamente o carro. Seria loucura. Não estava bem certa de como agir, mas sabia que não podia perder muito tempo.

Por fim, decidiu-se. Destrancou a porta do carro e a abriu bem devagar. Os cães continuaram imóveis. Ela pôs um dos pés para fora, sob os olhares caninos, que

continuavam imóveis. Instantes depois, ela estava de pé, fora do carro. Levantou o rifle, apontando para o cão que estava mais perto. Respirou fundo e disparou. O coice da arma foi menor do que esperava. No mesmo instante em que disparara, o animal grunhiu alto e caiu. Contorceu-se um pouco antes de morrer. Os outros continuavam imóveis, o que assustava ainda mais Norma. Isso significava que eles não tinham medo, estavam sendo controlados e que morreriam se preciso fosse.

Novamente Norma respirou fundo, parecia estar inalando coragem do ar. Engatilhou a próxima bala e seguiu em direção ao portão. Os animais, antes cercando o automóvel, pareceram esquecê-lo, seguindo Norma lentamente, fechando o cerco sobre ela.

Sem o menor aviso, o cão que estava atrás dela saltou traiçoeiramente. Era evidente que o alvo do cão era o pescoço de Norma. Ela virou-se abruptamente e disparou. A força do impacto fez o animal girar em pleno ar, antes de cair morto. O líder da matilha continuava imóvel. O cerco se fechou um pouco mais. Mais um cão atacou, e outro, e assim por diante, até que todos, com exceção do líder, estivessem encima de Norma.

Ela conseguiu atingir os dois primeiros. O terceiro fechou sua mandíbula no braço da moça, fazendo com que ela largasse a arma. Outro mordeu sua perna. Norma foi ao chão. Gritava, esperneava e rolava de um lado para outro. O que mordia o seu braço rolou com ela. O que mordia sua perna, trançou as próprias pernas e caiu. Norma atingiu sua cabeça com um chute. Outros dois cães tentavam mordê-la, mas ela não lhes dava chance. Não parava quieta. Rolava e esperneava, mantendo-os afastados, rosnando. O líder assistia passivo, apenas observando, salivando com um certo ar de tédio.

Norma sabia que não ia ter forças para sustentar aquela dança frenética por muito tempo. Começou a projetar-se para frente, tentando alcançar a arma. Um cão mordeu a barriga da perna, imobilizando-a, deixando a guarda aberta de um lado do corpo. O cão que ela havia chutado aproveitou-se disto, mordendo-a na altura da coxa. Norma gritou enquanto se esticava. Seus dedos roçaram no cabo do rifle, esticou-se um pouco mais, sentido cada um dos dentes cravados em seu corpo. Sua mão fechou-se na arma. Trouxe-a para junto de si, engatilhou a bala seguinte e disparou. Acertou o cão que

mordia sua perna, mas não tinha como acertar os outros. Neste instante, em que a dor era quase enlouquecedora, teve um palite que poderia dar certo. Engatilhou a arma novamente, apontou para o líder da matilha e disparou. Assim que os cães ouviram o uivo do líder, eles soltaram o corpo de norma. Pareciam desorientados, como um cão que segue os pneus de um carro. Quando o carro para, ele não sabe o que fazer. Norma relaxou o corpo, e deixou a cabeça cair por terra. A perna e o braço doíam demais.

Um dos cães sentou-se próximo de Norma e começou a se coçar. Os outros andavam em círculos, tentando descobrir onde estavam e como haviam chegado ali. Norma estava certa. A postura do líder o denunciou. O cara do machado estava controlando os cães, mas o contato era pelo líder. Havia dominado o chefe, os outros não precisavam ser dominados, apenas influenciados. Sentiu-se uma idiota por não ter pensado nisso antes, poderia ter evitado esse sofrimento. Sentia muita dor, quase não podia se mexer.

Com muito esforço, conseguiu arrastar-se até o portão. Apoiando-se nele, conseguiu ficar de pé. O que mais incomodava era o braço, a calça havia protegido

bastante sua perna. Mesmo assim, teve certa dificuldade em pular o portão. Não queria gastar balas com o cadeado. Seguiu mancando para a porta do hospício.

Parou diante da grande porta dupla, estava toda suja de terra, havia sangue também e seus cabelos estavam desgrenhados. Engatilhou a arma e levantou-a aos ombros. Fez mira, mas no instante em que ia disparar na fechadura, as portas se abriram sozinhas, revelando a escuridão no interior do manicômio. Assustou-se quando a porta abriu. Caminhou para trás, ainda mirando a porta aberta.

Estava sendo esperada.

— Muito bem. Aqui vou eu.

Reencontro

Júlia levou alguns segundos para entender o que havia acontecido. Olhou em volta e se viu sentada sobre o cachorro que antes a perseguia. Estava desacordado, também pudera, ela havia caído sobre ele. O outro cão ainda estava atordado. Ela aproveitou e correu para um carro próximo. Entrou. As chaves estavam na ignição. Havia outros carros na frente e no meio da rua, mas ela achou que poderia passar entre eles. Deu a partida e seguiu em frente. Esbarrou em alguns carros, provocando uma chuva de faíscas. Brecou bruscamente para desviar de dois carros batidos na esquina e quando arrancou novamente, bateu em alguma coisa que rolou por cima do carro. Pisou novamente no freio, olhou para trás e viu um corpo.

Alguns minutos antes, não muito longe dali. Douglas correu mais rápido, quando percebeu que os gritos que ouvia, pertenciam a sua esposa. Rezava para não chegar tarde demais. Com a cidade vazia, cheia de ecos, era impossível precisar a direção dos gritos. Correu como um louco, até chegar na esquina, quando foi abruptamente atingido.

— Meu Deus! — gemeu Júlia. — Acho que matei alguém!

Quando viu que a carcaça se movia, deu marcha ré, desviando-se do corpo e parando ao lado dele. Quando abriu a porta, viu que era Douglas.

— Rápido! Entre.

Ele rastejou para dentro do carro, agradecendo por ter encontrado a esposa. Eles se abraçaram apertado, ela estava chorando. Ele começou a apalpá-la.

— Você está bem? Está ferida?

— Estou bem, e você? Eu te machuquei?

— Não meu amor, está tudo bem.

Ela deu a partida e seguiu adiante.

— Onde estava? Pensei que tinha perdido você! —
ele quase chorava.

— Sai atrás de você. Encontrei um rapaz cego, foi
quando a loucura começou. Ele tem um plano para...

— Não me conte! O desgraçado pode ler minha
mente. Se eu não souber é melhor. O cego que continue
com seu plano... e eu, com o meu!

— O que vamos fazer?

— Queria tirar você da cidade — começou,
limpando o suor da testa. O ferimento no braço
incomodando um pouco. — Mas não temos tempo. E não
quero deixar você sozinha, não enquanto esse maluco
estiver vivo!

Júlia se virou para ele. Ele a olhou nos olhos.

— Temos que detê-lo. Ainda não sei como, mas por
Deus, temos que detê-lo!

Neste ponto a rua estava mais livre. Júlia acelerou e
tomou a direção do manicômio. Secretamente ela rezava
para que Douglas tivesse um plano. Por outro lado,
Douglas não sabia o que fazer.

— Escute, conheci uma moça. Acho que o maluco
controla a mãe dela. Parece que a menina foi enfrentar o

cara sozinho — disse sem olhar para ela. Parecia estar se explicando. — Não podemos abandoná-la!

Júlia permaneceu calada. Seguiram em silêncio até o manicômio.

Pararam diante dos grandes portões, vendo o carro da polícia abandonado e alguns cães mortos. Júlia olhou para o portão. Teriam que sair do carro para pulá-lo, idéia que não a agradava nem um pouco. Contudo, não tinham escolha.

Uma infinidade de pensamentos tomou conta da mente de Douglas. O que estaria se passando dentro do hospício? Com certeza Norma estava lá dentro. Tinha medo só de pensar nos poderes que aquele maluco possuía, era teoricamente impossível derrotá-lo. Não tinha a mínima idéia do que fazer. Neste instante, pegou-se pensando no rapaz cego e nem ao menos o conhecia. O que ele estaria tramando. Júlia sabia que ele estava com problemas, mas esperava, rezava melhor dizendo, para que tivesse êxito em sua missão.

— Você espera aqui — disse Douglas rompendo o silêncio, interrompendo os pensamentos e adiantando os

acontecimentos. — Eu pulo primeiro, se for seguro, você vem. Entendeu?

Ela balançou a cabeça afirmativamente.

— Tome cuidado.

— Tomarei — disse, depois a beijo no rosto e saiu.

Caminhou para o portão bem devagar. Aparentemente, não havia perigo algum. Acreditava que o perigo real estava dentro do manicômio.

Neste instante. A marcha do carro da polícia, parado ao lado do carro em que Júlia estava, engatou-se sozinha. O pedal da embreagem desceu até o piso do carro, sem que nenhum pé o empurrasse. A chave virou sozinha na ignição, como se uma mão invisível a comandasse. O carro ligou, o motor rosnou mansamente. Douglas ouviu o barulho e se voltou. Estava em cima do portão. Sem o menor aviso, o pedal da embreagem subiu, em seguida o do acelerador desceu até o fundo. O carro arrancou violentamente, cavoucando a terra com os pneus. Júlia gritou. O carro atingiu o portão com muita força, não suficiente para derrubá-lo, mas abalou suas estruturas, fazendo-o balançar-se violentamente para dentro e para fora de suas dobradiças chumbadas. Douglas literalmente

voou depois do impacto. Seu corpo rodopiou no ar, sem controle, acabando por cair no calçamento diante do hospício.

Com o choque, a viatura da polícia recuou para trás em diagonal, liberando a passagem e permitindo que Júlia avistasse o marido. Ela gritou novamente. Douglas não se movia. Então o carro da polícia desligou sozinho, ficando imóvel outra vez, como se nunca tivesse saído do lugar. Aparentemente, ela estava sozinha.

Loucura

Ele estava todo encolhido ali, num canto. Abraçava as próprias pernas, apertando-as contra o peito, como se isso pudesse protegê-lo. Estava tudo quieto, tudo escuro. Não sabia se era dia ou noite. Não sabia nada, e não se importava. Por enquanto estava seguro. Preocupava-se apenas com a volta do maluco. Antes, não gostava de se referir assim a eles. “São doentes”, dizia, “não malucos”. Mudou de opinião depois de conhecer Mateus. Não que ele não fosse doente. Ele era, doente e maluco, e era tudo isso no sentido mais perigoso da palavra. Abandonou esses pensamentos assim que tomou consciência deles. Não queria pensar em Mateus. Era perigoso pensar nele. Precisava controlar seus pensamentos, evitar o maluco,

mas não era fácil. Há muito tempo Mateus passou a fazer parte de seus pensamentos diários. Contudo, queria saber o que estava acontecendo lá fora. Ouvira gritos, tiros e barulhos que não podia identificar. Queria saber, precisava saber, mas não queria e não precisava. O quê? Estava ficando louco? Estava. Sabia disso, mas não queria saber.

(Louco.)

— O que é a loucura? — perguntou para o aposento vazio.

(É um modo de vida.)

— Não o meu!

(Mas pode ser. Já pensou nisso?)

— Não quero pensar. Dói.

(Não quer pensar? Você está maluco?!)

— Não! NÃO ESTOU MALUCO!!!!!!!

(Isso é o que você diz, meu chapa!)

Estaria louco? Não sabia se falava com Mateus ou consigo mesmo. O que é a loucura? Um modo de vida? Uma doença? Talvez as duas coisas, mas que diferença faria saber? Pois sabia que era um caminho sem volta. Lera em algum lugar, que um homem que já teve um

ataque dos nervos, jamais voltaria a ser como antes. Era como um vaso quebrado. Pode-se até remendar os pedaços, mas ele nunca volta a ser o mesmo. Mas isso também não importa e talvez isso seja loucura: não se importar com nada.

— Voz? Cadê você?

(Não há voz nenhuma. Você está louco!)

— Não, por favor! Não pode ser!

(Sabe de uma coisa, você é um idiota!)

— Não entendi.

(Você é muito chato, chato demais para ser louco.)

— Não diga isso, eu posso ser louco, sei que posso!

(Haahahaha, você é uma figura, Sampaio. Não! Você é um álbum inteiro!)

— Eu sou?

(Pode apostar!)

— E isso é bom?

(Isso é você quem tem que saber.)

— Não compreendo.

(Não precisa. Por isso é bom ser louco.)

— Acho que estou entendendo. Nada importa, por isso é bom ser louco.

(Isso.)

— Acho que vou gostar se ser louco.

(Mas pode ser perigoso ser louco.)

— Como?

(Você tem medo?)

— Um pouco.

(Um pouco é natural, mas o que eu quero dizer é: você tem medo, assim, Medo?)

— Acho que tenho.

(É, Sampaio, acho que fritei mesmo o seu cérebro.)

Noutro sonho

Douglas abriu os olhos. A cabeça doía bastante. Levantou-se todo sujo de terra, ia acenar para Júlia, quando notou que não estava mais diante do manicômio. Apesar de estar sujo, não havia terra no chão, aliás, no piso. Olhou em volta. Estava em uma espécie de salão. Havia muitas janelas, um piano branco e muito vento. Caminhou para a enorme porta, que dava para uma colina.

Neste instante, ouviu passos no piso. Alguém corria em sua direção. Voltou-se a tempo de se desviar do traiçoeiro golpe. Era uma moça. Muito bela. Estava descalça e com um lindo vestido branco. O machado havia se cravado no beiral da porta. Ela puxou o machado e rapidamente ergueu-o sobre a cabeça. Desferiu novo

golpe. Douglas saltou, rolando para dentro da sala. O machado cravou-se no chão, há vinte centímetros da cabeça de Douglas. Ele rolou novamente. A mulher ergueu novamente o machado e correu em sua direção.

— Espere! — gritou Douglas enquanto saltava o piano. O machado desceu atingindo o centro do instrumento. Um grupo dissonante de notas ecoou por todo o salão.

Ela contornou o piano, e o encurralou num canto da sala.

— Quem é você? Não podemos conversar?

Habilidosamente ela girou o machado sobre a cabeça, desferindo em seguida um golpe, descrevendo uma descida em direção ao tórax de Douglas. Ele saltou para trás com braços e pernas abertos, soltando todo o peso de seu corpo, na esperança de escapar da lâmina. Conseguiu, mas atingiu a janela com as costas, voando através dela, para cair e rolar sobre o gramado.

Levantou-se meio tonto, constatando que a moça não o seguia. Ela estava parada, fitava-o da janela quebrada, rosnado para ele. Por algum motivo, que Douglas desconhecia, ela não podia afastar-se do salão.

Era como se houvesse sido criada com ele. Não sabia bem porque pensava assim, parecia coletar estas informações do próprio ar.

Levantou-se apertando o ombro esquerdo. Nele, havia um pequeno estilhaço de vidro. Todo um lado de sua camisa, já havia tornado-se vermelho. Puxou o pedaço de vidro bem devagar. Cerrou os dentes, grunhindo ao arrancá-lo por completo. Olhou em volta e não acreditou no que via. Parecia ridículo, mas havia uma estreita estrada de tijolos amarelos cortando o cenário verde. Não sabia onde estava, mas com certeza não era no mundo real.

— Mundo bizarro — disse baixinho.

Foi justo neste instante que ouviu o que pareciam ser animais correndo no mato. A matilha surgiu do nada, e rapidamente cercou o mecânico. Por alguns segundos, ele ficou em dúvida se devia voltar para o salão ou enfrentar os cães. Correu para o lado oposto ao que os cães haviam surgido. Desceu a colina pela estrada de tijolos amarelos, correndo o mais que podia. Olhou por cima dos ombros, e vendo que os cães estavam prestes a alcançá-lo, gritou enquanto corria. Foi um ato desesperado de quem não queria morrer.

— Por aqui!

A voz não estava longe e era sua única chance. Correu em sua direção esperando encontrar um abrigo. Abandonou a estrada e entrou no mato. Viu entre as árvores, o que parecia ser uma pequena casa de madeira. A porta estava aberta, saltou para dentro, rolando no piso rústico. Alguém dentro da casa fechou a porta. Douglas pode ouvir os cães se chocarem violentamente contra ela.

Douglas levantou-se bufando, quase sem fôlego. Estava escuro dentro da cabana, mas pode ver o vulto de alguém sentado contra a porta.

— Obrigado — disse ainda bufando.

O vulto riscou um fósforo e acendeu um pequeno lampião antigo. A luz opaca revelou um rapaz muito ferido. Douglas julgou serem mordidas, muitas delas. O rapaz depositou o lampião no chão e recostou-se na porta com muito esforço.

— Não se preocupe — disse com uma voz muito cansada. — Os cães não entrarão na casa.

— Quem é você?

— Tel.

— Douglas, prazer.

Douglas lembrou-se do piano branco no grande salão. Lembrou-se também, que Júlia havia dito sobre o cego ter um plano.

— Por um acaso você não toca piano, toca?

— Toco.

— Então você conhece minha esposa, Júlia! Espere. Você não era cego?

— Nos sonhos ninguém é cego. Estamos no meu sonho, pelo pouco que posso entender. Pensei que através dele, poderia chegar até o cara do machado. Mas era uma armadilha. Quase consegui, mas os cães me pegaram. Por sorte, lembrei que tinha me baseado na fazenda de meu avô para criar a colina. Consegui me desvencilhar dos cães e resolvi procurar a casa de meu avô. Dei sorte.

— Você está muito ferido!

— Eu sei, mas acho que da pra agüentar! — disse sorrindo. Era um sorriso feio. Havia sangue nos dentes do cego. Douglas sabia que ele não viveria muito. — Precisamos matar aquele cara!

— Sim, mas como?

— Tenho um palpite. Seguir a estrada de tijolos amarelos. O problema é que há um muro não muito longe daqui. Muito alto. Três metros talvez, não sei. Não tive muito tempo para olhá-lo, estava ocupado com os cães. Acho que se atravessarmos o muro, podemos deter o canalha.

Douglas permaneceu em silêncio. Estava pensando.

— Por que ele me trouxe aqui?

— Talvez ele pense que é melhor enfrentar você aqui, do que no mundo real.

— É, provavelmente é isso. E se eu quiser voltar? Não posso simplesmente acordar?

— Acha que eu já não tentei?

Douglas não havia pensado nisso. Estava preso no sonho de outra pessoa. Nada poderia ser mais bizarro do que isto. Sentia-se impotente, não sabia o que fazer. Foi Tel quem rompeu o silêncio.

— Temos que atravessar aquele muro, não há outra alternativa.

— Você acha que consegue?

— Se você detiver os cães, eu consigo!

Descanso e loucura

Norma não sabia onde ficava a cela de Mateus, o que dificultaria bastante sua tentativa de resgate. Sabia que sua mãe estava ali, só precisava encontrá-la. Caminhou a esmo por vários corredores vazios e terrivelmente silenciosos. As celas estavam abertas, vazias. Isso a assustava ainda mais. Por um momento, sentiu sua mente pesada, a visão turva, a arma em suas mãos parecia pesar uma tonelada. Os corredores tornaram-se tortuosos por um momento. Caminhou contra sua vontade, como se estivesse sendo guiada por controle remoto. Tomou certa direção sem ter muita certeza de que era realmente uma escolha sua seguir por ali. Subitamente sentiu sua mente voltar ao normal. Decidiu seguir por ali mesmo, achou que

o maluco a estava conduzindo na direção certa. Ledo engano.

Parou diante de uma porta branca de vai e vem. A fórmica branca da porta estava muito riscada, em sua maioria por palavrões. Todos pareciam ser riscos novos e no maior deles, lia-se: “*O REI REINA AQUI, VOCÊ SABE QUEM!*”. Atravessou o limiar e encontrou-se dentro de uma ampla cozinha. Assim que entrou, soube que havia caído em uma armadilha. Tentou voltar por onde havia entrado mas não conseguiu. A porta de vai e vem estava rígida, como se mãos invisíveis a segurassem. Do outro lado da grande sala, uma outra porta se abriu. Era um convite. Teria de atravessar toda a cozinha para sair dali. Havia duas mesas enormes, muitas panelas penduradas e armários que cobriam todas as paredes.

Norma levantou o rifle e começou a caminhar. Seus passos ecoavam pela cozinha, dando ao lugar um aspecto frio e de abandono.

Norma pulou quando uma gaveta se abriu sozinha. Não era difícil imaginar o que aconteceria em seguida. Mateus não era muito original. Talheres de todos os tipos começaram a voar por toda a cozinha. Ela corria de cabeça

baixa, enquanto facas de todos os tipos e tamanhos cravavam-se nas portas dos armários sobre sua cabeça. A porta de um armário baixo se abriu na hora em que ela passava. As penas de Norma chocaram-se contra a porta do armário e ela rolou pelo piso da cozinha. O rifle escapou de suas mãos e deslizou para o outro extremo da cozinha.

Por um momento, a dor em seu corpo pareceu pesar demais. Seus ferimentos pareciam gritar. Levantou com grande esforço a cabeça, vislumbrando a arma fora de alcance. Queria esquecer, deixar-se dominar e morrer. Mas algo aconteceu. A imagem de sua mãe nas mãos daquele doente flutuou diante de seus olhos. A imagem não durou mais que meio segundo, mas foi suficiente para conduzi-la de volta a ação. Tinha que sair dali, mesmo que fosse rastejando. E foi o que fez. Rastejou alheia a chuva de metais. Percebeu que “ele” não queria acertá-la. Por mais descuidada que fosse, as lâminas apenas cravavam-se ao seu lado. Algumas chegavam muito perto. Norma pulava a cada apunhalada, incapaz de conter pequenos gritinhos.

A tensão em sua mente era impossível de ser calculada, ou descrita. Uma torrente de pensamentos

nebulosos inundava todas as reentrâncias de sua consciência. Pensava na mãe, no louco, na cidade em fuga, nas ruas vazias. Pensar na cidade fazia gelar o coração. Sempre teve medo de grandes espaços, solidão. Imaginar-se numa cidade deserta, cheia de casas, camas e tudo mais abandonado e esquecido, era terrivelmente pavoroso. Pensou na cidade como um grande túmulo. Um túmulo imenso, maior que o dos faraós. Há única diferença, é que neste túmulo, não existiam tesouros.

(Mas um Rei Reina aqui...)

A voz veio do nada e Norma preferiu deixá-la assim. Continuou rastejando, o piso frio era um seguro elo com a realidade. O ferimento no braço era o que mais incomodava. Era terrível arrastar-se, forçando a ferida mais e mais, puxando o corpo, galgando o piso gelado. O barulho dos talheres pipocando pelo aposento era torturante. Num momento em que a fadiga ameaçava turvar seus pensamentos, ela gritou por silêncio.

— CHEGA!!!

No mesmo instante e sem o menor aviso, todas as peças metálicas que voavam, caíram. Os talheres

pipocaram no chão, silenciando logo em seguida. Só o eco de seu grito parecia perturbar o novo silêncio.

Ela parou e descansou. Deixou que sua testa tocasse o piso. Sentiu o choque térmico trazer-lhe um pouco de alívio. Respirava com muita violência, o esforço era demais. Sentia muito sono. Olhou para a arma ainda distante. Algo pareceu movê-la. Norma pensou que o cansaço estivesse provocando-lhe algum tipo de ilusão. Mas depois se lembrou com quem estava lidando. Com certeza a arma havia se movido. Aconteceu de novo, só que desta vez não houve dúvidas. A arma girou lentamente e sozinha. Girou até que a boca do cano estivesse apontada para ela. Caso fosse disparada, Norma não teria chance alguma. Seria um tiro certo.

— Não... — gemeu em meio ao pranto que brotava violento. — Não agüento mais...

Norma pode ouvir um clique seco, que indicava que a arma havia sido engatilhada. Fechou os olhos e abaixou a cabeça. Estava esperando o tiro. Pensou que seria melhor assim. Estava cansada. Certamente a morte seria uma benção. Rezava apenas para que não doesse muito. Tinha medo da dor. Não sabia ao certo o que

pensar em relação a sua mãe. Sabia que se perecesse sua mãe estaria condenada, mas sabia que seu limite havia sido atingido.

— Perdoe-me...

Queria saber por que demorava tanto. Chegou até a pensar que talvez já tivesse acontecido. O tiro já havia sido disparado. A bala já havia dilacerado seu crânio. Gostaria muito que a morte fosse assim: ficar em silêncio, de olhos fechados. Havia descanso. Gostava da sensação que o piso frio provocava. Era uma sensação gostosa, estava relaxando.

Um ruído a tirou destes pensamentos. A arma deslizou até ela. Parou a apenas alguns centímetros de seus braços estendidos e cansados.

O desgraçado estava brincando. Para ele, tudo não passava de uma simples brincadeira. Gato e rato. Na cabeça de Norma, o rato havia saído da toca, parecia ter descoberto como matar o gato. Uma maldita brincadeira, uma brincadeira bizarra. Apenas uma peça num jogo insano e insólito. Isso a deixou enraivecida. Reuniu toda a sua força e se levantou gritando. O grito de ódio também ecoou pelos corredores.

— Agora você me deixou puta!!! APAREÇA!!!!

(Vem me pegar, meu bem... se tiver coragem!)

Os vermes entram em cena

As paredes acolchoadas da cela de Mateus haviam sido arrancadas. Com o poder de sua mente ele moldou com elas uma poltrona, um trono. A mãe de Júlia estava nua na poltrona. Ela não estava sentada na poltrona, estava afundada nela, fazia parte dela. Era como se houvesse na poltrona, um desenho em alto relevo de uma mulher nua. Mateus gostava da idéia. Gostava de sentar-se sobre ela.

Sentado em sua poltrona nova, ele pensava, tal qual um rei em seu trono.

“Pesada é a coroa que carrega a cabeça”, pensou, “ou será: pesada é a cabeça que carrega a coroa?”, ou algo assim.

O ato de pensar havia se revelado como um novo prazer, algo que já conhecia, mas não gostava. Assim como uma criança que saber ler, mas detesta. E num momento qualquer, por um motivo banal, simplesmente acaba por se apaixonar pela literatura, pela magia de incontáveis possibilidades contidas em um único volume desta coisinha miraculosa chamada livro, descobrindo um prazer oculto no ato de ler. Claro que seu *novo pensar* despendia muita energia, mas era através deste mesmo novo pensar que conseguia reabastecer suas baterias.

Agora, Mateus estava concentrado em um novo propósito. Ele queria dar vida aos vermes. Seus vermes! Suas parasitas de pensamento. Aos seus vermes caberia a função de espalhar seu evangelho. Havia visto os vermes em sonhos, antes mesmo de seus poderes se manifestarem. Sabia que agora era possível criá-los, e era isso que pretendia fazer.

Pensou em Sampaio. Sim, o medíocre diretor e carcereiro. Ele seria sua cobaia, seu primeiro verme. Os cães eram apenas ilusões, não existiam de verdade. Fazia com que seus peões, Douglas, Norma e os outros apenas acreditassem neles. Por isso continuavam, mesmo feridos,

pois não eram ferimentos de verdade. Eles apenas pensavam que viam cães, que na verdade não existiam. É claro que poderiam ser fatais, mas só se Mateus assim o desejasse. Agora, Sampaio seria seu primeiro verme. Daria a ele uma pequena dose de poder, abriria um pouco a mente do coitado, mas não muito. Antes, porém, precisava fazer algumas alterações em sua cabeça. Primeiro Mateus entrou em sua mente, manipulando as emoções do diretor. Sampaio tinha que amá-lo, pois só assim não iria trai-lo, utilizando o poder para si. Assim o fez. Agora, Sampaio era mais fiel que um cão. Morreria por seu dono se preciso fosse.

Claro que isso não era tudo. Precisava mudar um pouco a aparência do velho, assim como havia feito com os cães. Seria um toque de poesia. Não poderia criar um monstro, sem lhe dar tal aparência. Desta forma, manipulou um pouco a estrutura do homem. “Um pouco”, não foi bem o que ele fez, ele literalmente construiu um monstro, uma besta. Agora, precisava apenas testá-la.

Frente ao verme

Júlia não podia esperar mais. Precisava alcançar o marido. De dentro do carro, e em suposta segurança, ela podia ver a corpo de Douglas, torcido, imóvel. Será que seu marido ainda estava vivo? Como chegar até lá?

Desesperada, estudava o cenário em volta, tentando encontrar uma maneira de chegar até Douglas. Neste instante, seus olhos pousaram-se sobre as danificadas dobradiças do portão. O carro da polícia, ao se chocar contra as grades, havia abalado seriamente as estruturas do portão. Poderia ligar o carro e jogá-lo através das grades. Esta lhe pareceu a melhor opção, mas ainda havia um pequeno problema. Douglas havia caído perto deste mesmo portão. Ela tinha medo que talvez ele pudesse ser

atingido. O portão parecia ser muito pesado, com certeza mataria seu marido, caso as pesadas peças metálicas o atingissem.

Estava indecisa. Talvez Douglas já estivesse morto. O que não podia, e não queria, era ficar ali parada, sem nada poder fazer. Virou a chave do carro, ainda indecisa. Engatou marcha ré, afastou o carro tomando distância. Ainda estava indecisa. Engatou a primeira marcha, puxou o freio de mão, pisou no freio e acelerou até o fim, ainda indecisa. Os pneus do carro começaram a cuspir terra, mesmo com o carro parado. Por fim, e ainda indecisa, soltou os freios e segurou o volante em linha reta. Mantinha os olhos bem abertos, pois precisava parar assim que atravessasse as grades, ou poderia atropelar seu marido.

O carro seguiu em linha reta, esbarrando de leve na viatura da polícia que quase impedia a passagem, para finalmente chocar-se violentamente contra as grades. Os portões explodiram para dentro, um voou muito alto, para em seguida cair muito longe. O outro, recusou-se a se soltar do muro, girando para dentro, forçando e torcendo as barras de aço. Júlia perdeu o controle do carro, que

seguia na direção em que Douglas estava. Segurou o volante e girou a peça o mais que pode, rezando para haver tempo. Gritou muito alto quando o carro passou por cima de algo. Olhou para trás, esquecendo-se do manicômio logo à frente.

O carro atingiu a parede com tanta violência, que a atravessou, parando dentro de um amplo salão, ao chocar-se com outra parede. O carro fora bastante danificado, as portas haviam-se estufado para fora. Júlia não conseguia ver nada, havia muito pó flutuando dentro da sala. O carro fora coberto de pó de concreto, Júlia desceu do carro e mal pôde respirar. Correu para fora, passando através do buraco que havia feito na parede. Quando estava quase do lado de fora, sentiu seu pescoço ser agarrado por alguém.

A coisa girou Júlia como uma boneca, e encarou-a nos olhos. Fosse o que fosse não era humano, não mais. Parecia um meio termo entre homem e gorila, como aquelas figuras que retratam os homens de *Neanderthal* nos livros de História. Aquilo urrou para ela. Antes de ser arremessada, Júlia pode ler o crachá que estava preso num farrapo de camisa que envolvia a criatura. Ali se lia: “Sampaio – Diretor”.

Júlia voou alguns metros antes de atingir o gramado. Só então, lembrou-se que havia atropelado o marido. Esqueceu-se da criatura e buscou seu marido com os olhos. Não o havia atropelado. Havia passado por cima de uma pedra. Douglas continuava do mesmo jeito. Estava caído de costas, torto, imóvel, inconsciente ou morto!

O urro da criatura a fez esquecer-se de Douglas, pelo menos por hora. Sampaio, agora transformado em um *novo verme*, corria em sua direção. Ela tentou se levantar, mas foi interrompida pelo poderoso murro da criatura. Rolou sentido o gosto de sangue na boca. A criatura estava de pé em sua frente. Urrando por entre os dentes enormes.

De repente, algo aconteceu. A criatura subitamente parou de urrar. Olhava para o lado, com um ar bovino, mas curioso. Olha para o corpo de Douglas. Aparentemente havia perdido o interesse por Júlia.

— Não! — berrou para a criatura! — Ele não!

Inútil. A fera seguiu em direção ao homem. Júlia levantou-se com estranha agilidade, que não sabia possuir. Correu para a criatura e atirou-se sobre ela, caindo em suas costas. A criatura curvou-se um pouco para frente, cedendo ao peso da moça. Júlia aplicou-lhe uma gravata

no pescoço, apertou tanto quanto pôde, esperando deter o avanço do monstro. A criatura parou e berrou, esmurrando freneticamente o ar com os poderosos braços semi-cobertos de um espesso pêlo negro.

A criatura se contorcia mais e mais, jogando os braços para trás, na esperança de alcançar Júlia. Mesmo apavorada Júlia resistia, aplicando cada vez mais pressão no golpe. No entanto, sabia que não estava fazendo mal algum a criatura. Estava apenas incomodando-a, enfurecendo-a cada vez mais.

Por fim, a coisa conseguiu segurar um dos braços de Júlia. O poderoso braço a arremessou ao chão. Júlia sentiu a pancada, estava tonta. A criatura se curvou e pegou a pedra que Júlia havia atropelado. Júlia viu o objeto na mão da criatura, e lembrou-se de que não havia atropelado o marido, graças a Deus! Isso pareceu ser o mais importante. Ela sorriu. A criatura ergueu a pedra acima da cabeça, deixando claro que sua intenção era a de esmagar a cabeça da moça. Júlia fechou os olhos, não queria morrer.

— Não quero morrer... — sussurrou de olhos fechados. — Por favor, Não quero morrer...

A criatura urrou, avisando que estava pronta para desferir o golpe fatal. Júlia pensou se seria tarde demais para começar a rezar. Em meio aos urros da criatura, ela ouviu algo que pareceu ser um disparo. Abriu os olhos e viu um buraco do tamanho de uma bola de bilhar na testa da criatura. Uma linha de sangue escorreu pela abertura. A criatura caiu para frente, Júlia rolou para o lado, tentando evitar que a criatura caísse sobre si e a esmagasse. A coisa caiu morta ao seu lado. Olhou para frente ainda muito confusa. Viu uma jovem com um rifle na mão. Devia ser a moça que Douglas havia mencionado, só podia ser!

Norma parou diante dela e lhe estendeu a mão, ajudando-a a se levantar.

— Venha — disse sem emoção. — Preciso de sua ajuda.

Cãozinho feio

Douglas olhou por uma fresta na janela. Os cães ainda rondavam a casa. Não podia vê-los, mas sabia que estavam ali, ocultos pelo mato. Já estavam ali há horas, no escuro, pois mesmo num sonho o fluido do lampião não dura para sempre.

— Alguma idéia? — perguntou fechando a janela.

— Não. E você?

— Nenhuma!

Sentado no escuro, pensava como podia estar vivendo tudo isso. Estava sonhando, e mesmo assim sentia o corpo cansado, as pernas doloridas, tudo de forma muito real. Estes estímulos eram provocados pelo seu cérebro,

sabia disso. Tudo ilusão. Havia chegado a conclusão de que a mente humana era muito bizarra.

— E se os atraíssemos aqui para dentro? — sugeriu ao cego. — Poderíamos nos esconder noutro cômodo, trancá-los aqui e depois queimá-los. Acho que vi isso num filme.

— Não sei. Mas acho que pode dar certo.

— Sim, claro que pode. Ficaremos ali naquele quarto. Eu abro a porta da frente e corro para lá. Nos trancamos ali e esperamos. Com certeza eles irão entrar. Estarão seguindo nossos cheiros. Aí, eu pulo a janela e fecho a porta da frente pelo lado de fora!

— E se algum deles não entrar?

— Tenho certeza de que a maioria vai entrar. Se ficar algum, eu dou um jeito. Posso arranjar um pedaço de pau e arrebento o cretino!

O cego permaneceu alguns segundos em silêncio. Parecia estar checando os prós e os contras. Disse por fim:

— Não temos nada a perder. Bem, talvez, mas não podemos ficar aqui parados.

— De acordo!

Douglas levantou-se primeiro e foi até o quarto dos fundos. Havia uma grande janela no quarto e era bem baixa. Isso ajudaria muito. Tel levantou-se em seguida, parecia ter alguma dificuldade em ficar de pé. Mancou até o quarto. Douglas fez um sinal para ele, indicando que ficasse segurando a porta do quarto.

— Vou abrir a porta de frente e corro para cá. Assim que eu passar, feche a porta.

— Fique tranqüilo.

Douglas deixou o quarto, seguindo para a janela. Abriu-a um pouco, apenas o suficiente para olhar em volta. Certificou-se de que não havia nenhum cão mais esperto, escondido perto da porta, fora de ângulo de visão. Estava tudo tranqüilo, embora pudesse ouvir ruídos no mato. Fechou a janela e postou-se diante da porta. Respirou fundo antes de girar a trava. Pronto. Agora a porta estava apenas encostada.

Afastou-se para o quarto sem dar as costas para a porta. Até aí tudo certo. Até que o som de patas tocando o chão o fez apertar o passo. A porta explodiu para dentro. Um dos cães havia saltado de encontro a ela. A porta abriu violentamente e o cachorro rolou pela casa, quase

atingindo Douglas. O cão, ainda contorcido no chão, esticou-se todo, projetando o pescoço numa tentativa de abocanhar a perna de Douglas. Este, instintivamente lhe desferiu um vigoroso chute no focinho. Em vista disso, perdeu o equilíbrio e caiu. Olhou de relance para a porta. Os cães saltavam para dentro da casa, o eco dos rosnados era ensurdecador.

— Não... — gemeu Douglas, enquanto algo se fechou sobre seu pescoço.

Era o jovem cego que o puxava para dentro. Assim que atravessou o limiar da porta, Douglas rolou para fora de sua trajetória, para que Tel pudesse fechá-la. Fechou-a. Os cães chocavam-se contra a porta, e esta era mais frágil do que a porta da frente. Era uma questão de tempo até que os cães entrassem.

— Rápido — disse Tel. — A janela!

Sem mais demora, Douglas abriu a janela e se lançou por ela, esquecendo-se de que poderia precisar do pedaço de madeira que havia sugerido. Quando se lembrou deste detalhe, já estava contornando a casa.

Caminhou o mais depressa possível, tentando não fazer barulho algum. Assim que chegou à esquina da casa,

esticou o pescoço para o outro lado, espiando desconfiado. Tudo limpo. Correu e fechou a porta.

— Pode vir! — gritou para o cego, enquanto segurava o trinco da porta. Não sabia se os cães poderiam abri-la, mas achou melhor não facilitar.

Tel pulou com certa dificuldade, apoiando-se no parapeito. Assim que conseguiu se levantar, fechou a janela. Rapidamente tirou o cadarço de um de seus tênis e amarrou uma das pontas na cabeça de um prego da janela, e a outra em uma saliência na madeira da parede. Isso ia garantir que os cães não usassem a mesma saída que eles haviam usado.

Douglas olhou em volta, procurando no chão algo com que pudesse escorar a porta. Nada encontrou.

Quando soltou o trinco para procurar, virou-se para dar de frente com um cão. O bicho estava a um metro de Douglas. Era enorme, feio, rosnava e não parecia muito feliz.

— Tel! — gritou. — Fique onde está!

Sem saída

— Não podemos deixá-lo aqui. — disse Júlia apontando para o marido.

Norma estava agachada ao lado do corpo de Sampaio, que agora começa a voltar ao normal. Ela se levantou e recarregou a arma enquanto caminhava para perto de Júlia.

— Não podemos levá-lo.

— Mas...

— Não adianta! Nada do que fizermos vai deixá-lo seguro. Nossa única chance é deter aquele louco lá dentro!

Júlia já sabia disso. Mas a idéia de deixar o marido desacordado e indefeso, não lhe agradava nem um pouco. Ela viu que Douglas estava respirando. O ferimento na cabeça, não passava de um pequeno galo. No entanto, Douglas continuava desacordado.

— Vamos — disse Norma sem emoção alguma na voz. — Quanto antes isso tudo acabar, melhor.

Relutante, Júlia se afastou do marido. Caminhou ao lado de Norma para dentro do manicômio. Parou ao sentir um estranho volume no bolso da calça. Era um pequeno batom, desses do tamanho de um dedal e de cor indefinida. Correu para junto de Douglas e escreveu algo em sua camisa. O batom era fraco, mas seria impossível de não ser lido, caso seu marido acordasse. Assim que terminou, voltou para junto de Norma. As duas caminharam em silêncio até o buraco que o carro deixara na parede. Norma parou para dizer:

— Isto aqui é um labirinto, mas vamos encontrá-lo.

— Acho que “ele” é quem vai nos encontrar!

Sem mais palavras as duas seguiram pelo buraco na parede, caminhando sempre lentamente, temendo cada curva. Ambas sabiam que poderiam se deparar com

qualquer coisa, não se surpreenderiam se houvessem outras criaturas como aquela que tinham enfrentado. Mas isso não as impediu de prosseguir.

Caminharam sem maiores problemas, até que se encontraram diante das celas. Estes eram corredores sem fim, pontilhados de portas de ferro. Não havia janelas, só em algumas curvas e que se encontravam nas altas extremidades dos corredores. E mesmo assim, eram pequenas e com grades. As luzes fluorescentes davam um toque artificial aos corredores. Luzes brancas e fortes, que em sua maioria, pareciam sempre estar tremendo, zunindo. As duas moças resolveram caminhar mais devagar sob as luzes frias e trêmulas.

— Que barulho é esse? — perguntou Júlia, encolhendo-se ao identificar o som. — Parecem insetos!

Neste instante, um tapete negro dobrou a esquina do corredor. Milhões, bilhões de insetos avançavam rapidamente para as duas moças. Norma sentiu que era inútil apontar o rifle e, ao mesmo tempo, as duas puseram-se a correr na direção oposta.

Besouros, baratas e aranhas de todos os tipos pareciam unidos num único propósito: alcançar as moças a

qualquer custo. O zumbido era nada menos que infernal. Júlia corria cobrindo os ouvidos com as mãos, abelhas emaranhavam-se em seus cabelos, zunindo em seus ouvidos. Norma corria mais à frente, tentando visualizar uma possível saída. Não adiantava, por mais que forçasse a memória, não conseguia se lembrar por qual caminho haviam chegado até ali. Era preciso correr e corriam sem direção. Atravessavam os corredores sem certeza alguma de encontrar a saída.

O zunido crescia cada vez mais, era impossível ouvi-lo e não se desesperar. Talvez os insetos não existissem realmente, mas elas não sabiam disso.

Antes mesmo do enorme tapete vivo atingi-las, Júlia começou a se debater, como se houvesse insetos sobre seu corpo. Estava impressionada demais pela visão de tantos insetos juntos, estava apavorada.

Júlia caiu. Norma voltou-se para olhar, havia sido atraída pelo som da queda da companheira. Gritou ao ver o tapete negro literalmente engolir a moça. Voltou-se para frente, correndo como nunca havia corrido em sua vida. Os ferimentos não incomodavam mais, não os sentia, apenas corria, sentia apenas medo.

— Meu Deus, não! — gritou em desespero, ao ver que o corredor que tomara era um beco sem saída.

Os insetos continuavam avançando. Nem sinal de Júlia. Norma esticou os olhos, tentando ver onde acabava o negro tapete. Não conseguiu, pois ele sumia na última curva que havia feito.

Buscou desesperada. Havia uma pequena janela na parte de cima da parede. Era pequena, mesmo assim conseguiria passar, mas havia dois problemas. Primeiro teria que alcançar a janela, que estava a uns dois metros e meio do chão. Depois, teria que se livrar das grades, o que seria a parte mais difícil. No entanto, não havia tempo para planos elaborados, julgou que uma atitude desesperada teria maiores chances de resolver a situação. Ergueu o rifle nos ombros e disparou contra a grade. O primeiro tiro passou entre elas, provocando uma pequena fagulha de faíscas, atingindo apenas o vidro e perdendo-se em seguida do lado de fora. Engatilhou e disparou novamente. Neste teve mais sorte. Atingiu a parte inferior da haste central. A peça enferrujada partiu-se com facilidade. Mais ainda havia mais duas hastes verticais e duas horizontais.

Deixou cair os ombros. Era inútil, jamais conseguiria há tempo. Os insetos estavam apenas há alguns metros da moça. Norma começou a disparar a esmo em direção ao negro tapete. Pedacos negros das coisinhas voavam a cada disparo, mas não adiantou, eles continuavam seu avanço. Norma gritou e o tapete a engoliu.

Quando Tel deu a volta na casa, encontrou Douglas rolando, atracado com o cachorro. O jovem cego não sabia o que fazer. O cão havia abocanhado o braço de Douglas, que com muita dificuldade, mantinha o animal longe de sua garganta.

— ME AJUDA! — gritou enquanto rolava. —

RÁPIDO!

Tel correu para o bosque, precisava encontra algo que lhe servisse de arma. De onde estava, podia ouvir Douglas berrando. Mas no instante seguinte, ouviu o cachorro gritar e gemer. Depois silêncio.

Quando voltou, encontrou o cachorro se contorcendo. Ao lado, Douglas estava deitado de costa, bufando como um touro. Viu que Douglas tinha uma seringa nas mãos.

— O que aconteceu?

— Minha arma secreta — disse mostrando a seringa.

— O que havia nela?

— Vinagre. Esguichei nos olhos do bicho, depois o chutei.

— Ótimo! Vamos pular aquele muro.

Tel o ajudou a se levantar e ambos seguiram para a estrada de tijolos amarelos, rumo ao muro.

O cego caminhava com certa dificuldade, tinha febre, mas apesar disto, estava suportando tudo muito bem. Pensou que era por estar sonhando. Talvez essa fosse a explicação. Estava sonhando, sabia que podia morrer aqui, mas as coisas pareciam acontecer de maneira surreal, como num quadro de Dali.

Caminhavam em silêncio, cada um ocupado com seus próprios pensamentos. Foi neste instante que o jovem cego notou algo escrito na camisa de Douglas.

— O que é isso? — perguntou apontando para o peito de Douglas.

Douglas esticou a camisa para ler.

— É a letra de minha esposa. Está escrito em batom.

Na camisa, lia-se: "ESTAMOS LÁ DENTRO! JÚ".

— O que significa?

— Significa que ela está dentro do manicômio!

— Isso não é bom!

— Não é mesmo. Vamos nos apressar, no caminho eu te conto sobre como está a cidade!

Assim, eles retomaram a caminhada. Na verdade estavam quase correndo. Precisaram para algumas vezes, pois Tel voltou a sentir fortes dores nas pernas.

Minutos depois, os dois homens estavam parados diante do alto muro. Douglas constatou que era tão alto quanto Tel havia dito, talvez até mais.

— As árvores são altas o suficiente — disse Douglas. — Mas estão longe do muro. Uns seis metros talvez.

— Não consigo pular nem um metro, quanto mais seis.

— Calma, vamos dar um jeito!

Nesse instante, e sem o menor aviso, o muro ruiu.

Douglas jogou-se instintivamente para longe, rolando aleatoriamente no mato alto. Tel teria sido esmagado, caso houvesse destroços, mas ao invés disso, o muro simplesmente se esfarelou, virando pó, tijolo por tijolo.

A imensa nuvem de pó cobriu o jovem cego, Douglas achou que havia perdido a companhia. Por entre os supostos escombros, que na verdade não passavam de uma nuvem de pó de aparência maciça, Douglas pôde ouvir Tel tossindo.

Para Tel, pareceu que o muro, transformado em uma enorme enxurrada de escombros o havia realmente atingido. O cego sentiu o peso do espesso pó em seus ombros. Foi atirado contra o chão, onde permaneceu preso, até que todas as partículas tivessem beijado suas costas. Seus ouvidos zuniam, incapazes de registrar qualquer som que não o do estrondo ruir. Por um momento, era como se o mundo fosse reduzido a pó, diante de seus olhos e sobre seus ombros. Sentiu o gosto

de concreto na boca e quase sufocou. Tossiu com toda ânsia capaz a um ser humano. Ainda havia uma nuvem de pó que pairava baixa quando se levantou.

— Parece que não vai ser preciso pular, afinal! — disse Douglas sorrindo em meio ao pó.

— É, parece que não. — respondeu, meio indeciso entre rir ou chorar.

— Rapaz, que *CAGASSO!*

Os dois riram como crianças, Douglas apoiado nos joelhos e Tel batendo o pó de seu corpo.

— O muro virou pó!

— Por um instante, achei que também tinha virado!

Douglas riu mais com isso. Tel limitou-se a fazer uma careta.

— E agora? — perguntou Tel, ainda coberto de pó.

— Agora, vamos adiante!

Mundo confuso

Mateus cansou de brincar, havia chegado a hora de espalhar pelo mundo seu novo evangelho, sua nova ordem, seu novo mundo bizarro. Ele caminhava pela sala do trono de seu palácio, outrora um manicômio, pensando nas possibilidades. A duas moças estavam presas, coladas na parede pela força do pensamento. Não podiam se mover, mas estavam conscientes de tudo.

— Sabe, isso não está sendo tão divertido quanto pensei que seria.

Mateus não falava para ninguém em especial, apenas divagava consigo mesmo. Júlia parecia muito cansada, mantinha a cabeça baixa, respirando pesadamente. Norma

olhava para sua mãe, nua, indefesa, complemente dominada. Estavam muito cansadas, quase tiveram um ataque nervoso. Norma não saberia dizer se os insetos foram reais ou não.

— Acho que talvez seja hora de matar todos... todo mundo é claro. Como disse certa vez um amigo meu... bem, é claro que não o conheci e que ele não era amigo meu, pois apenas pensei nele agora, lia algo a respeito, mas não me lembro bem onde... mas não importa. — Parou. Tentava recapturar o fio da meada.

Olhou em volta, passeando os olhos por toda a sala, como que buscando alguma dica.

— Ah, sim! — disse por fim. — Como disse uma vez, Jean Rostand: “mate um homem e serás um assassino. Mate muitos e serás um conquistador. Mate todos e serás um Deus.”. Acho que é isso que realmente quero. Quero ser um Deus!

“Ele está completamente louco”, pensou Norma.

— O que você disse? — perguntou Mateus. — Ou melhor, o que você pensou?

Norma permaneceu em silêncio, apenas olhando e odiando o louco.

— Louco? É realmente isso que pensa?

Norma não respondeu.

— Isso é interessante, talvez você esteja certa, mas e daí? Mas é muito interessante, aliás... “muito mais louco é quem me diz, e não é feliz...”

Mateus fechou o rosto numa careta de confusão. Olhou para Norma com sincera estranheza.

— Do que estávamos falado mesmo? Bem, não importa, sou em quem manda aqui! Sou o Rei e serei sempre... — Parou abruptamente de falar. Começou a contorcer-se, como se estivesse sendo acometido de alguma espécie de ataque. Parou de repente. Norma pode identificar confusão em seus olhos.

— Onde estou? — perguntou confuso e assustado, apontando para a mãe de Norma. — E nome de Deus, porque aquela mulher está nua?

Este comentário atraiu a atenção de Júlia. Ela e Norma trocaram um rápido, mas elucidativo olhar, que significava que ambas haviam percebido e encontrado um calcanhar de Aquiles no qual poderiam direcionar um último disparo salvador.

Contudo, sem o menor aviso, Mateus chacoalhou a cabeça, como faz alguém tentando livrar-se de uma súbita tontura.

— Perdi a concentração por um minuto? Perdi a concentração por um minuto e o muro caiu. O muro caiu e eles vão atravessar! Aí eu os pego, pois o muro caiu e eles vão atravessar, aí eu os pego! Pego sim! Ah meninos, vamos brincar! Joguinho, joguinho, joguinho! Vamos lá!

Mateus sentou em sua poltrona e imediatamente dormiu. Júlia lembrou-se imediatamente de Tel. Com certeza Mateus estava se referindo ao jovem cego. Sabia que Tel estava em um sonho, tentando chegar até o cara do machado. Pelo jeito ele havia conseguido algo! Mas Mateus havia dito: “meninos”. Será que Douglas estava com Tel? Não havia como ter certeza, mas precisava de algo em que acreditar.

III
PARTE
NAS RAIS DA LOUCURA

“Um cadáver não revida agravos.”

William Blake

“O rato roeu a roupa do rei de Roma”

(trava-línguas)

Ao longo da estrada

Enquanto assistia o cenário se modificar bem diante de seus olhos, Douglas imaginava se Mateus estaria sondando sua mente ou não. Era certo que sim, mas de qualquer forma, resolveu arriscar.

— Tel, não olhe agora, mas o céu está mudando, e o mato também.

Tel acenou com a cabeça.

— Já havia percebido, queria evitar o comentário.

Ambos continuavam caminhando, olhando para frente, como se disfarçassem a conversa de alguém que os espionava de longe. Quase não moviam os lábios ao falar.

— Acha que ele está nos ouvindo?

— E importa?

— Tem razão.

Continuaram caminhando, seguindo a tortuosa estrada de tijolos amarelos. Sempre em frente, mas muito atentos às mudanças ao redor. O mato estava aos poucos sumindo, deixando que a grama fresca e nova dominasse o terreno novamente. O céu estava abrindo e um maravilhoso pôr-do-sol decorava o horizonte. Cada vez mais, o cenário se parecia com o original que Tel havia sonhado. Os dois voltaram a ouvir os sons de insetos e pássaros. Até o ar estava mais leve.

— O que acha que aconteceu?

— Não seu Tel, mas pode ser que o cara do machado esteja tirando um cochilo. Talvez seja isso, afinal, ele ainda é humano, precisa dormir.

— Será?

— Não sei, mas vamos aproveitar essa boa sorte, seja lá o que signifique e apertar o passo.

Nada mais foi dito. Seguiram adiante calados, e só não corriam, porque Tel sentia muitas dores nas pernas.

Alguns metros depois, o céu começou a se fechar novamente. Nuvens de um negro avermelhado cobriam

toda a extensão do horizonte, formando volumes nebulosos, densos demais para serem reais. Trovões espocaram ao longe e ecoavam por toda a planície. O som dos insetos havia sumido, o mesmo com os pássaros. Era como se nunca houvessem existido. Tudo isso aconteceu a uma velocidade espantosa, impossível de não ser notada. Os dois homens pararam imediatamente.

— Oh-oh , acho que o cara acordou!

— Éééé!

O silêncio era opressor, parecia que a qualquer momento iria comprimir e estourar os tímpanos dos dois companheiros.

— Alguma idéia? — perguntou Tel, sondando o mato que crescera a uma velocidade espantosa.

— Por enquanto nenhuma, mas te aviso assim que pensar em algo.

— Certo.

Douglas também sondava o mato. Isso parecia estar impresso no cenário. O cara do machado era louco e pouco original. Retirava seus ataques e ameaças de filmes e histórias de terror. Era óbvio que algo saltaria do mato a qualquer instante.

— Devíamos procurar algo que sirva de arma.

— É uma ótima idéia, Tel. Onde quer começar a procurar, no mato?

Tel balançou a cabeça negativamente.

— Não sei quanto a você, mas estou apavorado!

— Eu também!

— Isso não é normal Tel, esse medo que sinto não é meu!

— O filho da mãe está *sacaneando* a gente!

De leve e de muito longe, algo rompeu o silêncio. Por um curto momento, os dois quase sentiram alívio. Mas apenas por um momento.

— Está ouvindo?

— Sim! Parecem... unhas... garras?

— Raspando na estrada de tijolos amarelos!

Tel mal concluiu a frase e os dois homens já estavam em movimento, correndo para o mato.

— Uma árvore, Tel, suba em uma árvore!

— Acha que ele soltou os cães?

— Acho não, eu sei! Agora corre!

Tarde demais. A matilha zuniu rápida e violenta através do mato. Quando Tel saltou para um galho,

erguendo com seu próprio corpo com os braços, viu Douglas rolar com um cão mato à dentro.

— Douglas! — Gritou, numa inútil demonstração de solidariedade.

— Mas que MERDA! — Douglas gritou em resposta!

Surge a cavalaria

Havia uma estranha movimentação nos limites da cidade. O céu era um espetáculo à parte. Explosões elétricas o iluminavam em curtos intervalos. Bruno Bianchi voou de Brasília num jato particular diretamente para uma cidade vizinha ao Vale. Olhava para o céu, tentando entender o porquê de a tempestade se manter nos limites da cidade. Bruno era alto e encorpado, rosto magro e marcado. Cabelos cinza quase prata, um pouco ralos e de corte militar. Olhava para a estrada por de trás dos óculos de leitura, com os olhos duros como os de um falcão. Pensou na filha, em sua princesinha que queria fazer Direito e sentiu saudades. Os postes de luz que acompanhavam o asfalto até a cidade estavam tortos e

muitos danificados. Haviam sido atingidos por raios. Todos foram atingidos, pelo menos, até onde se podia ver. No entanto, a menos de dois metros de onde acabava oficialmente a cidade, os carros da polícia, dos meteorologistas e das emissoras de TV, permaneciam intactos.

O frio estava de rachar e os ventos pareciam cortar a pele ao menor toque. Em pleno verão, Bruno sentia-se ridículo de terno e sobretudo. Jogou fora o Marlboro pela metade, tentando sem sucesso, produzir alguma saliva em sua boca seca e amarga. Arrumou os óculos com a ponta do indicador e caminhou na direção do homem encima do furgão de meteorologia.

— Alguma melhora?

Teve que gritar para ser ouvido, tamanha era a força do vento.

— Nada.

Já sabia, sentia na pele. Como saber se haviam pessoas precisando de ajuda lá dentro? Não podiam entrar, não havia contato telefônico, nem de nenhum outro tipo. Precisavam mandar alguém para lá, mas e os raios? Bianchi fez um sinal com a mão e um dos oficiais da

Polícia Militar se aproximou. Lúcio Mendinari, secretário de Bruno, se aproximou também.

— Tire os repórteres daqui. Diga que há risco de vida ou algo parecido.

— Sim, senhor — respondeu respeitosamente o soldado e se afastou.

— Por quê? — perguntou Mendinari.

— Não gosto deles.

— Vai enviar alguém?

— Vou.

Bruno voltou-se novamente para o cara encima do furgão.

— O encarregado?

O homem apontou para dentro do furgão, Bruno acenou com a cabeça e entrou no furgão pela porta do carona.

— Boa tarde.

— O quê?

— Não se incomode com minha presença, não vai demorar muito e não vai doer nada — disse de forma curta e grossa.

Depois de um rápido movimento de mãos havia um Marlboro aceso em sua boca. Bruno segurou o cigarro entre os dedos e voltou a falar:

— Vou dizer o que você precisa saber e o que deve fazer. Depois você me diz o que quero saber e cai fora, entendeu?

— Mas...

— Entendeu?

O homem fez que sim com a cabeça.

— Tá, vamos primeiro ao que você precisa saber. Segundo os dados do seu Instituto, esta coisa dançando aí no céu não é de causa natural. Foi formada uma, digamos assim, comissão, da qual eu estou no comando. Minha tarefa é descobrir o que está acontecendo, e fazer parar o que quer que seja. Entendeu até aqui?

Novo sinal afirmativo.

— Ótimo! Bem, agora vamos ao que você deve fazer. Vocês estão aqui há mais tempo, e obviamente tem mais informações sobre esse... estranho fenômeno, digamos assim. Quero que me responda algumas perguntas, e se possível, quero que me apresente soluções. Depois você e o seu pessoal caem fora. Entendeu?

— Mas é uma chance única de estudar algo assim.

— Depois que terminarmos eu te mando uma apostila. Agora vamos às perguntas. O.k.?

Novamente um aceno de cabeça.

— Vocês já sabem o que causou isso?

— Não.

— Já imaginava. Tem alguma idéia de como fazer parar?

— Não.

— Hum... entendo. Sabe, pretendo mandar alguém lá dentro. Acha uma boa idéia?

— Não, senhor.

— É, foi o que pensei. Sabe, não existem motivos para esta conversa, gosto apenas de discutir as possibilidades, sabe como é, não sabe?

— Sei, sim senhor.

— Ótimo. Bem, de qualquer forma obrigado. Agora pegue seu pessoal e dê o fora.

Bruno saiu do carro sem esperar respostas ou comentários. Caminhou até Mendinari, jogou fora o cigarro e tossiu, mas pelo vento que pelo fumo.

— Vai enviar uma equipe? — perguntou Mendinari, ambos olhavam para o céu.

— Não, muito arriscado.

— Um só?

— É

— Quem?

— Eu.

— Por quê?

— Sei lá, intuição talvez. Faz muito tempo que eu não saio à campo.

— Você manda!

Quebra galho

Tel estava pendurado, agarrando-se como podia. Tentava desesperadamente enxergar através do verde que o cercava. Havia quatro cães esperando por ele, ali no pé da árvore. O som de latidos era quase ensurdecador, mesmo assim ele gritava. Estava chamando por Douglas. O companheiro havia rolado com um cão para o meio do mato. Podia ouvir latidos ao longe, mas de Douglas, nem sinal. Um novo medo o dominou, não queria estar ali, sozinho novamente. Douglas era um cara esperto, e precisaria dele para sair desta nova enrascada. Pensou, e conseguiu isolar duas possibilidades para o silêncio de Douglas. A primeira é a de que ele poderia estar escondido, o que na verdade era uma possibilidade bem

fraca, pois imaginava que os cães pudessem farejá-lo. A segunda, e que tinha chances de ser a verdadeira, era a de que Douglas estivesse morto. Por fim, deixou que o inevitável o vencesse. Douglas estava morto, contudo, rezava para estar errado.

Começou a pensar na hipótese de Douglas estar vivo. Não tinha muito que fazer e talvez isso o ajudasse a passar o tempo. Se Douglas estivesse vivo, poderia estar precisando de ajuda. Bem, isso não queria dizer muita coisa, pois ele próprio, também estava precisando de ajuda. Chamou Douglas mais algumas vezes, sem obter resposta.

— Merda! — gritou.

Os cães pararam de latir. Provavelmente haviam se cansado. Melhor assim, o som dos animais o estava enlouquecendo. Assim, podia pensar melhor. Olhou para baixo, viu que os cães estavam sentados em volta da árvore. Um deles estava se espreguiçando. Tudo real demais. Pensou que talvez os cães pudessem dormir. Era uma possibilidade ridícula, mas era uma possibilidade. Seu corpo doía. Pensou que provavelmente era mais fácil ele dormir, do que os cães. Com certeza, se isso

acontecesse, cairia sobre os cães. Morreria. Tudo bem se isso acontecesse, desde que levasse um ou dois consigo. De repente, morrer pareceu uma boa idéia. Pelo que sabia, quando se morria num pesadelo, a pessoa acordava. Era uma possibilidade, talvez a melhor do dia, mas era uma aposta muito alta para se cobrir. Tentou avaliar suas outras alternativas, que não eram muitas. Poderia ficar ali em cima até envelhecer. Claro que provavelmente algo iria acontecer antes disso, o cara do machado não ia esquecê-lo ali, por mais que Tel desejasse isso.

Olhou para o chão novamente. Um dos cães estava dormindo. Ótimo, agora só faltavam três. Muito bom. Neste momento, uma nova possibilidade surgiu diante de seus olhos, na forma de um galho de bom tamanho. Na verdade, de tamanho ideal. Não seria muito difícil de quebrá-lo, claro que poderia cair ao tentar, mas de repente, esta pareceu ser sua única saída. Esticou o braço e alcançou o galho. Em seguida, puxou-o com toda a sua força, que nesta altura do campeonato não era lá grande coisa. O Galho cedeu com um estralo, mais ainda ficou preso pela casca.

— Você não adora quando isso acontece? —
perguntou para ninguém em especial. Um dos cães resmungou lá em baixo.

Então, mais decidido do que nunca, começou a torcer o galho, na esperança de rebentar com a casca. Girou, girou, mas nada. Não sabia a espécie da árvore em que estava, mas a admirou pela resistência. Depois a odiou. Precisava daquele galho, como nunca havia precisado de um galho antes.

— Droga de galho! Solta, desgraçado!

Sem o menor aviso o galho se soltou, e Tel também. Caíram juntos, homem e galho. Tel atingiu o chão primeiro, ou melhor, o cão. Estava vivo, o cão no qual estava agora sentado, morto, não sabia bem como, apenas sabia que estava morto. O galho atingiu a cabeça de outro cão, não o matou, mas fez com que ele fugisse para dentro do mato. Os outros dois saltaram imediatamente para posição de bote. Estavam rosnado. Tel estava com a mão estendida no ar, faltando apenas alguns centímetros para pegar o galho. Os cães limitavam-se a olhá-lo, rosnando. Parecia um jogo de xadrez. O próximo

lance era de Tel. Assim que ele tivesse feito sua jogada, os cães fariam a próxima.

Tel mexeu um pouco os dedos, apenas testando a elasticidade, mania de pianista. Os rosnados aumentavam, mas nada além de rosnados. Ele imaginou que assim que fechasse a mão sobre aquele bastão, um dos cães fecharia a mandíbula em sua garganta. Era uma questão de agilidade. Tel se sentia um pouco enferrujado, mas esta situação não podia se manter por muito tempo. Para contrariar isso, os cães mostravam-se pacientes e dispostos a permanecerem ali, naquele duelo de olhos, o tempo que fosse necessário.

— Isso pode ser um sonho... — disse baixinho, mas com ódio. — Mas não vou morrer aqui!

Tel fechou a mão sobre o galho. No mesmo instante um dos cães saltou sobre ele. Tel foi mais rápido. Atingiu a cabeça do bicho com muita força. O outro cão saltou em seguida, Tel desesperado rolou para trás, mas antes de completar a cambalhota, conseguiu deter o bote da fera com um dos pés. Seu pé esquerdo havia atingido a barriga do animal, bem no meio de salto. Tudo muito rápido. Tel esticou a perna flexionada contra a barriga do

cão e ele voou longe, caiu, rolou e voltou para novo ataque. Tel ficou de joelhos, e levou o galho para cima dos ombros, como um jogador de beisebol. O cão não era muito inteligente. Saltou e Tel o atingiu seu crânio como se fosse uma bola. O uivo rolou e morreu.

Por um momento, ele deixou o galho cair. Deitou-se de costa no chão. Estava bufando. Agora, precisava recuperar o fôlego para encontrar Douglas. Sabia que havia mais cães, podia ouvir os latidos, não muito longe. Talvez Douglas também estivesse em cima de uma árvore.

Tel decidiu ir atrás do companheiro, mesmo que tivesse de enfrentar outros cães. Estava cansado de ficar em cima daquela árvore.

A travessia

Parecia uma idéia idiota usar um colete à prova de balas para entrar numa tempestade. Mas idéias idiotas desse tipo já haviam salvado a vida daquele homem por mais vezes do que ele podia contar. Bruno afivelou o colete por cima da camisa e da gravata, dispensou o terno, mas não o sobretudo. O vento parecia querer arrancar os cabelos dos homens ali reunidos.

— Nenhum equipamento elétrico vai funcionar ali. Nem celular, nem nada! — gritou Mendinari. O vento parecia levar o som das palavras para longe. — Acho loucura levar objetos de metal, inclusive a arma e colete!

— Acho que vou correr o risco.

— Você é quem sabe.

— Alguma indicação?

— Só a lógica! Se não é natural, deve existir uma fonte. Encontre-a e a destrua. Aqui está o explosivo! — gritou o secretário, entregando-lhe o pequeno pacote. — Você pode detonar a distância, mas tem que estar no mínimo à uns cinqüenta metros, O.k.?

— Sem problema! Hum... tem um maço de cigarros aí? O meu *tá* quase no fim.

— Claro pegue. Veja, este é um mapa da cidade, está estilizado para facilitar as coisas para você. — Mendinari abriu o mapa diante dos olhos de Bruno, depois o dobrou e o enfiou no bolso superior direito do sobretudo. — Olha, ir com o carro é muito perigoso, por isso você vai ter que ir a pé. Vai levar três horas até o centro da cidade, mas vamos de dar um prazo de seis horas... se você não voltar até lá, mandamos uma equipe.

— Negócio fechado. Até.

— Até Bruno Bianchi, vou estar aqui esperando com uma medalha com o seu nome!

— É, é... eu sei.

Bruno se afastou rumo a tempestade. Mendinari gritou alguma coisa, mas o vento insensível levou as

palavras consigo. Momentos depois, Bruno não passava de um pequeno ponto movendo-se na estrada que sumia tortuosa no horizonte.

Nenhum raio o atingiu.

Duas horas e meia depois, ele já havia chegado na cidade. Havia fumado o resto de sua carteira de cigarros e aberto a que Mendinari havia lhe dado. A cidade se apresentou para Bruno como esses cenários de cinema. Ruas desertas, carros amontoados, presos uns pelos outros. Ele tinha a impressão de que se atravessasse o limiar de uma daquelas portas, não encontraria nada além de uma fachada falsa, presa por enormes ripas de madeira.

Agora que estava aqui, precisava encontrar a tal fonte do distúrbio. Nada mais fácil. Já que a nebulosa que dançava no céu, parecia ondular em direção a um lugar mais afastado da cidade. Pegou o mapa que havia trazido consigo, abriu-o sobre o capo de um dos carros e acendeu outro cigarro. Ventava muito, mas o *Zippo* à prova de vento resolveu facilmente o problema. Girou o mapa, procurando nele o lugar em que as nuvens pareciam se dirigir. Havia duas propriedades ali, o resto era apenas pasto. Uma era uma antiga refinaria de álcool, a outra era

um manicômio. Na refinaria, com certeza, haveria muito metal, mas tinha um palpite sobre o manicômio. Subiu em um dos carros, buscando olhar até onde ia o mar de automóveis parados. Viu que mais adiante a rua ficava livre. Poderia pegar um dos carros. Olhou para cima, tentando calcular se os raios poderiam atingi-lo. Achou que seria difícil. A maioria dos prédios já estava com seus pára-raios destruídos, muitos com as fachadas em chamas, mas aparentemente nenhum raio havia atingido a rua. Um carro pouparia tempo. Enquanto estivesse cercado pelos prédios, poderia dirigir sem se preocupar com os raios. Com a ajuda de um veículo, voltaria antes de sentir fome. Pelo menos é o que esperava. Tudo o que tinha que fazer agora era caminhar até o ponto em que a rua ficava livre.

Foi neste instante que os cães surgiram. Bruno não entendeu bem, e nem se preocupou com explicações, era um homem de ação, simplesmente agiu. Era prático, experiente, funcional era a palavra ideal. Sacou girou nos calcanhares, mordendo o cigarro com os dentes expostos. Três disparos, Três cães caídos, mortos. Tudo muito rápido. Os animais haviam saltado por sobre os carros. Dois deles, Bruno acertou ainda no ar, um à menos de um

metro de sua garganta. O outro quase em suas costas. O terceiro vinha pelo chão, fora atingido quando estava prestes a saltar.

Havia mais cães, mas os disparos os mantiveram numa distância segura. Num movimento muito lento, mas firme e preciso, Bruno recarregou o pente da 9 mm, ajeitou os óculos com o dedo indicador e pôs-se a esquadrinhar o cenário, visualizando a posição de cada cão.

Contou seis, fora os três já fora de combate. Tinha balas suficientes, não seria problema sair dali. Mas porque diabos os cães não haviam fugido da cidade? Ao que se lembrava, cães tinham medo de tempestades. O ataque em si não fazia sentido, os animais pareciam estar sendo... controlados!? Será que a tempestade elétrica ou magnética, ou seja lá o que, estava mexendo com a cabeça dos bichos? Não tinham importância, contanto que ficasse vivo. Para ele isso era mais que instinto, era uma ordem, um dever. Pessoas em empregos normais morriam, abandonando assim suas responsabilidades. Ele não podia dar-se esse luxo.

Sem mais demora, seguiu adiante. Os cães o acompanharam bem devagar.

Objetivos?

Douglas olhou por cima do barranco, aparentemente os cães haviam parado de persegui-lo. Pensou que talvez tivessem pegado Tel. Pegou um pedaço de pau no chão e decidiu voltar. Parou ao se deparar com Mateus. O louco estava sentado em um galho de uma árvore, não muito no alto. Não pode deixar de notar a semelhança de Mateus com o *Gato Risonho* de *Alice no País das Maravilhas*. Os cães haviam sumido.

Mateus sorria, e balançava o dedo indicador da mão direita, em sinal negativo. Ainda balançava o dedo quando começou a falar.

— Não, não, não meu rapaz! Você abandonou a estrada de tijolos amarelos. Isso é perigoso, não sabia disso?

Douglas permaneceu em silêncio.

— É claro que você sabe, não é? Todos sabem!

— Você vai me matar?

— Não sei.

— O que você quer? Qual seu objetivo?

— Não há objetivo.

— Como não há?

— Ora, elementar meu caro Watson... se houvesse um objetivo, não seria loucura. Concorda?

— É, faz sentido.

— Claro que faz, a loucura é simples... simplifica as coisas por natureza. Mas também não faz sentido e não simplifica nada, pois do contrário não seria loucura. Acho que é um paradoxo. Ah! Sempre quis usar esta palavra: paradoxo. Claro que talvez não seja realmente um paradoxo, assim, como se diz, um paradoxo de verdade verdadeira, mas tanto faz, é loucura mesmo. O que me diz?

— E o que importa?

— Isso! Esse é o espírito da coisa. O que importa?
Mas diga-me, o que realmente importa para você?

— Não sei.

— Sabe, claro que sabe. Quer que eu diga?

— Se acha que sabe.

Mateus pulou do galho e sentou-se no chão.
Douglas sentia dores nas pernas, também se sentou.
Pretendia manter o maluco ocupado.

— A única coisa que realmente importa para você
é... espere. Vamos fazer uma charada, eu dou uma dica e
você tenta adivinhar. Está bem?

Douglas preferiu ficar em silêncio.

— “Quem cala consente”, não sabia? Não importa.
Aí vai a dica: o que realmente importa para você, começa
com “Jú” e termina com “lia”! Será que você é capaz de
adivinhar?

— Filho da puta!

— Filho da puta? Não, não conheço ninguém com
esse nome. Tem certeza que não é Júlia?

— Olha, me faz um favor, cretino! Acaba logo
com isso!

— Não acaba nunca, Douglas, meu velho, nunca! Isso é que faz a coisa toda ser divertida. Ela nunca acaba. Hoje este é o brinquedo: você e o cego passeando pelo sonho dele. Amanhã eu posso arrumar outro cenário. Você sabia que Norma é escritora? Sabia que ela escreveu um livro aonde um demônio vem para a Terra? E agora se prepare, aí vem o mais legal! Você sabia que eu posso por você, o cego, Júlia, Norma e quem mais eu quiser dentro do livro? Acredite, a menina é boa, os cães não são nada se comparado ao demônio do livro dela!

Douglas fez muita força para não gritar. Conteve-se, sabia que poderia enlouquecer diante disto. Tentava convencer sua mente de que isso não iria acontecer. Iria matar o desgraçado, tinha que matá-lo.

— E você vai ficar fazendo isso a vida toda? Vai ficar brincando com a gente para sempre?

— Você não entende Douglas. Tudo que estou fazendo, é manipular as mentes de todos vocês... nada acontece de verdade. Os cães nem ao menos existem. É tudo na mente de vocês... é como se estivesse hipnotizando vocês! Sou ou não um bom hipnotizador?

— Quer dizer que essas coisas não podem nos matar?

— Não Douglas, e aí é que está a parte mais legal. Aí é que está a beleza da coisa. Eu domino a mente de vocês, e seu disser para vocês morrerem, vocês morrem. Se eu fizer você acreditar que um cachorro cortou sua garganta, isso será aceito como real na sua mente, aí você morre.

Mateus cobriu os olhos com os punhos fechados e imitou um palhaço chorando.

— Isso não seria uma pena?

— Acho que sim.

Douglas se levantou, Mateus também. Douglas pôs-se a caminhar e Mateus também. Douglas parou de repente e Mateus fielmente o imitou. Era um palhaço, era louco! Ele estava imitando Douglas, o que mais o irritava é que era uma brincadeira de criança.

— Você não respondeu minha pergunta?

— E qual seria, Douglas meu velho?

Douglas respirou fundo, então perguntou:

— Você vai ficar fazendo isso a vida toda? Vai ficar brincando com a gente para sempre?

— Vou... Não é uma loucura? Mas se você cansou,
posso lhe dar uma folga...

Escuro

Tel abriu os olhos devagar, pretendia sondar o ambiente. Tudo continuou escuro, como se ainda mantivesse os olhos fechados. Aparentemente estava em casa, deitado em sua cama. Levantou-se devagar, pressentido que os ferimentos iam incomodá-lo. Isso não aconteceu. Não havia nenhum ferimento em seu corpo. Estava sem calças, mas lembrava-se que havia vestido o pijama para dormir. Estava em casa e estava cego novamente. Sondou a memória numa tentativa de entender o que estava acontecendo. Lembrava-se de estar no sonho, com Douglas. Havia caído de uma árvore e ia procurar o amigo. Talvez Douglas tenha encontrado o final da estrada

de tijolos amarelos e vencido o cara do machado. Por isso estava de volta. Tudo havia voltado ao normal.

Saiu da cama com cuidado, como se houvesse esquecido onde estavam os móveis do quarto. Levou algum tempo para se vestir, e mais tempo ainda para calçar os tênis. Saiu para a rua, precisava ter certeza. Lá fora, o silêncio era opressor. De alguma forma misteriosa, sabia que a cidade estava vazia. O silêncio era interrompido algumas vezes pelo estrondo dos trovões. Mesmo sendo cego, sabia que o céu estava estranho. A loucura ainda não havia terminado. Precisava encontrar Douglas, mas como? Era cego, e não conhecia realmente a cidade.

Concentrou-se para captar algum som, qualquer som que lhe desse uma dica de por onde começar.

Ouviu o que parecia ser um carro. Não muito longe. Começou a caminhar lentamente na direção do som. Mantinha os braços estendidos para frente, tinha medo de chocar-se com algo. Sentia-se um idiota por ter saído sem a bengala. Mas agora não poderia voltar. O carro poderia se afastar e ele não conseguiria ajuda.

O som estava aumentando, o que significava que o carro estava vindo em sua direção. O carro dobrou a esquina muito rapidamente, Tel ouviu o som do choque, um estrondoso estouro de lataria e vidros. Ouviu também os cães.

O cego estacou apavorado. Em seu atual estado, seria uma presa fácil. Após o som de colisão, o motor do carro silenciou.

Bruno é quem dirigia o carro. Ele havia passado maus bocados até chegar ali. Sem o menor aviso, os cães que o cercavam o atacaram todos de uma vez. Bruno ainda conseguiu acertar dois deles antes de ser mordido no braço esquerdo. Rapidamente, livrou-se do cão dando-lhe uma coronhada no crânio. Correu para o carro mais próximo, deu a partida pondo o carro em movimento. Teve que manobrá-lo e seguir pela calçada, pois a rua estava atulhada de carros. Contornou a esquina pela calçada e quase deu de frente com um poste. Conseguiu desviar no último momento e acabou perdendo o controle do carro. Este acabou voltando para a rua, atingindo violentamente os carros ali parados.

No instante seguinte os cães cercavam o veículo. Bruno não hesitou, disparando enquanto saía do carro. Por puro instinto, Tel jogou-se no chão ao ouvir os disparos. Bruno girava o braço e apertava o gatilho. Um último tiro soou isolado, seguido de um uivo de dor. Não havia mais sons de latidos. Tudo que restava eram os ecos dos disparos sumindo no ar.

Tel escutou passos em sua direção e permaneceu abaixado. Ouviu claramente os sapatos parando diante de sua cabeça.

— Levante-se.

Tel levantou, os olhos vazios, perdidos num mundo sem luz. Imediatamente Bruno soube que o rapaz era cego.

— Você está bem?

— Sim.

— Venha, vamos pegar um carro e sair daqui. Depois conversamos. Pode haver mais cães.

Bruno segurou o rapaz pelo braço e o conduziu a um dos carros no fim da rua. Ali os veículos estavam mais livres. Bruno manobrou o carro e minutos depois já estavam fora do centro da cidade.

— Tem certeza de que está bem? — perguntou ao cego, sem tirar os olhos da estrada.

— Tenho.

— Ótimo. Bruno, prazer — disse estendendo-lhe rapidamente a mão, que ficou parada no ar, sem resposta. Recolheu a mão ao lembrar-se que o rapaz era cego.

— Sou Tel, muito prazer. Você não é da cidade.

— Como sabe?

— Você não fala como o pessoal daqui. Não chega a ser um sotaque, mas posso perceber.

— Pois bem, você acertou. Mandaram-me aqui para saber o que está acontecendo, e talvez botar as coisas no lugar. Você sabe o que está havendo?

— Posso te contar, cara, mas você não vai acreditar.

— Bem, porque não experimenta?

— O.k., você pediu!

Tel contou tudo ao homem. Bruno permaneceu calado, o cego mal ouvia sua respiração. Como não podia ver o rosto de seu interlocutor, não sabia se ele estava acreditando ou não.

— Tem certeza do que está e dizendo? —
perguntou depois de um longo tempo.

— Absoluta! Você acredita?

— Olha, eu não fui escolhido para este trabalho à toa, não posso lhe revelar nada, pois tudo que já fiz até hoje, com exceção dos meus casamentos, é confidencial. Mas já vi muita coisa nessa vida, e... vamos ver! Mas pra falar bem a verdade não me importo se isso tudo é real ou não. Quero apenas tentar resolver a situação da melhor forma possível. Estamos quase chegando ao manicômio.

Tel não pode deixar de tremer ao ouvir essa palavra.

Esquecimento

Douglas abriu os olhos. Estava deitado do lado de fora do manicômio. Lembrava-se de que havia caído ali depois de subir no portão. Deu um pulo ao ver o corpo de Sampaio jogado quase ao seu lado. O homem estava seminu, coberto apenas por alguns trapos. Havia sido morto por um tiro na cabeça. Neste momento a atenção de Douglas voltou-se para o aviso em sua camisa. Júlia estava no manicômio, precisava encontrá-la.

Correu para o buraco que Júlia havia feito na parede com o carro. Atravessou-o, cercado de dúvidas. O que teria acontecido em sua “ausência”?

Seguiu pelo salão a passos firmes, sabia onde era a cela de Mateus, já estivera lá antes. Engraçado, na

primeira vez que foi até lá, teve medo de não encontrar o caminho de volta. Agora, no entanto, sentia-se capaz de entrar e sair deste horrível lugar, até mesmo de olhos fechados.

Alguns corredores depois, Douglas chegou ao que dava acesso à cela de Mateus. A porta estava aberta, teve medo, mas entrou mesmo assim.

— Júlia! — gritou, correndo em direção a esposa presa na parede.

— Douglas, oh meu Deus!

Douglas a beijou no rosto. Depois, percebeu que nada prendia Júlia à parede. Ela parecia estar fixada ali, como que pela força do pensamento. Olhou para o lado e viu Norma sorrindo para ele.

— Oi.

— Oi, Norma. Não se preocupem... vou dar um jeito. Cadê ele?

— Não sabemos — disse Júlia. — Ele disse que você viria, depois saiu.

— Temo só de pensar no que ele pode estar tramando. — disse Norma.

Douglas olhou em volta. Viu a mãe de Norma presa à cadeira.

— Meus Deus! Ele é insano!

— É, e não sabe mais o que está fazendo.

— Como assim?

— Ele parece estar perdendo o controle. Tem pensamentos confusos, às vezes perda de memória.

— É verdade — emendou Júlia.

— Talvez isso signifique que temos uma chance — concluiu Douglas sem muita certeza.

— Olá Douglas, que bom que você veio.

Douglas voltou-se para a porta. Mateus o encarava com um sorriso torto.

— Solte-as!

— Ora Douglas, você realmente não espera que eu faça isso, não é?

— O que quer? O que pretende?

— Não sei, sou louco!

— Então que diferença faz em nos libertar?

Mateus pareceu confuso.

— Não sei, acho que gosto de vocês!

Douglas saltou sobre Mateus, que o repeliu com um simples gesto. Douglas voou pela sala, atingindo violentamente a parede. Júlia gritou em protesto, mas Mateus não lhe deu importância.

— Ora Douglas, uma atitude tola dessas jamais surtiria efeito. Você é tão... *FÍSICO*!!

— Deixe-o em paz! — gritou Júlia, ainda presa à parede.

— Sabe Douglas, acho que me cansei de você... — disse com ódio. — Me dê uma boa razão para não matá-lo?

— Não! — gritou Júlia.

Douglas estava imóvel. Se Mateus não sentisse as ondas de pensamento do mecânico, até acreditaria que ele pudesse estar morto. Douglas tentava manter a mente vazia, sabia que Mateus estava sondando seus pensamentos. Sua arma secreta estava no bolso da calça, era tão simples que poderia funcionar. Acreditava que isso iria manter Mateus ocupado, que lhe daria um momento precioso, talvez, sua única chance. Esperava que a dor fizesse com que o louco perdesse o controle, mesmo que por alguns instantes.

Mateus caminhou até estar a um passo de Douglas.

— Levante Douglas, o louco aqui sou eu!

Douglas continuou como estava.

— Vamos, não seja assim. Seja um bom menino e se levante.

Douglas esboçou algum movimento. Fingia estar ferido, com dificuldades para levantar. Estrategicamente, levou a mão direita ao bolso da calça.

— Bem se você não vai se levantar, eu levanto você!

Mateus fechou o cenho numa careta de concentração e Douglas levantou no ar, flutuou até o teto, onde ficou preso. Graças a Deus podia mover os braços. Sem mais hesitar enfiou a mão no bolso e retirou o que trouxera. Mateus não teve tempo de reagir. Douglas arremessou a areia fina nos olhos do louco, que urrou enquanto se curvava cobrindo o rosto com as mãos.

Como esperava, Mateus não pode controlar seu poder enquanto gritava com os olhos ardendo. Douglas soltou do teto e caiu pesadamente. As moças também se soltaram da parede e a mãe de Norma despertou.

Imediatamente Douglas saltou sobre Mateus, tinha que agir rápido. Tinha que ser agora!

Mano a mano

Bruno estacionou fora dos muros do manicômio. O lugar não parecia diferente do centro da cidade. Possuía o mesmo ar de abandono. Bruno checkou as balas da arma e virou-se para o cego.

— É melhor você ficar aqui — Tel não discutiu. — Tranque o carro e espere. Se for preciso, você vai receber um aviso meu, se isso acontecer, fuja.

— O que quer dizer?

— Que se for preciso, vou explodir tudo que estiver aí dentro. Mas se for o caso, vou dar um jeito de avisá-lo, aí você corre. Acha que consegue?

— Consigo.

— Certo. Se você descer do carro e voltar na mesma direção em que viemos, vai estar encima da estrada, ela segue em linha reta uns cem metros. Tudo que tem a fazer é correr. Você tem que estar à pelo menos cinquenta metros para escapar da explosão, entendeu?

— Pode deixar, e... obrigado.

— Disponha.

Bruno desceu do carro, decidido. Trazia consigo tudo o que precisava. Atravessou os portões escancarados, parando diante do corpo de Sampaio. Seja lá o que estivesse acontecendo, havia alguém armado lá dentro. Bruno sacou a arma e entrou no hospital.

Dentro do grande salão, Bruno caminhou até a mesa da recepção, colocou a arma sobre a mesa, abriu uma das gavetas e deixou ali o explosivo que trazia consigo. Ativou o dispositivo de detonação por controle remoto e fechou a gaveta sem nenhuma cerimônia. Acendeu um cigarro, pegou a arma e seguiu pelos corredores. Se tudo o que o cego havia dito, fosse verdade, e no caso de escapar com vida desta loucura toda, consideraria a possibilidade de se aposentar.

O que Bruno não sabia era que a “arma secreta” de Douglas havia distraído Mateus. Desta forma o louco não tinha conhecimento sobre os explosivos na recepção do manicômio.

Não muito longe dali, Mateus e Douglas rolavam pelo chão do corredor. Mateus ainda enxergava com certa dificuldade, mas segurava fortemente a garganta de Douglas. Aparentemente o louco esquecera seus poderes, lutando no mano a mano contra Douglas. Este, conseguiu firmar o pé no estômago de Mateus, arremessando-o a certa distância. Mateus rolou e se levantou rapidamente.

— Acha que sou fraco? Você não sabe o quanto treinei em todos esses anos nesta maldita cela! Sabe, não se tem muito para fazer quando se está preso!

Mateus avançou. Douglas tentava desesperadamente recuperar o fôlego. O louco saltou sobre o mecânico e ambos caíram. Neste instante, Júlia apareceu, segurando Mateus pelo pescoço e o arrancando de cima de seu marido.

Ele se livrou da moça com certa facilidade, atingindo-a com o cotovelo. Ela se curvou sobre o próprio

corpo e caiu. Mesmo enfurecido Douglas aproveitou a distração, desferindo um violento soco em Mateus.

— Canalha!

Mateus quase caiu, mas voltou-se sorrindo para Douglas. Os dentes vermelhos, transbordando de sangue.

— Ora meu velho, vai com calma... assim podemos nos machucar!

Douglas desferiu outro soco, e outro. Por fim Mateus caiu.

— Vou matar você! — disse Douglas enquanto bufava. — Juro que vou!

— Ah Douglas, me poupe! — Mateus ainda sorria. — Me ajude a levantar e vamos conversar como dois cavaleiros.

De dentro da cela, Norma ouvia a tudo. Ela havia acabado de enrolar sua mãe com alguns trapos da poltrona, e estava agora indo ajudar Douglas. Júlia estava no chão, assistia a tudo paralisada.

— Sabe o que mais odeio em você?

— Não Douglas, me diga?

Douglas cerrou os dentes e avançou.

— Esse seu ar de intelectual! — gritou, chutando Mateus.

O louco rolou pelo corredor, quase atingindo Júlia. Ela gritou e se afastou engatinhando.

— Sabe Douglas — disse Mateus se levantando. — Estou cansado de brincar. Acho que você vai se arrepender de ainda não ter me matado!

Mateus levantou o braço, num movimento parecido com uma saudação nazista, e Douglas voou pelo corredor, atingindo com muita violência a porta de uma outra cela.

Mateus caminhou até ele.

— Sabia que você me machucou? — perguntou o louco, limpando o sangue do rosto com as costas da mão.

Douglas gemia no chão, abraçando o próprio corpo. Sentia muitas dores nas costelas.

— É Douglas, a brincadeira acabou.

Sem pensar

Bruno aumentou a velocidade quando ouviu sons de luta. Quando estava apenas a um metro da esquina do corredor que dava acesso a cela de Mateus, uma grande explosão de luz dominou todo o lugar. Bruno cobriu os olhos e sentiu que algo grande o atingia com violência. Um corpo. Uma mulher. Morta. Chegou tarde demais, pelo menos para a moça morta aos seus pés. Ela havia sido arremessada pela explosão. Não sabia bem o que havia explodido. Nunca em seus vários anos de experiência, havia visto aquele tipo de explosão. Havia energia, havia calor, mas não havia fogo, nem qualquer espécie de combustão. Ao que tudo indicava, a história do cego era verdadeira.

Bruno apoiou o corpo da moça de encontro à parede e dobrou a esquina. Viu um homem parado, olhando para uma mancha de carne e sangue na parede. A coisa na parede lembrava muito vagamente uma forma humana.

— Eu te avisei, Douglas... eu te avisei. Agora você não passa de um borrão na parede!

Mateus voltou-se de repente, encarando Bruno, que já mantinha a arma apontada.

— Não se mexa!

— Ora Bruno, meu velho, que isso?

— Como sabe meu nome?

Mateus sorriu.

— Você tem cara de Bruno.

— Tá, faz de conta! Agora coloca as mãos na cabeça, bem devagar.

Mateus obedeceu, ainda sorrindo.

— Você não pode me matar, não pode nem ao menos, me ferir.

Bruno disparou. O tiro arrancou a rotula do joelho esquerdo de Mateus. Ele urrou e caiu.

— Como? — gemeu com uma máscara de espanto estampada na face. — Eu não... como...

— Você pode ler mentes, até antecipar movimentos... mas eu posso agir sem pensar! Agir por instinto.

— Vou matar você — gemeu Mateus.

O louco tentava desesperadamente se concentrar, mas a dor na perna era muito forte. No entanto, Bruno sentiu a pressão no cérebro, algo como uma leve dor de cabeça.

Mateus, vendo que ainda não podia matá-lo à distância, rolou para dentro da cela. Norma o agarrou, dando mais e mais pressão em uma bem armada gravata.

— Agora moço! — gritou Norma de dentro da cela.

Bruno tentava avançar. Apontava a arma com a mão direita e com a esquerda comprimia a testa, a dor estava começando tontear sua mente. Bruno esfregou os olhos e avançou o mais rápido que pôde.

— Larga sua vaca! — protestava Mateus com Norma em suas costas. A perna doía demais, ele estava a ponto de perder a consciência.

Bruno entrou na cela e apontou para os dois.

— Largue a moça! — ordenou, ainda apontando a arma.

Mateus levantou os braços, segurando firmemente a cabeça da moça que o prendia. Norma gemeu um pouco, tamanha era a pressão do toque.

— Largue a arma você, ou quebro o pescoço dela!

Mateus voltou a sorrir. Bruno comprimiu os lábios, tinha que agir e não podia pensar. Disparou. Atingiu o outro joelho de Mateus. Ele urrou novamente e uma onda de dor atingiu a cabeça de Bruno, que cambaleou, deixando a arma cair. Norma nada sentiu, já que a emanção de energia não era direcionada a ela. O ataque mental de Mateus parecia estar fritando o cérebro de Bruno.

O louco gemia no chão, enquanto Bruno tentava vencer a tontura.

— Corra moça — disse à Norma. — Corra!

— Minha mãe! Não posso deixá-la!

Bruno olhou para mulher de aparência senil sentada no canto da cela.

— Ela pode andar?

— Acho que sim.

— Então a tire daqui! Agora!

Norma se moveu o mais rápido que pode. Segurou sua mãe pelos braços e a conduziu para o corredor. A mulher não ofereceu nenhum tipo de resistência, estava em estado de choque.

— Há um carro lá fora, o cego está dentro dele. Saia o mais rápido que puder! — disse Bruno segurando-a pelo braço. — Agora vá!

— Muito bem — disse Bruno voltando-se para Mateus e pegando a arma. — Agora somos só você e eu!

Fuga

Norma corria o mais rápido que o peso de sua mãe lhe permitia. Avançavam pelos corredores, rezava para que houvesse tempo. Não sabia bem porque o tempo era tão importante. Talvez fosse algo na voz daquele homem. “Saia o mais rápido que puder!”, ele havia dito. Talvez fosse isso, o ato involuntário de obedecer uma ordem, mas no entanto, parecia ser algo mais. O ar havia sido manipulado por Mateus, coisas fluíam ali, informações que vagavam de mente para mente.

Algo dizia à Norma que precisava se apressar, ou não conseguiriam escapar. Escapar de quê? Do louco? Norma não sabia, mas mesmo assim corria como o diabo!

Ao atravessar os portões viu o carro. Soltou sua mãe e ela ficou parada, como um boneco vivo. Bateu nos vidros, implorando para o cego.

— Abra! — gritou.

— Quem está aí?

— Norma, o cara de sobretudo me mandou. — Estava histérica, era a urgência que estava solta no ar.

E agora. Tel não sabia se o homem estava de sobretudo. Mateus poderia estar de sobretudo. Norma continuava esmurrando o vidro e Tel não sabia o que fazer.

— E o aviso? — gritou Tel contra o vidro.

Norma parou para pensar. Uma frase voltou ao seu cérebro: “saia o mais rápido que puder!”.

— Ele nos mandou sair daqui o mais rápido possível!

Claro que isso não provava nada, mas por alguma razão, Tel pode sentir a urgência no ar, aquela que era passada de mente a mente.

— O.k. — disse abrindo a porta do carro.

Rapidamente Norma conduziu sua mãe para o banco de trás, sentou-se ao volante, engatou a ré e partiu.

Os pneus cuspiram muita terra quando ela fez a volta, colocando o carro na direção certa.

— Sabe o que vai acontecer?

— Sim — disse o cego. — E é bom não estarmos aqui quando acontecer!

Norma pisou fundo no acelerador, seguindo rumo à cidade.

Dentro do manicômio, Bruno lutava para manter a consciência. Mateus ainda estava no chão, gemendo, mas também se concentrando. Bruno sentia a pressão aumentar em sua cabeça, piscou, mas já não conseguia enxergar direito. Lágrimas de sangue desceram pela sua face.

Mateus estava rindo, podia ouvi-lo, mas não vê-lo. Novo aumento de pressão e um filete de sangue escorreu de seu ouvido. Não ia conseguir atirar, precisava fugir. Enquanto Mateus limitava-se a gemer e rir, Bruno seguiu trôpego pelos corredores. Não enxergava direito, jamais encontraria a saída assim.

(Não adianta fugir, meu velho... vou fritar seu cérebro!)

Bruno se assustou ao ouvir a voz do louco em sua mente. Isso não era um bom sinal, significava que logo Mateus teria poder para matá-lo.

(Não há escapatória meu chapa, você vai morrer, você vai ver!)

Mesmo assim, Bruno continuava, precisava sair dali, pensar, raciocinar, ou melhor, precisava respirar! Seu cérebro era agora um emaranhado de imagens distorcidas e confusas. Mateus estava entrando, bagunçando o lugar. Estava tentando minar sua força de vontade, derrubar suas barreiras, e estava conseguindo. Não havia outra saída, há não ser aquela que havia planejado.

Bruno Sorriu. Mateus não entendeu. Bruno não resistiu mais, deixou que Mateus lesse seus pensamentos. Mateus viu os explosivos.

(Não!)

— Sim...

Mateus estava dentro da mente de Bruno, mas ainda não era capaz de dominar seu corpo. Bruno não sabia disso, mas arriscou assim mesmo. Mateus via pelos olhos de Bruno, e viu uma mão que não era a sua segurar

um pequeno detonador. Por mais força que fizesse, não conseguia impedir aquela mão.

*(Não! Você não vai apertar esse botãozinho...
Não!!!)*

— Sim...

Mateus urrou, tentando concentrar-se. Um filete de sangue escorreu de seu nariz. Bruno tentou pressionar o botão, mas seu dedo não se moveu. Mateus sorriu de leve. Havia vencido o duelo mental.

Bruno sorriu. Mateus não havia paralisado o dedo sobre o botão. Talvez se tivesse continuado a se concentrar, teria conseguido, mas quando Bruno simulou a paralisia, Mateus relaxou, e ele reuniu o que restava de sua força de vontade para apertar o botão.

(O quê?)

— Enganei você...

Bruno ativou o detonador.

EXTRAÍDO DO JORNAL LOCAL I

Primeiras semanas:

“População do Vale ainda se recupera da maior tempestade elétrica de toda a História. Uma tempestade sem precedentes no Brasil, obrigou as autoridades a evacuarem nossa pequena cidade, onde...”

“A misteriosa tormenta desapareceu do mesmo modo como surgiu: sem aviso ou motivo. Explicações de todos os tipos invadem nossas televisões, mas os cientistas e especialista mostram-se incapazes de nos fornecer qualquer explicação real sobre o fato que...”

“Fenômenos naturais ou causa humana? Não sabemos, e ao que tudo indica, nunca saberemos. Autoridades negam...”

EXTRAÍDO DO JORNAL LOCAL II

Semanas seguintes:

“Moradores do Vale do Touro já voltaram para casa. Apesar das várias mortes e da destruição que assolou a cidade, as pessoas mostram-se dispostas a retomarem suas vidas e esquecerem a tragédia que...”

“Foram contabilizados até agora, sessenta mortos e cento e cinquenta feridos, muitos ainda estão desaparecidos. Os raios que caíam sem piedade do céu destruíram alguns edifícios, causando incêndios e explosões. Muitas das vítimas, ainda não foram identificadas, a polícia pede que a população comunique

pessoas desaparecidas, a fim de ajudar nas identificações dos corpos e...”

“Segundo especialistas, a tempestade elétrica explicaria os diversos incidentes envolvendo eletrodomésticos e...”

EXTRAÍDO DO JORNAL LOCAL III

“A cidade do Vale do Touro foi palco de uma grandiosa batalha entre o Bem e o Mal. As autoridades, como sempre, negam tal fato, mas nossos intrépidos repórteres têm provas irrefutáveis, indícios de uma batalha entre o Senhor das Trevas, contra nosso Senhor Jesus Cristo. O ocorrido...”

“A batalha teria ocorrido no manicômio Municipal, culminando numa grande explosão. Obviamente como estamos vivos, é certa a vitória de Nosso Senhor, que sem sombra de dúvidas, devolveu o belzebu ao abismo circular e ao fogo do inferno.”

EPÍLOGO

Honra ao Mérito

O cego parou diante de uma sepultura que não conhecia. Teria dificuldades de encontrá-la se não fosse a ajuda de Norma. Eles já haviam visitado os túmulos de Douglas e Júlia, agora estava diante do túmulo do homem que os salvara. O homem fora enterrado no Vale. Os parentes não foram avisados, sua filha recebeu apenas um comunicado oficial que seu pai havia desaparecido em uma missão na Colômbia. Não houve menções honrosas que seriam no mínimo, justas. Parece que encarregados não tinham a menor interesse em tornar pública a verdade. Não pretendiam dispensar “pérolas aos porcos”, por assim dizer. Tel contou-lhes toda a história, mas só resolveram dar credito ao que havia dito depois que Norma confirmou tudo. Parece que a palavra de um cego não vale muita

coisa. Paciência, já estava acostumado e depois do que passou, parou de se preocupar com coisas sem importância. Não saberia dizer se a coisa toda foi resolvida da melhor maneira possível, como era a intenção do homem de, sobretudo. Talvez, longe disso. Nada falaram. Tel apenas se abaixou e tocou na lápide. Podia ouvir Norma chorando, mesmo que ela tentasse disfarçar. A menina havia passado por muita coisa, atualmente chorava por qualquer motivo. Sua mãe fora internada em estado de choque e na mesma semana os médicos descobriram o câncer. Os tratamentos começaram e por enquanto estava tudo bem, mas mesmo assim isso assusta.

Um outro homem se aproximou do túmulo.

— Vocês o conheciam? — perguntou ao cego e sua companheira.

— Sim, de certa forma. — disse Norma. — Ele salvou nossas vidas.

O homem de terno balançou a cabeça num sinal afirmativo.

— Ele salvou a minha também. Milhares de vezes... Andes de isso começar, eu disse que daria uma coisa pra ele... vim entregar...

O homem se abaixou ao lado do túmulo e permaneceu assim por alguns instantes. Em seguida retirou um cigarro do bolso do terno e o acendeu. Tragou longamente e depositou o cigarro aceso na lápide. Ficou imóvel, assistindo o cigarro queimar. Norma achou tudo muito estranho, mas imaginou que era uma despedida particular, por isso nada comentou. Quando o cigarro se apagou ele despediu-se dos dois com um gesto de cabeça, mas antes de sair deixou algo sobre o túmulo. Depois se afastou.

Tel ouviu o barulho do objeto metálico sendo colocado na lápide e se abaixou para tocá-lo. Passando o dedo indicador por sobre a inscrição pode perceber o que era. Tratava-se de uma medalha. Uma medalha de Honra ao Mérito.

Blumenau, 2000

SOBRE O AUTOR:

Hugo Maximo é trabalha como Coordenador de Projetos do Instituto Evoluir [www.institutoevoluir.org.br] e mantém seu site pessoal no endereço:

www.matrixordinaria.blogspot.com.

Hugo cresceu em uma biblioteca. Filho de bibliotecária, passava as tardes de sua infância em companhia de Monteiro Lobato e tantos outros, na biblioteca de Goioerê, cidade paranaense onde nasceu. Veio para Blumenau em 1995, onde concluiu seu primeiro romance, intitulado: **A Fábula: Cidade dos Desgraçados**, Editora Hemisfério Sul, 2001.

Possui mais dois livros publicados *não-virtualmente*: **A Cidade LOBO** e **O Caso da Cruz de Prata**, Ambos, Editora Estúdio Criação, 2007 (partes integrantes da **Coleção Jóias Literárias** em parceria com o Instituto Evoluir, para o **Projeto TROQUE LIXO POR LIVRO**, ilustrados pelo Mestre dos Quadrinhos Eugênio Colonnese.

É formado em História pela FURB-SC e lecionou durante sete anos na rede estadual de ensino. Atualmente, além de escrever Livros, Blog, Histórias em Quadrinhos e canções de Rock, presta serviço como Coordenador de Projetos culturais.

Entre em contato com o autor em:
www.matrixordinaria.blogspot.com

Em caso de interesse na publicação desta obra em versão *não-virtual* entre em contato com o autor através do e-mail:
hugo.maximo@gmail.com